



Coordenação
MARIA FILOMENA MÓNICA

Mais diários de uma Sala de Aula

Quatro professoras

Mais diários de uma Sala de Aula

O projecto *Diários de uma Sala de Aula* abrangeu docentes e alunos que deram o seu testemunho directo do dia-a-dia passado em algumas escolas portuguesas. Sob a forma de «diários», escritos com a salvaguarda do anonimato, o livro conta-nos o que se passa no interior das salas de aula sem «intermediários» ou «intérpretes». Em rigor, este projecto é infindável – e ainda bem. Todos os anos, novos alunos entram no sistema de ensino. Todos os anos, reabre-se um concurso nacional que movimenta milhares e milhares de professores pelo país inteiro. A riqueza e a diversidade dos depoimentos recolhidos levaram à publicação desta nova série, com o título *Mais diários de uma Sala de Aula*. Para o bem e para o mal – sobretudo para o mal – confirmam e reforçam a impressão que tínhamos sobre a coragem de quem ensina e a tragédia de quem quer aprender.

Mais diários de uma Sala de Aula



Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 1
1099-081 Lisboa
Portugal

E-mail: ffms@ffms.pt
Tel.: 210 015 800

© Fundação Francisco Manuel dos Santos
Dezembro de 2014

Director de Publicações: António Araújo

Revisão: Vasco Grácio

Design e paginação: Guidesign

Fotografia da capa: António Pedrosa/4See

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade do autor e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada ao autor e ao editor.

Mais diários de uma Sala de Aula

QUATRO PROFESSORAS

PREFÁCIO DE
Maria Filomena Mónica
e António Araújo


FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

Índice

Prefácio 5

Diários

Helena Celeste 8

Maria do Mar 39

Maria Pala 91

Maria Queirós 144

Prefácio

DEPOIS DE 1974, PERDEMOS UMA OPORTUNIDADE DE OIRO DE REFORMAR a escola. Seja como for, continuamos a pensar que, se quisermos uma escola pública decente, teremos de lutar por uma sociedade mais justa. Mantendo-se tudo como está, as escolas dos pobres serão inevitavelmente guetos de onde é difícil sair e as dos ricos aquários onde os meninos só vêem uma parte do mundo. Se as escolas públicas forem boas, os filhos dos pobres poderão, até certo ponto, sair do círculo de miséria em que estão encerrados.

A Fundação Francisco Manuel dos Santos publicou em Março de 2014 o livro de Maria Filomena Mónica intitulado *A Sala de Aula*, em simultâneo com outro, *Diários de uma Sala de Aula*. Entendeu-se que seria interessante e importante – e sobretudo, justo – para quem testemunhou publicar ainda e autonomamente na Internet os outros diários de professores e de alunos que igualmente revelam o dia-a-dia passado numa sala de aula. Dizendo talvez melhor, os diários de professoras e de alunas, pois todas são mulheres, ainda que não tenha existido qualquer «critério de género» na escolha dos «diaristas». Aconteceu assim, simplesmente.

Por vários motivos, editoriais e de calendário, não foi possível incluir logo no livro *Diários de uma Sala de Aula* todos os textos que

generosamente nos fizeram chegar. Saem agora, em formato digital, mantendo-se o anonimato das fontes e o respeito escrupuloso por tudo quanto entenderam dizer, com inteira liberdade. Agradecemos a paciência e o tempo que dedicaram a este projecto. Admiramos a coragem e a dedicação com que responderam à solicitação para connosco colaborar.

Muito obrigado,

Maria Filomena Mónica

António Araújo

Diários

Helena Celeste

16 de abril de 2012

Acontecimento do dia

Teve de ser, de certa forma, refeito o impresso relativo à eventual visita de estudo à Baixa Pombalina, em Lisboa.

Esta visita é para realizar com os alunos da turma 8.º M. Ora esta turma é uma espécie de um conjunto de micróbios saltitantes. Uma metade destes é muito inteligente, a outra nem tanto! Todos irrequeitados. Uns quantos mal-educados.

Em todo o caso o melhor é gostar deles, já que passo umas tantas horas da minha vida com esta turma. Portanto se gostar dos miúdos é mais fácil. Por isso pensei em ressuscitar a tal ida, meio fora de prazo, à Baixa Pombalina. (Esta visita já tinha sido pensada, planeada e posta na prateleira várias vezes pelo peso burocrático que estas coisas têm). Mas pode ser que isto me faça gostar dos pequenos e encontrar-lhes graça.

Sentimento do dia: conformada (em escrevinhar mais papéis).

Sensação do dia: alguma resignação; aborrece-me mais ter de escrever umas papeladas do que fazer as coisas a que essas papeladas se referem.

17 de abril de 2012

Acontecimento do dia

Tutoria com a Margarida. Pela primeira vez a sala que está destinada ao trabalho de tutoria estava livre. As escolas têm sempre este problema dos espaços. Por isso é que ainda não obrigaram os professores a ficarem lá todos 35 horas em permanência. É que nós, docentes, nem caberíamos. Além de que dávamos despesa, consumindo pelo menos água e luz.

Pronto, então estive com a Margarida. O problema dela, sobre o qual já troquei impressões com a diretora de turma, é que a miúda está sempre convencida de que domina bem as matérias! A propósito de qualquer disciplina está sempre convencida de que sabe o suficiente ou mesmo mais. Na verdade, perante o mais simples exercício, não produz nada ou quase nada! Tem sempre uma desculpa para essas situações: «Esqueci-me, mais foi só isso, foi uma branca, mas foi só agora.»

Isto, parece-me, nada tem a ver com autoestima. É como se a aluna não se conseguisse ver ao espelho!

Vou ter de dar uma volta ao assunto, nem sei bem qual. Quando descobrir digo.

Desolação pela preocupação com a Margarida. De resto tudo como habitual.

18 de abril de 2012

Acontecimento do dia

Tutoria com o João. Também não conseguimos ter a tal sala livre. Mudei para a sala onde se recebem os alunos que são postos fora da sala de aula, o chamado «espaço cidadão»!

O João é um mimo. Ao longo de toda a escolaridade pouco tem estudado. Vai andando. Agora nós temos mesmo de o fazer andar. Ele esforça-se e trabalha, muito à pressão, e tem de ser bastante empurrado. Mas curiosamente até é bem esperto. E quando se põe a pensar, para ser capaz de responder às questões, consegue ir ao fundo dos seus saberes e encontrar tudo o que por lá existe, o que infelizmente não é assim muito, simplesmente porque não estuda. E começa a falar baixinho: «Isto eu sei, eu consigo fazer, isto não, isto eu devia saber, mas...»

No início da aula com o 8.º M os pequenos tinham a ideia de que íamos dar um passeio ao campo. Realmente numa ficha provisória para a diretora de turma escrevi «saída de campo» sendo que empreguei a palavra «campo» num sentido técnico. Foi um alvoroço para saberem onde ficava esse campo, se íamos a pé e porque é que com a disciplina de História íamos a um campo!

Como ainda não tinha a aprovação para a saída fui brincando. O resto da aula correu de modo razoável. Ou muito me engano ou a Berta estava com uns fones. Esta miúda veio de um colégio privado (pudera, não há colégio privado que esteja interessado em ter alunos com este perfil). Quando o pai se der conta, já a filha vai lá longe em incumprimentos diversos, incluindo os familiares. Mas é uma cena da vida deles e os pais, infelizmente, reagem muito mal a algum reparo que um professor faça nestas matérias. Na próxima aula tenho de estar mais atenta porque esta aluna é dissimulada e ardilosa.

Sala de professores

Hoje reparei que havia muito barulho na sala de professores. Se o gabinete de grupo ficasse cá em baixo, mais perto, iria para lá mais vezes e cada vez menos para a sala de professores. Durante muito tempo achava que esta sala era o melhor lugar do mundo no que diz respeito ao ambiente de trabalho. Já não acho. Os intervalos quase inexistentes e outros longos demais, graças à infeliz passagem de Ana Benavente pelo Ministério da Educação, fizeram o primeiro estrago. Questões de avaliação mal-amanhadas entre pares desfizeram o resto. Por acaso é pena. Porque a nossa matéria-prima são seres humanos. E nós, professores, devíamos estar preferencialmente bem-dispostos por eles.

Portanto, no que respeita a sensações e a sentimentos, tudo ali assim pelo mais ou menos.

19 de abril de 2012

Acontecimento do dia

Hoje dei uma aula de substituição.

Apesar de este tipo de aula já existir há uns anos os alunos ainda são muito resistentes a estas aulas. Tratava-se de uma turma que é minha, de alunos a quem dou aulas curriculares, normais; portanto conhecem-me. Para eles era a última aula do dia, ao fim da manhã. Os que puderam (sempre os mesmos) piraram-se. Não sei como, mas acho que fizeram muito bem. Estavam três alunos na sala. Aproveitei para dar uma aula de preparação para o teste intermédio da minha disciplina. Passado um pouco chegaram mais seis ou sete. Marquei falta aos restantes.

A aula terminou e eu fiquei por ali a organizar umas coisas. Quando ia a sair da escola ainda estavam alguns alunos desta turma

a batalhar com o porteiro para que ele os deixasse sair. Ser porteiro de uma escola básica e secundária é obra! Não tanto por causa dos alunos, esses são «umas formiguinhas a sair do frasco», mas por causa dos pais! Estes exigem que o porteiro faça o que eles não conseguem fazer. E por mais engenhoso e maléfico que tenha sido o filhinho a iludir ou a enganar o porteiro, para os pais ele é sempre um anjo e o que fez até é aceitável. O porteiro é que não cumpre a sua tarefa! Mas se o porteiro for muito rigoroso outros pais também se queixam...

Sala de professores

Soube pela coordenadora que o pedido de visita de estudo – saída de campo – à Baixa Pombalina foi aprovado no conselho pedagógico.

Sensação/sentimento do dia

Ufa, ainda bem... que alívio! Tenho a tarde livre. Ai é? Então vou para casa fazer a matriz do exame de equivalência à frequência. Sim, o GAVE tem uma malta lá destacada, mas há muito exame feito na escola.

20 de abril de 2012

Sala de professores

Estive a trocar impressões com as colegas sobre a matriz do exame de equivalência à frequência. Na minha opinião, e bato-me todos os anos por ela, estes exames são para dar aos alunos a possibilidade de tirar a carta de condução e candidatarem-se a um emprego na junta de freguesia. Ou seja, devem permitir ao jovem obter o diploma do 9.º ano sem delongas. Não é uma balda. Mas o exame tem de se adequar ao «cliente». Se o aluno tem dificuldades com o raciocínio

abstrato, reduz-se a abstração do exame, por exemplo. Isso não faz do exame um teste nem mais simples nem mais simplório, mas sim mais assertivo, logo mais justo.

Sentimento/sensação do dia

Alguma insatisfação. Não estou certa de conseguir que todos os exames de equivalência tenham esta intenção. Há professores muito ronhosos!

23 de abril de 2012

Acontecimento do dia

Amanhã, terça-feira, devia haver reunião do grupo de professores de História, mas a delegada não a convocou. Tem havido aqui um desencontro entre a delegada e a coordenadora (esta divisão de competências é outra das maravilhosas introduções da mente brilhante de Ana Benavente). Havia o delegado e pronto. Foi, então, criado o coordenador. Parece que se queria acabar com os delegados! Como se fosse mais prático! O resultado é que agora temos coordenador de departamento e delegado de disciplina. E reuniões para as duas funções, pois claro!

Tem havido uns atrasos nas convocatórias. Ao segundo atraso da delegada de disciplina, a coordenadora (hierarquicamente acima e com assento no conselho pedagógico) reagiu não estando presente na reunião e exigiu que a justificação da falta fosse essa mesma: ausência de convocatória nos termos legais!

Este episódio provocou uma confusão no calendário da escola. Ao que parece a coordenadora enviou para a delegada um calendário

desatualizado. Não estou muito por dentro de todos os pormenores. Não tínhamos feito reunião em março. Se calhar em abril teria sido útil. Mas embora tenha o assunto da matriz do exame de equivalência para tratar (mudar uns conteúdos), tenho feito os contactos por *mail* e tudo está OK.

Se calhar, sem dar por isso, já estou dependente de reuniões! Isso é que era mau.

O melhor delegado que tive em 30 anos era também *croupier* no casino local. Manobrava a papelada do Ministério e afins como quem mexe com fichas – e já estava, acabou a reunião, tudo para casa.

Sentimento/Sensação do dia

Fiquei um tanto desolada. Não queria nada que as colegas se desentendessem e muito menos que houvesse estas coisinhas de queixas e acusações por minudências de burocracias.

24 de abril de 2012

Acontecimento do dia

Hoje passei no mercado e comprei uns cravos antes de ir para a escola. Levei-os para dar aos alunos que me soubessem dizer algo sobre os acontecimentos de 25 de Abril de 74. Acabei por os distribuir também na portaria e na receção. Levei-os à direcção da escola e deixei-os na sala de professores. Já lá vai o tempo em que as Câmaras Municipais mandavam cravos para a escola. Numa escola em que estive, o então presidente do Município, que era um cavalheiro, além de uma figura interessante, até no Dia da Mulher mandava flores para nós, professoras. Agora nem a escola compra dois cravinhos. Deve ser para não ferir suscetibilidades, como está na moda!

Bom, mas voltando ao assunto, lá fiz as perguntas sobre o 25 de Abril. É verdade que a matéria, em termos formais, ainda não foi dada: é mais para o final de maio (há professores que nem chegam a dá-la). Mas nem um simples nome saía. E a minha pergunta não era de avaliação escolar. Lá consegui ouvir um «miado»: «Salgueiro Maia». Ofereci um cravo. Os meninos e as meninas acharam muito bom ter uma flor. Seguiu-se um corrupio de nomes e de factos... Lá veio um «Otelo Saraiva de Carvalho» e depois mais umas quantas coisas soltas entre as quais algumas corretas. Foram-se os cravos. Espero que alguns tenham chegado a casa e motivado conversa!

Sentimento/Sensação do dia

Divertimento. O dia acabou por ser divertido. Mas gostava que houvesse mais emoção a propósito da Revolução de Abril.

26 de abril de 2012

Acontecimento do dia

Hoje andei mais preocupada com a ação de formação que estou a fazer. À quinta-feira só dou uma aula, a de hoje correu normalmente. Fiz uma aula de substituição. A essa, mais de metade dos alunos faltou. Tratava-se de uma turma de secundário e era ao fim da manhã, de modo que os alunos se foram embora. Claro que há alguns que gastam mal esse tempo de aulas, lá fora. Mas são os mesmos que também desperdiçam o tempo quando estão numa sala de aula encarcerados à força com um professor. Apostam em boicotar tudo e dar cabo do professor e dos colegas. Este tipo de ocupação interessa muito aos pais dos alunos cujo comportamento não controlam nem sequer em casa. De

resto não serve para mais nada. Os alunos que ficam de boa vontade e trabalham são precisamente aqueles que não precisam. Eu, quando era aluna e tinha «furos» na escola, nunca deitei a escola abaixo, nunca parti nada, nunca estraguei nada, enfim...

Sentimento/Sensação do dia

Continuo preocupada com a preparação dos alunos para o teste intermédio. Acho-os um tanto apáticos mesmo perante os resumos e os testes resolvidos que lhes tenho dado.

27 de abril de 2012

Acontecimento do dia

O dia de sexta é sempre um tanto pesado. Dou três blocos de 90 minutos. Fui ficando rouca ao longo do dia. No intervalo de almoço quase nunca saio da escola. Gostava de sair para mudar um pouco de ambiente. Mas ir até ao centro comercial é quase como estar na escola, pela quantidade de miúdos que por lá almoçam no *fast-food*. Faz impressão como tantos pais autorizam tal coisa. O restaurante atrás da escola é muito bom e barato. Mas este ano não vai lá ninguém a esta hora e nem sempre me apetece ir sozinha. Agora com o bom tempo ainda acabo por ir alguma vez. Assim até nem tenho de falar. Como sopa e mais qualquer coisa no bar da sala de professores. Não é a melhor das opções, principalmente para mim que tenho gastrite. Mas é prático e aproveito o resto do tempo de modo útil. Sei bem que o intervalo a meio do trabalho faz mesmo falta. Não se devem desvalorizar estes intervalos e ocupá-los com afazeres. A aula da tarde correu bem. Costuma correr bem. Nesta turma, o líder é um miúdo com

uma maturidade muito gira, com um sentido de responsabilidade e um saber-estar muito adequados. Há dois anos, quando foi meu aluno no sétimo ano, dificilmente eu diria que evoluiria assim tão bem. Isto marca a «energia» da turma e o evoluir dos comportamentos. Já o delegado e subdelegado da turma não são nada assim. Mas como eu gosto muito deles, eles agem muito bem comigo, apesar de serem uns diabretes. O subdelegado é negro. No 7.º ano ofereceu-se para ser Júlio César numa atividade. Um Júlio César negro! Altamente!

Sentimento/Sensação do dia

Muito cansaço. Acabei com a garganta bem estafada apesar de ter encontrado estratégias para me poupar. Vamos ver se recupero rapidamente.

30 de abril de 2012

Acontecimento do dia

Cheguei do Norte e fui à escola para dar a aula ao 8.º ano. Estava muito rouca. Disse aos miúdos que tinha andado na festa do Dragão, no Porto. Uns alunos disseram que era bom eu ter vindo dar a aula e outros que nem por isso. Mas é normal. Com muita gente há sempre diversidade de opiniões. A aula foi proveitosa. Avançámos com a Revolução Francesa. Quando se conta uma boa história da História (e a Revolução Francesa é uma boa história em que até o rei vai parar à guilhotina) os cachopos alinham. Soube-me bem ir à escola só ao fim da tarde. Acho que realmente já está na altura de passar a ter horários só à tarde e lá para o fim. Já passei da fase em que queremos sempre as aulas da manhã. Ao fim da tarde é tudo assim mais

sossegado. Só é desconfortável no inverno. Mas como eu gosto de chuva, isso será o menos.

Conversei um pouco com duas colegas na sala de professores. Ficaram admiradas por eu estar tão rouca e, tendo a falta justificada, estar presente. Não sou «abnegada», para mim isso é um defeito sério numa pessoa. Mas aqui entre nós que ninguém nos ouve, não estava bem certa sobre se o teste era já na aula seguinte ou se tinha sido mudado! Ora, esta aula aos alunos bons não fazia falta e aos alunos fracos também não. Mas aos pais de alunos que viessem a ter negativa, ia fazer muita falta. Ia ser um sarilho enorme e a culpa seria minha! Essa é que é essa.

De entre as colegas com quem falei, uma é mãe de uma aluna minha e tem manuais escolares publicados. A outra é diretora de turma do meu aluno de tutoria, que me deu a excelente notícia de que o pequeno teve positiva em Língua Portuguesa. Telefonei à mãe dele para dar um alento e parabéns.

Sentimento/Sensação do dia

Satisfação boa e gira. Apesar de estar um tanto adoentada e febril o dia soube-me bem, e ter ido à escola assim no fim da tarde, com tão pouca gente, deu-me outra energia.

7 de maio de 2012

Acontecimento do dia

Hoje os alunos do 9.º ano fizeram o teste intermédio de História. Tenho cinco turmas. É o ano que eu mais gosto de lecionar.

Um dia de teste provoca um certo nervoso porque os alunos podem fazer má figura, o não depende só do trabalho do professor.

Lembro-me da minha filha que foi a exame do 12.º ano com 19 a Língua Portuguesa e teve um 14 do qual ela própria se envergonhou quando soube. Mas a verdade é que me deu uma aflição ao pensar que de repente podia haver um resultado inesperado. Mas não valia a pena ficar assim. Seria melhor um pensamento positivo, pois claro.

Só depois de o teste terminar vi o enunciado. Era acessível. Pareceu-me bem formulado, com as questões bem colocadas e nada difícil.

Uma parte da pontuação, quase um terço, pode obter-se nas respostas de escolha a preencher os espaços. A questão de desenvolvimento era sobre Portugal. Podia correr bem.

Nas turmas que tive nesse dia vimos um filme – *Goodbye Lenine* – para descontrair um pouco e abordar o colapso do comunismo. Nada mais. Eles precisavam. O 8.º ano fez teste. Aí descansei eu.

A preocupação é com a menina da tutoria. A pequena não «dá uma para a caixa». É muito fraquinha em todas as matérias. Tem um conceito de si própria complexo, pois considera-se sempre bem preparada e a dominar todas as matérias de modo bom ou suficiente, mas desmorona-se à primeira revisão que faço com ela. O problema é que quer ir para economia e não aceita a via do curso profissional. Dizem que na Alemanha é o professor, ou o conselho de professores, quem define se o aluno vai ou não para a via profissional. Se calhar devíamos fazer algo idêntico. A família da aluna, limitada em recursos materiais, diz que fará tudo para ela seguir a via que escolher. Os pais já têm uma outra filha mais velha num curso de teatro, numa escola nada credível e cara, e agora esta sonha que virá a ser uma gestora de gabarito. Sei lá, até pode ser... mas por agora isto está mal.

Sentimento/Sensação do dia

Calma depois do «medo» de os meus alunos falharem no teste, e eu ficar aborrecida e a pregar grandes sermões. Se me deixam ficar mal vou ter de os espremer.

11 de maio de 2012*Acontecimento do dia*

Hoje faltei às aulas! Arranjei um atestado médico, infelizmente verdadeiro, e sendo verdadeiro, fiquei com a sensação de que agora deu uma febre nos médicos que os leva a imaginar que todo o funcionário público «cria cenários» para obter justificação para faltar. Ora não é assim, mesmo admitindo que possa acontecer. Vendo o meu historial registado o médico concordou que eu devia parar um pouco. E foi mesmo só um dia. A um senhor deputado basta a sua palavra a dizer que esteve doente e a falta está justificada. O cidadão comum tem de recorrer a um médico «convencionado» ou ao médico de família. Resolvido esse assunto, foi precioso este dia em casa. Avancei com coisas para a escola, pois claro!

Deixei planos para a aula de substituição, mas fiz umas orações para que o anjo da guarda das turmas as livre de substituições.

A turma da tarde teve aula de francês. A professora prescindiu da sua tarde livre, de tempo com as suas filhas bebés, para dar uma aula extra! Em tempos pode ter havido exageros nas faltas dos docentes. Mas só eu sei a preciosidade que é um dia sem ir à escola – com falta justificada – como se fosse feriado para todos, por exemplo.

Sentimento/Sensação do dia

Alvío por ter posto coisas em dia e ter recarregado baterias.

16 de maio de 2012

Acontecimento do dia

Hoje, com uma turma do 9.º ano, vimos o filme *Goodbye Lenine*. Vimos a primeira parte, a que interessa em relação à matéria sobre a queda dos regimes comunistas. Quase no final da aula fui até ao fundo da sala. Vi que um aluno tinha uns fones nos ouvidos. Chamei-lhe a atenção. Quando o miúdo retirou os fones vi que estavam ligados a um pequeno aparelho que se encontrava a funcionar, que não sei como se chama, mas não era telemóvel nem MP3. Este aparelhinho estava no bolso das calças. O miúdo começou logo por afirmar que o aparelho estava desligado, isto é, não estava a dar música. Como provar? Não se prova. Mas ligado estava. Se por acaso eu avançar com alguma participação aos pais, estes vão achar que o menino está a dizer a verdade, mas ainda que não seja completamente verdade a escola e a professora devem ser «pedagógicas»!!!

É uma moda que já chegou à Polícia. Agora pagamos (sim, que eu não fujo aos impostos) à polícia para andar a verificar se os «jovens» bebem demais e para exercer sobre eles um efeito pedagógico! Não os autua nem os multa, nem os deve criticar. Não. Só pode ter um efeito pedagógico!

O ano passado confisquei um telemóvel a uma aluna porque esta o tinha posto a carregar numa tomada no fundo da sala. Estávamos a preparar-nos para ver um filme. Quando dei pelo telemóvel ligado à tomada, peguei nele e meti-o no meu bolso. Estava ligado, no modo

de silêncio, e vibrou o tempo todo. Quando a miúda viu que eu o tinha apanhado ainda disse que tinha sido por um minuto pois estava mesmo a colocar a mochila a tapá-lo. Enviei uma nota ao encarregado de educação que respondeu que concordava com meu procedimento; no entanto achava que eu devia ter sido mais «pedagógica». Claro que a miúda exibiu a resposta do papá às colegas como uma vitória – o papá não dava razão à professora! Mal sabe ele com que trupe a sua linda menina anda envolvida, nem quer saber. Mas os professores sabem. Os professores sabem coisas sobre os miúdos que faziam tanto jeito aos pais agarrarem nessa informação e cuidar dos seus rebentos. Mas não querem, e é um risco enorme para o professor contar.

Portanto, se o Joaquim estava com fones e um aparelho ligado, eu nem pensei em o confiscar pois o modo como a coisa se apresentava a cena ainda ia parar à internet como aquele episódio do Porto. A fatura destes comportamentos chega a casa, lá isso chega, mas é à dos pais deles, não é à minha! Ficou a informação remetida à diretora de turma, que diz que os pais deste miúdo são atentos e vão tratar do caso. OK.

O resto do dia correu bem. Na turma da tarde foi possível avançar e ter uma aula com dinâmica. Duas miúdas desta turma andam muito extraviadas. Uma delas veio de um colégio privado. Os colégios sempre arranjam forma de pôr fora os miúdos de tipo problemático. Entre outros argumentos dizem que na escola pública os filhinhos terão melhores notas pois a exigência é menor e coisa e tal. Não é que há pais que acreditam?

Sentimento/Sensação do dia

Fiquei aborrecida pelo comportamento traiçoeiro e manhoso do Joaquim, postura que cada vez mais crianças e jovens exibem. É o

reinado absoluto dos chicos-espertos. Mas foi só isso. A minha disposição tem sido boa.

17 de maio de 2012

Acontecimento do dia

Hoje foi o Dia da Escola.

Pensar que eu quando era aluna nunca alinhei nem achei piada a estes eventos e atividades! Para mim a escola era um lugar para assistir a umas aulas, aprender umas coisas, ou mesmo muitas coisas, conversar um bocado com os colegas e vir embora porque a vida mesmo era em casa e por aí assim.

Agora como professora continuo a não sentir o espírito deste tipo de acontecimentos. Não entra no fundo da minha pessoa. Mas faço sempre qualquer coisa ou participo de boa vontade em atividades que me sejam propostas ou que precisem da minha colaboração.

Não gosto, e nelas não voltarei a colaborar, de atividades que sejam realizadas na rua. Se o senhor presidente da junta quer palhaços, que os contrate e os pague. Depois da cena que houve há tempos, numa vila no Minho por causa de um desfile, perdi completamente a vontade. Mas já era muito crítica, principalmente depois de fazer o mestrado em Educação Multicultural. Além disso, sei que este tipo de atividades dá imenso trabalho aos professores e também muita despesa. Os pais, na sua maioria, não aceitam bem colaborar quer financeiramente quer disponibilizando tempo. Sempre que participei em atividades desse tipo entrei em despesas que sei lá. São ganchos de cabelo, tintas, maquilhagens, etc. Não estou disponível para isso. E, na verdade, na minha opinião, o resultado nunca é grande coisa

pelo amadorismo que lhe está na origem. Quando a atividade é na rua, esta enche-se de avós e de tias babadas que distorcem as habilidades dos pimpolhos. Estes acabam convencidos de capacidades que não têm nem virão a ter. O cortejo de recriação histórica a que assistimos é o que é e tem a qualidade que tem porque as escolas são usadas sem reforço de recursos humanos ou materiais – daí o aspeto simplório e amador, nada instrutivo, de que não gosto. De qualquer modo o dia aberto da escola estava no plano de atividades, portanto toca a alinhar.

Pensei em fazer um trabalho designado «Objetos que contam História». Para isso, alunos e pais disponibilizariam à escola um ou vários objetos que contem História. Por exemplo, se a família tiver um aparelho de picar carne antigo, manual, e um aparelho moderno, elétrico, colocaríamos os dois ao lado um do outro e uma legenda com datas e alguma observação curiosa sobre a evolução deles. Tentei arranjar um telemóvel dos primeiros, que eram uns caixotes, para colocar ao lado de um mais atual. Não arranjei. Todas as pessoas da família que tiveram um antigo já o tinham mandado para reciclagem.

Na altura em que estava organizar as ideias e a preparar o roteiro escrito para apresentar, veio-me à cabeça que parte desses objetos podem ter algum valor, material ou estimativo, e a sua segurança seria um assunto complicado. As escolas têm sempre falta de armários-vitrine com chave. Assim, como não avancei com esta ideia mais cedo, não poderia ir muito longe. Por esta vez ficámos com peças minhas que eu própria forneci. Entre elas um preciosíssimo fogão de ferro, em miniatura, feito pelo meu avô paterno e por um tio, em que cheguei a cozinhar, de verdade, em menina. A minha mãe pintou-o muito bonitinho de preto e prateado. Estava um mimo. Ao lado pus um fogareiro de petróleo, inestimável, da minha mãe. E a seguir um

camping gás. Havia um teclado de PC e uma máquina de escrever dos anos 40, de que os miúdos e os professores gostaram. E as Barbies das coleções etnográficas e históricas (que contam com a princesa Catarina de Bragança) que fui buscar, à socapa, à caixa das minhas filhas.

A ideia ficou no grupo. No próximo ano iremos trabalhá-la melhor e deverá ter a colaboração dos pais para avançar de forma mais vistosa e produtiva, indo ao encontro de conteúdos e de objetivos da disciplina.

Foi giro. Carreguei tudo para a escola, montámos a exposição e, por sorte, no fim do dia, o porteiro deixou-me entrar com o carro no recinto, carreguei tudo de volta, assim mesmo tipo cigano na feira do relógio, mas mesmo esses podem ser felizes. Eu também portanto.

Sentimento/Sensação do dia

As folhas que ao longo do dia se foram enchendo de escritos, na máquina de escrever, eram elogiosas (além de um ou outro palavração!). Portanto valeu a pena. Soube bem, a todos, um dia na escola sem aprendizagens convencionais. Mas sei que podia ter feito melhor. Para o ano há mais e vai ser melhor.

Nota extra

Soube que as escolas «da» Parque Escolar não podem acrescentar *placards* nem vitrinas nos edifícios, por muito necessários que sejam, pois isso viola o desenho de sua Excelência e Eminência o senhor arquiteto. Havia de ser eu o diretor da escola: pegava numa marreta e nuns pregos e montaria as vitrinas e tudo o mais. Se o arquiteto não equipou o edifício com o que é necessário ao seu funcionamento, além de arquiteto, é burro. Só quem vive um ano nestes edifícios sabe do que falo.

18 de maio de 2012

Acontecimento do dia

Hoje o Filipe, o meu lindo Filipinho, que já foi meu aluno noutr ano, resolveu fazer mais uma das suas. São coisas que não é possível entender. Mas não faz mal. Toda a família deste menino é original. Entramos na sala, logo após o almoço. Começamos com o habitual: pegar nas coisas, escrever o sumário... Quando olho para o Filipe estava ele com o queixo na mesa e a segurar algo que podia ser um papel daqueles empacotados que os pequenos comem, tipo *bollycao!* Quando perguntei o que estava a fazer, reparei que o nosso Filipinho enfiou rapidamente o que quer que fosse nas bochechas e respondeu, com a boca mais do que cheia, que já estava, já tinha acabado e ia deitar o resto no lixo. Nessa altura, quando eu ia dizer que não se põe comida no lixo, o que ele tinha escondido nas mãos caiu para o caixote! E, pasme-se, além do bolo tinha um pacote de sumo! O Filipe nem é grande, nem tem as mãos grandes! Perguntei se estava com fome, se não tinha tido tempo de almoçar. Respondeu que sim, que almoçara bem e não tinha fome, mas estava ali aquela sobra e resolvera comer tudo num instante. Não queria ir para o espaço cidadão porque estava a fazer um PIT! Mas como houve ordem para sermos estritos com questões disciplinares tive mesmo de o mandar sair, para ir refletir sobre o assunto na sala do espaço cidadão e voltar para o segundo tempo da aula. Azar do miúdo: quem estava na tal sala era uma professora que também o conhece de ginjeira! Foi feita a comunicação à diretora de turma, mas confesso que lhe disse que não deixasse esta cena interferir na avaliação do PIT. O miúdo comeu porque calhou, deu-lhe para ali e pronto, já estava pago.

Se este episódio visto de fora parece pouco disciplinado, não sei.

Enquanto isto acontecia veio-me à memória um acontecimento do primeiro ano em que fui professora. Tinha, numa turma, um aluno que jogava futebol no clube local e andava a ser sondado por um clube grande da capital. A certa altura esse negócio concretizou-se. No último dia de aulas que teve na nossa escola, antes de ser transferido, veio ter comigo e apresentou-me um dos grandes desejos que tinha e que gostaria de concretizar antes de ir embora para outra escola que não conhecia. Pois claro, então que realizasse o sonho dele. O sonho era sair de uma aula a meio, ir ao bar da escola, dar uma voltinha e entrar novamente na sala sem repreensão! Pronto, cada qual tem a sua pancadita! E assim foi. Este rapaz, que foi guarda-redes do Sporting e depois de outros clubes, não cresceu tanto quanto se esperava e por isso não foi mais longe. Na mesma turma estava um outro que foi jogador com algum significado no Porto e na seleção. A coisa mais marcante da passagem de figuras destas nas escolas secundárias é a quantidade de suspiros que provocam nas raparigas.

Sentimento/Sensação do dia

Tudo bem. Às crianças e aos adolescentes passa-lhes cada coisa pela cabeça... Ou então é a nossa cabeça de adulto que já perdeu elasticidade. Como fomos nós, adultos, que fizemos a norma, aquilo que não está lá não é normal e nem sempre conseguimos aceitar!

Mas a expressão do miúdo e aquele enfiar o bolo à força pela boca dentro teve muita piada! Eu, como sou adulta, só me estou a rir agora!

23 de maio de 2012

Acontecimento do dia

Mais uma entrega de testes intermédios. Não esquecer que tenho cinco turmas de 9.º ano. Tudo bem quando a média geral dos alunos é boa tal como o número de positivas. Faltaram dois alunos desta turma ao teste intermédio. Os dois, um rapaz e uma rapariga, estavam presentes na aula hoje, mas nenhum disse o que quer que fosse quanto à falta. Optei por deixar isso nas mãos da diretora de turma.

Tutoria com o meu Joãozinho: depois de, no Dia da Escola, ter ido com ele ver as escolas profissionais, com cursos de mecânica, aqui por perto. Conversámos sobre o assunto. Este sim, tem uma visão realista sobre uma série de coisas e acima de tudo sobre o que quer para si, o que imagina para o seu futuro. É muito interessante que, contra o que é habitual, este aluno não se vê apenas em produção de «intelectualices», ele vê-se mesmo a fazer coisas. Coisas daquelas de que precisamos mesmo. Eu posso ler um livro ou não. Posso dar um passeio ou não. Mas desde o Neolítico, no mínimo, que há objetos mecânicos que têm de funcionar. Esta é a área do João. Fazer as coisas funcionarem, caso não funcionem. Diz-se que um homem (talvez também uma mulher) deve ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. O assunto do João é a árvore. Excelente. Sem o filho a geração não continua. Mas sem a árvore ninguém vive. Sem o livro, por muito que custe a muitos, a vida segue. Pois o ser humano viveu, já depois de ser *homo sapiens sapiens*, mais tempo sem livros do que com livros.

A casa deste menino precisaria de uma intervenção do «Querido, mudei a casa!», mas talvez não deva imiscuir-me por demais na vida

pessoal, não vá romper equilíbrios próprios e depois não ter forma adequada de sair.

Mas lá que me apetece, apetece.

Sentimento/Sensação do dia

Tudo muito fixe.

25 de maio de 2012

Acontecimento do dia

25 de maio é uma sexta-feira. Felizmente para mim, um dia bom. Só tenho aulas de 90 minutos. As turmas estão normalmente muito bem. A primeira da manhã ainda vem meio a dormir. A do meio da manhã é menos simpática e está mais agitada, mas já me conhece há muito e a coisa foi rolando sempre. A da tarde, acho que já referi isso, tem a barriguinha cheia e quer é fim de semana.

Esta sexta não foi diferente. Só que já tem sabor de fim de ano e de conclusão de matérias. Há uma certa impaciência para acabar e achar que já nem vale muito a pena.

Mas as turmas estiveram atentas. Uma delas fez teste. Estes testes de fim de ano letivo são, como todos os meus testes, de 50 minutos de duração. Abordam matéria de forma global. Depois das dificuldades de visão que tive, recorro bastante a testes de preencher espaços e de completar ideias. Também a alguns de escolha múltipla. Mas há sempre espaço para os alunos mostrarem as suas capacidades de analisar, de comentar e de sintetizar. Quanto à crítica, prefiro que seja feita na oralidade. Neste dia, em todas as turmas, avançámos bastante na área da crítica. Embora, uma vez instalado um ambiente

de crítica, seja difícil, a dada altura, conseguir que se calem e escutem um comentário acerca das fragilidades das suas críticas a fim de serem mais prudentes com o que dizem.

Piaget pode estar um bocado fora de moda, mas nestas aulas verifico que há muita verdade nos seus estudos.

Sentimento/Sensação do dia

OK, estamos a ir bem, neste espírito de «fechar» as contas.

Um dia, talvez para o ano, levada pela reflexão a que a escrita destes diários me obrigou, vou gravar uma primeira e uma última aula de 9.º ano, planificando para ambas abordagem crítica a algum assunto de conteúdo da disciplina que tenha pontos comuns.

Sou capaz de jurar que há evolução, mas toda a gente desata a dizer que os alunos não avançam nada e que o ensino não presta! Vou ver isso, mas só para mim mesma.

31 de maio de 2012

Acontecimento do dia

Hoje o acontecimento foram as eleições para sindicato.

Eu sou sindicalizada, por sinal em dois sindicatos, mais por princípio do que por fidelidade ardente aos ideais de qualquer dos sindicatos. De modo que quando me telefonaram a perguntar se tinha disponibilidade para a mesa eleitoral aceitei. Ocupava a minha tarde livre.

Acho que as profissões e os profissionais são tratados conforme se tratam. E nós estamos mal.

Muito me dói saber tudo o que as gerações antes de nós, desde o século XIX, fizeram, lutaram. Deram a vida para nós termos qualquer

coisinha merecedora de respeito e de consideração mas agora o comodismo e a parvoeira dos mais novos levam-nos tudo. Porque o que temos de benefícios são conquistas adquiridas com muito sofrimento, nenhum político ou governante deu algo bom ao povo que governa que não tivesse sido duramente conquistado, na rua, no parlamento, na imprensa, etc. Se poucos são sindicalizados, são menos ainda os que foram votar. Mas está bem. Vai afetar mais os mais novos do que a mim!

Sentimento/Sensação do dia

Fiquei bem triste por tão pouco empenho de uma classe com formação superior, com consciência das coisas, assim alheada.

1 de junho de 2012

Acontecimento do dia

Ontem foram as eleições para o sindicato. A abstenção foi alta. Tal como a sindicalização o é. O meu avô materno foi empresário, daqueles que emprendiam com o seu dinheiro e não com o dinheiro do banco, e na sua condição de empresário sempre me disse que as pessoas devem estar organizadas e informadas, embora tudo isso se passasse antes do 25 de Abril. Depois que andei a mexer na sua máquina de escrever (que levei no Dia da Escola para expor) penso nele. Pois é... Quando avancei para ser professora tive um convite de um tio, também empresário, para ficar a tomar conta dos escritórios dele em Lisboa. Era uma sede, porque tudo o resto estava centrado lá numa cidadezinha no distrito de Aveiro. Eu não quis. Achei que era melhor ter um canudo e um trabalho, no sentido clássico. Hoje

acho que fiz uma opção segura mas perdi algumas coisas também. Depois disso nunca fui capaz de «atirar a vaca pela ribanceira abaixo». Talvez por esse motivo não seja grande adepta de investimentos de vida em percursos escolares muito contrariados e forçados que tragam anos de sofrimento.

Bom, para não me desviar, mandei-me ali aos temas da nova ordem mundial e do papel das organizações não governamentais, como se fosse um assunto pessoal da maior urgência. Acho que os alunos entenderam, embora talvez lhes tenha parecido um bocado excessivo. Mas as aulas correrem bem.

Sentimento/Sensação do dia

Um tanto de calor faz bem nas aulas, mas tanto também me esgota. Vale agora o fim de semana.

5 de junho de 2012

Acontecimento do dia

Lá vai mais uma segunda-feira, a última do ano letivo.

A entrega e a correção de testes dominaram o dia, tal como as avaliações orais de recuperação. É engraçado que há alunos que levam a sério este esforço e constataam que ficam a conhecer matérias sobre as quais nem eles imaginavam ser capazes de saber tanto. Outros têm a mania de que estas recuperações são mais um pretexto para o professor dar a nota positiva independentemente do que o aluno fez. E então trazem uns trabalhos tão mal preparados que dão pena. Acho que há casos em que é isso que pretendem explorar, a fim de obter a nota.

Numa turma deu-se o caso de a miúda que deveria apresentar o seu trabalho para garantir um nível 4 desatar a chorar, que «não estava preparada», mas estava, que eu percebi. Mas como as outras miúdas só apresentavam trabalho na aula seguinte, muito contra minha vontade, deu-lhe para se sentir insegura. Ficou muita coisa para a última hora. É uma forma de estar e de produzir muito interessante que os portugueses têm. Na hora H é que avançam e fazem tudo. Está bem, não há problema. Não é necessariamente verdade que a antecipação seja mais produtiva ou mais criativa. E é preciso muita força para fazer as coisas desta forma, o que muito me agrada, ou não fosse também o meu estilo deixar coisas para a última! A verdade é que em outras turmas os trabalhos foram aparecendo e estavam bem, na generalidade.

A segunda-feira é um dia de aulas de 45 minutos (criação maravilhosa da Ana Benavente). É uma correria de sala em sala, sem nunca ter a certeza de estar a horas em lado nenhum, mesmo que os atrasos não sejam consideráveis! Gostava de voltar a ter unidades de trabalho de uma hora, em que 50 minutos correspondiam a trabalho e 10 minutos a descanso. Mas não sei se isso vai acontecer. Então agora que descobriram que os tempos supervenientes deixaram de ser pagos enquanto tempo extra, mesmo que sejam tempos de atividade letiva, estamos feitos.

No 8.º ano avançámos um pouco mais, praticamente concluímos a matéria, incluindo as invenções do fim do século XIX e a arte. Os alunos não gostam muito das matérias de arte. Mas com exercícios de memória entrou alguma coisa. Esta é a matéria com que se pode dar início ao próximo ano letivo, e estas informações, estando lá pelos fundos, irão aparecer.

Sentimento/Sensação do dia

Há sempre alguma nostalgia no final do ano letivo, mas também é fixe. Vamos ter um intervalo de uns mesitos. O facto de diversificar a atividade, não estando em férias, introduz uma renovação no espírito.

6 de junho de 2012

Acontecimento do dia

Hoje foi a última aula da turma D. Portanto quis mesmo concluir os temas, e o sumário foi o tema K3 (dei o tema K4 primeiro) – «Os desafios do nosso tempo». Os alunos fizeram um exercício de leitura, de análise e crítica de uns textos do manual. Foi proveitoso. Quando a última aula não é no último dia ainda se aproveita. Quando é no último dia já nem sempre é possível que seja útil. Depois fizemos a autoavaliação, que nesta turma é pacífica. O Bernardo não veio. Não tem vindo. A diretora de turma já fez tudo o que está ao seu alcance. Mas é difícil. Quando lhe perguntei se tinha informado o pai do rapaz de que vai passar o caso para a Comissão de Proteção de Menores, ela arregalou os olhos e perguntou-me se eu já tinha visto o pai dele, se conhecia o estilo e o tamanho da personagem. O pai lá foi justificando as faltas. A diretora aceitou as justificações, a lei a isso obriga. Vamos lá a ver como vai ficar na reunião. Na verdade o rapaz tem uma pancada! Mas entende-se tudo quando se conhece o pai, diz ela.

Com os alunos do 8.º ano falámos de Fontes Pereira de Melo e das suas estradas. Vai um iluminado pergunta: «Então, e agora ainda foi preciso fazer mais autoestradas?» Não percebi muito bem se foi mesmo a sério ou se era a brincar. Em todo o caso voltámos a página

da cronologia para perceber que entre Fontes Pereira de Melo e José Sócrates passou um tempinho!

Sentimento/Sensação do dia

Pronto. Caso encerrado. Acabou-se o 9.º D. Estive com ele três anos e correu bem.

Além do aluno referido, há o caso da Bubas, que ao longo destes três anos, sempre de nariz empinado e malcriadota, enfrentou a morte do avô, com cancro, que fazia as vezes do pai, que já tinha falecido pouco antes, e o cancro da mãe, que o superou.

Que é que se vai fazer?

Eu digo o que vou fazer: vou agradecer a Deus por nem eu nem as minhas filhas termos tido tal adolescência e, se necessário, propor ao conselho de turma um consenso-votação para a miúda passar.

Hoje há uma determinação para que estes casos se resolvam assim, mais do que por sensação ou por sentimento.

8 de junho de 2012

Acontecimento do dia

Hoje foi o último dia de aulas. O último dia para mim. Para a semana ainda dou aulas ao 8.º, mas como é só uma turma e três tempos em dois dias, já nem conta, na medida em que não maça. Portanto por este ano acabou.

Na aula da manhã ainda estiveram quase todos os alunos. Falámos da autoavaliação muito rapidamente porque os miúdos queriam ver um filme. Eu tinha levado dois filmes. O *HAIR*, muito a propósito de assuntos falados nas matérias de final de 9.º ano e uma comédia

ligeira. Vimos umas cenas do *HAIR* e depois passámos para a comédia. Como é uma escola com ensino secundário o final do 9.º ano não tem muito significado. Os miúdos das escolas que só têm 3.º ciclo fazem deste dia um drama e umas despedidas. Neste caso nem por isso.

Mas eu nunca fui de grandes despedidas nem de choraminguices perante os alunos ou os colegas. Em 27 anos de trabalho só tive uma lagriminha no canto do olho, e dizia respeito aos colegas, ao grupo de História e à sala de professores em geral, quando deixei a escola de A. Uma escola fantástica. Nos tempos sombrios do consulado da Marilú, criaram-se solidariedades e companheirismos. Para mim, e para mais uns quantos, a questão era sobreviver com a boa disposição possível. E realmente muito nos divertíamos. Começaram a sério as substituições. Nesse trabalho conheci a turma de alunos da academia de um clube de futebol. Devia ser proibido. Ou antes, os pais não deviam permitir os filhos em tais sítios. Mas quem não sonha ser a senhora mãe de uma estrela de futebol?

Passar a ponte Vasco da Gama logo pela manhã era coisa mais «zen» que podia acontecer. Adorava. Maravilha. Apesar da distância e da portagem.

Voltando ao último dia de aula, a turma seguinte estava com pouco mais de metade dos alunos. Os outros estavam em atividades desportivas. Duas alunas vieram apresentar um trabalho, em desespero de causa, para terem positiva. De facto já dei as notas à diretora de turma e dei-lhes 3 a cada uma. Imaginei que se empenhariam neste trabalho. E assim foi. O tema era «José Afonso e a canção de intervenção». Estiveram bem. Uma mais do que a outra. A que esteve melhor quer ir para um curso profissional que tem teatro, portanto vai mudar de escola. Vai a mãe pagar uma pipa de massa para

a menina estudar uma coisa de que gosta muito e no fim continuar a viver à custa da mãe, porque estas coisas são muito difíceis, embora não sejam impossíveis. Só estou a dizer isto ao meu diário, que ninguém o ouve, porque se fizesse um alerta à miúda, que nem é muito dotada, estava a traumatizá-la, a desanimá-la e coisa e tal. Uma outra decidiu também apresentar um trabalho para melhorar a nota. Mas acho que não vai dar em nada. O trabalho era sobre Che Guevara. Estava fraquinho e as avaliações dela são muito fraquinhas também. Esta miúda já foi da minha direção de turma. Chumbou. Será portanto retenção repetida, caso volte a chumbar. Uma maçada para a reunião. Parece-me que a mãe da miúda pôs o pai a andar de casa para fora, porque quem trabalhava era a senhora, que não esteve para manter o pançudo. Mas não dá conta da miúda. É boa miúda, não se mete em drogas nem em confusões, mas também não estuda e raramente está atenta. É mais conversa e dormir nas aulas.

No intervalo de almoço (almocei na sala de professores), as conversas habituais sobre as possibilidades de aferir notas antes das reuniões para evitar a atribuição de notas por decisão do conselho de turma. Quando é necessário encontrar um consenso, sou, invariavelmente, a favor da transição do aluno. Então quando o caso é com Educação Física, voto sempre para favorecer o aluno. Os colegas de Educação Física meteram na cabeça uma carrada de disparates que fizeram que a Educação Física passasse de disciplina preferida àquela que mais é contestada em todos os níveis. O programa nacional desta disciplina é o mais longo de todos os publicados na página do Ministério da Educação.

Na aula da tarde os alunos desertaram. Era a única aula da tarde e, aproveitando o facto de haver atividades de Educação Física, já não voltaram. Fiquei na sala o tempo todo a fazer trabalhos. Apareceram

três alunos para fazer a sua autoavaliação. Na verdade, para me vencerem a dar as notas que eles querem. Mas nem era preciso. Dois deles vão ter o 3. Apesar de o Filipinho ter aquele jeito para copiar. Jeito e um certo casaco que leva para os testes quer chova quer faça sol. Mas é um truque tão velho que não chega a incomodar pois deteta-se. O outro aluno terá 4. Pouco lhe apanho para a avaliação oral, mas, como ele é muito reservado, há que respeitar.

E pronto, vou para casa.

Sentimento/Sensação do dia

Uff, que bom! Este ano foi bem complexo, sobretudo pelas dificuldades de visão que senti. Mas tem um balanço muito positivo. Sobre tudo porque as minhas cinco turmas de 9.º ano tiveram resultados acima das médias!

Maria do Mar

DIÁRIO I

Reflexão sobre os cursos profissionais no ensino secundário/nas escolas secundárias

Tópicos: a escolarização dos cursos profissionais; a partilha dos mesmos espaços – cursos gerais e cursos profissionais; tratamento idêntico para profissionais distintos: professores e técnicos vários; regimes de avaliação e de assiduidade muito distintos que geram confusões.

Os cursos profissionais chegaram às escolas secundárias há cinco anos (existiam anteriormente nas escolas profissionais).

Saímos da escola em finais de julho e ninguém sabia de nada. Quando regressámos, em setembro, deparámo-nos com os cursos profissionais já implantados.

Como é possível que, tratando-se de um novo paradigma de ensino – como alguns diziam –, as coisas fossem feitas deste modo? Sem qualquer preparação, explicação, formação ou mesmo seriedade. Decerto que foi tudo, apenas, para cumprir as metas economicistas em que o ensino terá sido das áreas mais prejudicadas. Na educação que se quer de futuro, na educação que se quer de

qualidade, preparando cidadãos de excelência, não se poupa, gasta-se: é o melhor investimento de um país. Continuo a não me conformar com muitos políticos não o entenderem, ou não o quererem entender, e, assim, irem arrastando o desenvolvimento de um país para «o nunca».

Nas diversas reuniões que fomos tendo, e refiro-me às dos professores que ficaram com turmas dos cursos profissionais (para saber, por exemplo, a contagem das horas, a questão dos módulos – que nada tem a ver com os períodos letivos –, os imensos planos de recuperação a aplicar aos alunos, etc., etc.), o que nos foi dito foi que se tratou de uma imposição da Direção Regional de Educação. Não fui apurar, mas sabemos que mais uma vez presidiram a esta decisão questões financeiras, porque é sempre mais barato (em recursos humanos e outros) juntar tudo, fechando muitas das escolas profissionais, do que respeitar as diferenças, as especificidades e os ritmos, fazendo um trabalho diferenciado.

Os alunos ainda me chegaram a dizer (porque uma vez que eu era a mais nova do grupo, fui de imediato presenteada com duas turmas profissionais e tinha de aceitar o que viesse) que tinham sido fechados numa sala, com a psicóloga da escola a fazer-lhes uma lavagem ao cérebro, dizendo-lhes que o melhor que tinham a fazer era optarem pelo curso profissional, porque lhes dava todas as garantias de um curso geral (de prosseguimento de estudos) e ainda porque saíam dali com um certificado profissional de técnico de nível 3, uma enorme mais-valia caso quisessem ingressar no mercado de trabalho.

Hoje, como os níveis dos cursos foram alterados há um ano, o nível destes cursos é o 4.

Acresce que os alunos eram financiados (quanto a isto, sei que nem todas as escolas o fizeram da mesma maneira). Nesta escola cada aluno recebia, sensivelmente, 110 a 120 euros mensais, resultado dos subsídios de refeição e de deslocação a que tinham direito. Todo o material que utilizavam era gratuito. Foi assim até há dois anos, depois deixou de haver dinheiro e muito os alunos protestaram!

A nós, docentes, aos que trabalhávamos com os cursos profissionais, por uma vez na vida deram dois ou três dossiês e permitiram um número ilimitado de fotocópias.

Era assim que nos tentavam agarrar. O certo é que numa incerteza e desconhecimento completos iniciámos os cursos profissionais: técnico de animação sociocultural e, também, técnico de apoio psicossocial.

Fiquei com a disciplina de Psicologia. Já lecionava esta disciplina há muitos anos, mas os programas novos nada tinham que ver com os antigos. Não que sejam piores, mas era necessário ter tido tempo para os preparar. Com muito, muito, muito tempo de trabalho de casa (investigação, análise dos textos, montagem, aferição de coerência com o programa e com o novo modelo de avaliação, etc.) lá fui preparando os materiais para cada aula, dia a dia. Por não termos quaisquer materiais e, como dizia a ministra da altura (eu ouvi-a a dizê-lo), nem termos de ter, uma vez que havia que respeitar a especificidade de cada turma e, assim, criar individualmente os materiais adequados.

Um manual impõe demasiado a uma aula, razão pela qual estes cursos não devem ter manual, argumentava a ministra Maria de Lurdes Rodrigues. Este conceito, levado ao máximo rigor, significaria ter materiais não apenas para cada turma, mas também para cada aluno. O que não está muito longe do que, na verdade, é preciso fazer. Se

o aluno não cumprir o módulo (isto é, se não obtiver classificação igual ou superior a 9,5 valores) na sala de aula e na frequência diária, o docente deve promover um plano de recuperação que é obrigatoriamente individual, para que, respeitadas as especificidades do aluno, ele consiga realizar o módulo.

O Ministério da Educação não queria manuais e, com estes novos programas, na grande maioria das disciplinas, não era viável adaptar os manuais existentes (exceção feita à disciplina de Português). Na escola onde estou só este ano letivo foi permitido adotar manual para os cursos profissionais. Os manuais só começaram a ser publicados pelas editoras recentemente.

Eu, que tenho trabalhado sempre com materiais por mim criados, e porque agora há menos dinheiro em cada casa, escolhi não usar manual, opção que justifiquei perante a direção da escola, que concordou. Os meus alunos, com 6 euros e 50 cêntimos compram todo o material para as minhas disciplinas para o ano inteiro, e assim foi também este ano. No futuro veremos. Refira-se que o preço dos manuais ronda os 40 euros. Alguns alunos, no início, compreenderam mal e refilaram: «Ah, ir comprar fotocópias, ah isto, ah aquilo»; depois, com calma, perceberam a razão e já muitos me disseram que o correto é o que eu faço.

A preparação dos materiais constituiu um stresse imenso: posso dizer que na maioria das vezes os preparava em casa até às 2h00 da manhã para entrar na escola às 8h20. Este é só mais um dado que ninguém imagina nem valoriza.

Passado este stresse imenso, veio o stresse das avaliações e da análise do tipo de alunos. Porque o critério para organizar as duas turmas foi, precisamente, selecionar os alunos repetentes do ano anterior e os alunos que tinham chegado à escola com péssimos resultados do

3.º ciclo, particularmente do 9.º ano. Habitualmente esta análise dos resultados do 3.º ciclo faz-se sempre. Aqui foi feita também com este novo objetivo. A situação na altura pareceu-me estranha e algo incorreta também; acreditava que os alunos deveriam apenas escolher estes cursos como mais uma opção entre outras (percebi que pode não ser bem assim). O certo é que a lei geral assim o determina: se o aluno não está a fazer o percurso adequado nos cursos gerais deve ir para os profissionais; e se não está a fazer o percurso adequado nos profissionais deve ir para os cursos EFA (Educação e Formação de Adultos) ou para uma qualquer alternativa do CNO (Centro de Novas Oportunidades).

Só mais tarde vim a saber destas orientações, e acerca delas não faço qualquer juízo de valor. Como princípio, pensaria que não deveria ser assim, isto é, que estes cursos não deveriam ser a primeira opção para alguns alunos. Os cursos deveriam ter tanto valor como quaisquer outros e a escolha dos alunos por um qualquer percurso deveria ser natural, digamos; mas há razões ponderosas para compreender esta opção legislativa. Como sejam, todos adquirirão uma certificação de nível secundário, o que para alguns alunos nos cursos gerais não seria fácil; estarem envolvidos num percurso de formação enquanto têm 15/16 anos e não acedem ao mercado de trabalho e, também, serem alunos que não têm gosto ou aptidão para a escola regular.

Quanto ao tipo de alunos percebe-se que é um conjunto com características e necessidades muito específicas. Muitos com algumas dificuldades e com muita necessidade de um apoio constante do docente. Nada autónomos, nada desembaraçados. Alunos que, pelas mais diversas razões, não desenvolveram as competências e capacidades inerentes aos 2.º e 3.º ciclos e que, por isso, estão num

patamar muito mais distante do que seria necessário para enfrentarem os conteúdos e todo o trabalho dos cursos gerais (de prosseguimento de estudos).

Há uns tempos houve aqui na cidade uma sessão com a professora R. C. M. (e uma outra professora cujo nome não recordo, que a acompanhou no projeto de que ali vieram falar), em que ela descrevia o sucesso que teve com um projeto PIEF (Plano de Intervenção, Educação e Formação, creio). Designamo-lo, frequentemente, como um plano de educação prioritário, que se aplica aos casos mais graves de insucesso ou de abandono escolar. Segundo estas professoras, tinha corrido bem.

Eu não duvido de que estes projetos-piloto corram lindamente, porque neles tudo concorre para o sucesso (as condições físicas, o espaço de trabalho, os horários dos docentes que se envolvem nestas experiências-piloto, a preparação que muitas vezes têm, etc.). Nestes moldes corre bem necessariamente.

Mas será que temos os mesmos cuidados quando se generaliza a aplicação destes projetos? O que se generaliza fica muitas vezes desvirtuado, deturpado.

Aceito que se façam experiências positivas; o que me custa a aceitar é que quem está muito envolvido, que sabe perfeitamente as consequências implicadas, use uma singular experiência-piloto como modelo para tudo e para sempre. Por amor de Deus! Haja paciência. Com isto é que eu não lido nada bem. Nada mesmo.

Este caso lembra-me um outro que se vive na minha escola, o de uma colega que no 1.º ano dos cursos profissionais deu uma disciplina (das imensas disciplinas específicas, para não dizer estranhas, que estes cursos contemplam) a uma turma que naquela opção disciplinar tinha seis alunas!

Até aqui tudo correto, mas passados cinco anos nunca mais teve uma turma de cursos profissionais porque não quer, apesar de os gerir, de fazer parte da direção. Continua a falar nessa maravilhosa e gratificante experiência que foi dar aulas aos cursos profissionais. E repete-o! Confesso que tive de a ouvir uma boa dúzia de vezes para um dia, calmamente, lhe apresentar as coisas como elas são. Disse-lhe: «Se foi tudo tão bom e tão perfeito, por que razão já não queres ficar com uma turma dos cursos profissionais?»

A mim parece-me que, sobretudo por uma questão de coerência, ficaria bem a quem é o responsável máximo destes cursos aqui na escola lecioná-los. Não é verdade? Devo dizer que se trata de uma colega que é amiga, de facto. Para mim não é uma pessoa qualquer naquela escola, mas começo a perceber a sabedoria popular que diz: «Amigos, amigos, negócios à parte.» É assim.

Na minha opinião o mal-estar dos docentes é em boa parte motivado pelas direções das escolas que, genericamente, não protegem nada os professores. Fazem o que podem e o que não podem para se perpetuar na gestão, porque atualmente quase ninguém quer dar aulas ou gosta de o fazer. Dar aulas, no tempo presente, é das atividades mais desgastantes e mais exigentes.

Recuperando a sessão com a professora R. C. M., digo que nunca trabalhei com um PIEF (e dou graças a Deus), mas todos os colegas que conheço que nele trabalharam não se pronunciavam favoravelmente; ou estão doentes ou a caminho de o ficar. Não falam da experiência como positiva para os alunos. Usam frequentemente a designação «guarda prisional» para significar que estão ali a cuidar dos alunos, no sentido menos nobre do que é, de facto, cuidar.

Quando participei no debate falei à professora R. C. M. na minha experiência com os alunos dos cursos profissionais (estavam 200

professores na sessão) e no facto de que muita coisa está mal a este propósito. A professora concordou com tudo o que afirmei, e no seu discurso posterior corroborou as minhas perspetivas. A generalidade dos meus colegas disse-me que eu falei o que era a realidade mas que as pessoas não a querem assumir. Por exemplo: não é possível ter com estes alunos e estes cursos o mesmo horário que nos é atribuído quando se têm turmas de cursos gerais. Se é para fazer um trabalho diferenciado, temos de criar condições diferenciadas para os que com aqueles primeiros trabalham. Falamos de alunos muito mais cansativos, exigentes e difíceis do que os outros. E isto não conta? Não vemos todos o mesmo? Porque não agimos?

Devo dizer, para que não haja mal-entendidos, que mesmo com um horário bastante reduzido nestes cursos (sugeri 15 horas), se eu pudesse escolheria sempre trabalhar com os alunos dos cursos gerais e, assim, poder lecionar a minha disciplina.

Sendo defensora da necessidade das condições mencionadas, seria bom que se concretizassem, porque acho que são justas. Mas não alteraria a minha escolha. Fiz este esclarecimento para que não se pense que, pelo facto de lecionar os cursos profissionais há muito tempo, desejo a mudança em proveito pessoal. Não é o caso, quero muito que tudo melhore, mas nem por isso pretendo ficar a trabalhar nestes cursos.

Por outro lado, a professora R. C. M. insistia muito na diversificação de estratégias, na sua enorme importância. Decerto que é uma ideia com que todos concordamos. Mas preparar estas aulas diferentes e criativas sem disponibilização de materiais nem de espaços próprios, para alunos genericamente «especiais», exige um tempo muito mais longo do que o de preparar um conteúdo teórico, ou uma atividade, para alunos com boas capacidades de aprendizagem e

motivados. A professora assentiu, disse que isso se resolveria com trabalho conjunto entre os docentes. Concordo que pode ajudar, mas voltamos ao mesmo, o horário destes docentes tem de ser outro. Ou ninguém aguenta. O tempo não estica.

Ainda a considerar, uma das questões mais significativas: o espaço.

As escolas secundárias que lecionam estes cursos não têm espaços adequados para o fazer, salvo raríssimas exceções. O modo como organizaram os cursos profissionais e a partilha dos espaços nem sempre permite fazer um bom trabalho. Os alunos dos diferentes cursos (gerais e profissionais) partilham inteiramente a escola: as mesmas salas de aula e tudo o resto. Estamos permanentemente misturados. Dou um exemplo. Este ano tenho um horário substancialmente melhor, com duas turmas da minha disciplina nos cursos gerais e três turmas de Área de Integração nos cursos profissionais; esta combinação aparece de forma totalmente aleatória no meu horário: saio de uma disciplina (ou de uma turma, de um curso), sigo para outra situação totalmente distinta, que por sua vez acaba e me faz voltar a um outro ponto de partida, e assim sucessivamente. No ano letivo anterior tinha seis níveis, durante todo o ano não dei uma única aula com o mesmo conteúdo.

Acontecia em todas as turmas, todos os conteúdos eram diferentes entre si, o que me provocava grande cansaço e gerava uma quantidade de documentação diária indescritível. Desde que estou nesta escola tenho tido anualmente quatro ou cinco níveis, ou disciplinas. O pior ano foi o anterior em que tive seis. Este ano estou muito bem nesse sentido: só tenho três níveis, o que é muito melhor para a preparação das aulas e dos materiais.

A Ministra da Educação, quando lançou esta iniciativa, ou seja, quando colocou os cursos profissionais nas escolas secundárias,

chegou a declarar que queria em três anos uma paridade do número de alunos em ambos os cursos. Depois, deve ter sido mais bem informada e disse que desejava uma frequência de 60% nos cursos gerais e de 40% nos profissionais, e este tem sido o objetivo perseguido. Na minha escola, ainda não foi conseguido. Calculo que teremos 400 alunos nos cursos profissionais e 1000 nos cursos gerais, nos três anos da escola: 10.º, 11.º e 12.º.

Enquanto teórica, a percentagem a alcançar não me choca. Um professor que tive explicou-me muito claramente a importância do ensino técnico ou industrial. E facilmente se percebem a sua importância e a sua necessidade. Mas temo pela falta de seriedade e de exigência com que estes cursos são tratados em todos os âmbitos. Não estamos a falar das antigas escolas industriais ou técnicas, pelo que sei globalmente boas, onde se formavam bons profissionais. Estamos a falar de uma «salada» feita à pressa, já lá vão cinco anos e que ainda não foi melhorada.

Não conheci ninguém que trabalhasse nas antigas escolas profissionais (muitas delas entretanto fechadas) que dissesse que o trabalho e o resultado eram fracos ou maus. Os espaços estavam preparados com valências adequadas aos cursos lecionados. E, de repente, os cursos saltam para dentro das salas de aula das escolas secundárias, sem qualquer preparação e investimento. Uma tristeza.

Discordo ainda, liminarmente, de partilhar o mesmo espaço entre estes cursos e os cursos de prosseguimento de estudos, porque creio que todos perdem. Eu valorizo muito o espaço porque na minha opinião define muita coisa: marca e impõe comportamentos, atitudes e posturas. O espaço determina-nos, e muito. O que temos agora são alunos com uma avaliação periódica (1.º, 2.º e 3.º períodos, dos cursos gerais) em simultâneo com alunos sujeitos a uma

avaliação modular, que é uma avaliação distinta: cada módulo tem tempos diferentes, o que resulta em momentos de avaliação bem diversificados. Aliás, a divisão dos cursos profissionais em períodos letivos tradicionais não faz muito sentido porque os alunos assinam um contrato (o que é diferente de fazer uma matrícula) no qual se diz que o único período que nunca será ocupado pela formação é o do mês de agosto.

Discordo também de partilhar (em aparente igualdade de circunstâncias) o mesmo lugar, a mesma posição, com profissionais que não sendo professores vão às escolas dar módulos específicos e que em muitos casos nos complicam o trabalho. São sem dúvida excelentes psicólogos, engenheiros, sociólogos, gestores, etc., mas não tendo qualquer formação pedagógica e estando a dar aulas numa escola secundária suscitam muitas interrogações.

Assistindo aos conselhos de turma dos cursos profissionais uma pessoa fica atónita. São feitas, claro, as avaliações dos módulos que foram lecionados. Mas às vezes o que dizem os docentes, como o dizem, o que lhes importa, o que pensam, o que permitem, o que não valorizam, dá que pensar. Descredibilizam muito um lado de uma atividade docente genuína: as preocupações pedagógicas, a evolução no trabalho, a correção na relação connosco, colegas, são questões na maioria das vezes inexistentes, omissão que se torna difícil de corrigir ou de explicar aos alunos e a esses mesmos colegas (técnicos especialistas).

Depois, a avaliação e o regime de assiduidade. Também totalmente distintos dos dos cursos gerais e que os alunos, porque estão juntos e convivem, insistem em querer comparar.

Em meu entender a escolarização dos cursos profissionais não trouxe bons resultados.

DIÁRIO 2

Também eu estou tristíssima com o meu país.

Terminei um módulo de Área de Integração: avaliações finais, fazer pautas, elaborar os planos de recuperação para cada aluno que não realizou o módulo porque nada quis fazer na aula e o declarou (e não foi um caso isolado): «Eu agora não quero fazer, logo faço o plano.» Imagine-se!

Ainda hoje disse na direção que temos de repensar esta situação porque estes alunos que estão em 48 aulas e não realizam uma única atividade proposta (fiz três testes, três fichas de trabalho e solicitei o portefólio organizado e enriquecido em casa), tudo o que alguns deles declararam foi «não faço, não me apetece». Esses estudantes não deveriam ter direito a planos de recuperação, sobretudo porque são altamente desestabilizadores na sala de aula. Os planos de recuperação deveriam existir para quem se esforçou, mas que por uma ou outra razão não alcançou o objetivo. Nunca para os baldas. Na direção ouvem-me, até sorriem e dizem «iremos pensar», mas dá-me a sensação de que não me levam muito a sério, pelo menos algumas vezes.

Sobre como está e como continua este país: a Parque Escolar, ainda!

Fui há pouco à escola para levantar os requerimentos – pedidos de plano de recuperação de módulo – dos alunos que não os entregaram até ao início da tarde, e acabei por ficar um pouco à conversa com a funcionária da noite. É uma boa senhora (já há poucas senhoras educadas, prestáveis e discretas nesta escola). As boas funcionárias saíram todas, reformadas, nestes últimos seis anos. Agora chegam

umas senhoras que às vezes até me envergonham. Desde falarem dos ordenados dos professores dizendo que não concordam porque elas «trabalham igual» (pasmese!), a dizerem aos gritos: «Ela está a faltar, não vêes que ela não está aqui?» «Ela», como se percebe, era uma professora. Não aguentei, senti necessidade de a interpelar. Com o máximo cuidado pedi-lhe que não falasse assim, que não gritasse para a colega que está no outro lado, bem longe, e que tratasse os professores pelo nome e num outro tom, que o seu não era nada elegante; que os alunos ouvem e que isso não é bom. Embaraçada, respondeu: «Desculpe professora, desculpe.» Mas creio que, à semelhança do que acontece com os jovens, aquilo repetir-se-á. Tomara que não.

Falando da funcionária que está de serviço de noite, a D. Catarina (trabalhei à noite seis anos e fui professora da filha da senhora durante três, e reconheço que temos uma certa proximidade) disse-me que ontem chegaram vários candeeiros de um preço exorbitante. «Recebi a encomenda e fiquei com a fatura para entregar na direção, por isso vi o valor.» A D. Catarina ficou estupefacta e não era para menos. E acrescentou: «O professor Tiago, responsável pelas obras, diz que nunca serão ligados, serão colocados mas não ligados, porque têm um gasto elevadíssimo.» O Tiago apareceu e opinou: «Isto é um país irreal, Maria, está tudo maluco.» Eu acrescentei: «Ainda bem que eu não sei de quase nada, mesmo nada.» Porque creio que não aguentava. Não sou melhor do que ninguém (atenção, sei bem que não sou), serei, apenas, consciente da realidade humana em geral. Mas como é que isto é possível? Ninguém põe esta gente a pagar a fome e a miséria que vão alastrando no país? A D. Catarina ainda me disse: «Ó professora, quando é que vamos ter escola? Estão três homens a trabalhar, quando é que isto acaba?» Era janeiro quando

as obras pararam dois meses, estavam 60 homens nos trabalhos. Respondi: «Ainda ontem cheguei aqui à portaria e disse à D. Dorinda que ou isto termina e vamos para salas de aulas ou vamos todos adoecer de vez.»

Andei por estes dias a levar umas injeções para tratar um nervo inflamado (na zona da omoplata); é a segunda vez, no espaço de um ano, que me acontece. Esgoto-me naquelas aulas. É tremendo, há uma degradação do espaço envolvente, estamos a ter aulas praticamente no meio do estaleiro. Ontem mesmo aguentei 90 minutos com um senhor das obras a bater sem interrupção num ferro de uma parede. Estava esgotada, literalmente exausta. Apanhei o Tiago no intervalo e disse-lhe: «Esta aula foi demais, o pedreiro ali colado a nós – da janela da sala até à obra serão talvez dois metros – e nunca parou de martelar.» O Tiago respondeu: «Maria, quando é assim, ou pedes diretamente ao senhor para parar ou chamas o funcionário para ir dizer-lhe.» Confesso que não sabia que o podíamos fazer, mas é algo ambíguo: queremos ver as obras avançarem, depois pedimos para parar? Disse o Tiago: «É isso.»

Estas obras nunca deviam ter começado. A escola era provavelmente a melhor secundária de toda a região, tinha estado alguns anos em obras e era uma escola linda. Infelizmente acho que não voltará a ser o que era. A avaliar pelo novo edifício que foi construído e que tem apenas alguns meses, existem problemas de toda a ordem. Salas pequenas, mal concebidas. Parece que o arquiteto que projetou a escola não se encontrava devidamente sensibilizado para o que estava em causa. Custa-me a acreditar, mas os colegas de *Design* dizem que ele é um tolo de todo o tamanho. Eu, que entendo pouco do assunto, fico perplexa com algumas más opções. Uma, evidente: quem está na portaria da escola não vê quem entra e quem sai, o que

é inadmissível. Parece que esta incongruência foi mencionada em tempo ao senhor arquiteto, mas ele não permitiu a alteração. Confesso que me custa a crer, mas já ouvi diferentes pessoas a contarem este episódio. O certo é que o projeto terá custado muito dinheiro. É doloroso para todos nós vivermos com isto e sentirmos que pouco ou mesmo nada podemos fazer. Eu vivo muito mal com coisas destas. Acresce que na escola é ingrato fazermos reparos, porque corremos o risco de nos chamarem antiquada e outros mimos que tais. Não sei como suportar isto e ter razões para acreditar no futuro. É duríssimo. Creio mesmo que se eu, no que me toca, não tivesse Fé e Esperança em Deus seria impensável conseguir a vontade, a alegria e a energia para viver e partilhar todos os meus dias com os jovens e com os que me rodeiam. No entanto (sou incapaz de verbalizar esta ideia em público), parece-me que os próximos 20 anos vão ser muito maus. Sem comparação com o que já aconteceu no passado. Espero que assim não seja, que esteja muito enganada. Mas este país está a afundar-se, e digo-o em vários sentidos: no económico, no educacional, nos valores familiares, etc. É suficiente para provocar todo o mal a que estamos a assistir.

DIÁRIO 3

Cursos profissionais – continuação

No que diz respeito às 48 aulas, anteriormente referidas, a que os alunos têm de assistir, cabe dizer que os programas das disciplinas se apresentam em módulos. Esta formação dos cursos profissionais é modular, nada tem a ver com o tempo dos períodos letivos. Há módulos a lecionar e as respetivas horas dedicadas a cada um deles. É essencial conseguir gerir este todo num contexto de escolaridade (toques, salas, não haver «furos», adequação entre as diversas disciplinas, etc.) atendendo sobretudo aos horários da maioria dos docentes que lecionam simultaneamente os cursos profissionais e os cursos gerais.

Cada módulo tem um conjunto específico de horas que não pode ser alterado, está definido pelo Ministério da Educação. Por exemplo, a disciplina de Psicologia tem ao todo sete módulos: a duração de cada módulo varia entre as 35 e as 50 horas. A disciplina de Área de Integração tem na totalidade seis módulos, cada um tem a duração de 36 horas. Esta disciplina é um caso único porque todos os módulos têm exatamente o mesmo número de horas, o que creio que não acontece com nenhuma outra. Os módulos têm de ser convertidos em tempos letivos. Nos cursos profissionais os tempos letivos são de 45 minutos e nós lecionamos sempre dois tempos letivos seguidos, pelo que fazemos dois sumários, marcamos duas faltas se o aluno faltar às duas aulas. Assim cumprimos os 90 minutos na sala de aula, tal como acontece nos cursos gerais.

Por isso falei de 48 aulas, que são o resultado das 36 horas que o programa impõe para cada um dos módulos de Área de Integração.

O cálculo é: 36 horas vezes 60 minutos, dividindo o resultado por 45 minutos, dá as 48 aulas mencionadas.

Com os conteúdos integralmente lecionados, no final das 48 aulas conclui-se a avaliação. Depois, nós, professores, lançamos as notas numa pauta que levamos para a aula seguinte a fim de os alunos tomarem conhecimento da classificação obtida e assinarem. Ou a classificação é de 10 valores ou é registada na pauta uma alínea «aluno em recuperação», e vamos entregando planos de recuperação individuais a cada aluno respeitantes ao módulo que terminou para que realize as atividades propostas. Legalmente o aluno tem 15 dias para cumprir este plano. Se cumpre faz-se nova pauta com a classificação obtida. Se não cumpre há várias opções: ou a escola impõe que se vão aplicando planos de recuperação até que o aluno finalmente cumpra; ou o aluno fica com o módulo em atraso para o realizar numa das três épocas de exames de módulos dos cursos profissionais.

A lecionação nunca se interrompe, como é natural. Termina-se um módulo, encerra-se o tema e tudo o que respeita a esse módulo e inicia-se outro na aula seguinte. E é sempre assim. As horas dedicadas a cada módulo são muito variáveis, temos apenas de transformar as horas em aulas e cumprir a lecionação dos tempos respetivos. Há módulos em várias disciplinas com 70 ou mesmo com 80 horas. Também há módulos, por exemplo em Educação Física, com cinco e seis horas. A carga horária de cada módulo é tão variável quanto isto.

A variedade não termina aqui. A elaboração do horário dos professores e dos alunos tem sofrido ao longo dos anos uma quantidade de mudanças. Falo da minha disciplina porque a lecionei nos quatro anos anteriores; só este ano não a tenho, em detrimento de ter a Área de Integração, que é para mim muito mais desinteressante.

No início, quando os cursos profissionais se iniciaram nas escolas secundárias, fizeram-se os currículos dos alunos com a minha disciplina distribuída pelos três anos de formação (que correspondem aos 10.º, 11.º e 12.º anos). Assim, os alunos tinham dois módulos no 1.º ano do curso, outros dois no 2.º ano e, no último teriam três módulos. Salvaguardando que as horas dos módulos são muito diferentes, no fim a carga horária era igual.

Depois a escola entendeu, desde o ano passado, que era melhor concentrar todas as disciplinas de cariz mais teórico nos 1.º e 2.º anos do curso (correspondentes aos 10.º e 11.º anos) e deixar o último ano para as disciplinas de carácter mais prático. É assim que estamos agora a proceder: todas as disciplinas de cariz mais teórico são lecionadas nos 1.º e 2.º anos com uma carga horária superior. As disciplinas de carácter mais prático começam a aparecer no 2.º ano do curso (11.º ano) e estão presentes de forma intensa na formação do 3.º ano do curso que termina obrigatoriamente, de acordo com o disposto pelo Ministério da Educação, com uma Formação em Contexto de Trabalho (FCT), vulgarmente designada pelos alunos como estágio, de 480 horas. A formação dos alunos de nível 4 perfaz um total de 3100 horas, se não erro. Após todo este processo a formação está terminada e os alunos adquirem uma certificação de técnico profissional de nível 4.

Os itens que todos os alunos têm de reunir para obterem o certificado final são:

- Noventa por cento de assiduidade ao longo do curso;
- Conclusão de todos os módulos com classificação igual ou superior a 9,5 valores;
- FCT com avaliação satisfatória, isto é, com boa avaliação;
- Apresentação pública de uma Prova de Aptidão Profissional, vulgarmente designada PAP.

Este conjunto de pressupostos parece ter credibilidade, o problema surge no modo como eles se conjugam no terreno.

Noventa por cento de assiduidade: em 3100 horas de formação não é negligenciável o número de faltas que são permitidas aos alunos; contudo muitos deles ultrapassam largamente esse limite, pelo que têm de fazer atividades de recuperação de horas de formação na biblioteca. Há dois meses que vou dois ou três dias por semana entregar na biblioteca da escola fichas de atividades para oito alunos (depois recolho-as, corrijo-as e entrego-as ao diretor de turma). Estes oito alunos, que faltaram muito no ano anterior, não eram meus alunos mas a verdade é que agora sou eu que tenho de andar a fazer as fichas de recuperação de tempos de formação. É uma trabalhadeira tremenda, tenho uma resma de fichas para corrigir. A um ritmo contínuo estamos sempre a ser solicitados para fazer planos de recuperação de horas para o aluno x e para o aluno y; em seguida, planos de recuperação de avaliação nos mesmos moldes para cada aluno, individualmente; depois os PIT (Plano Individual de Trabalho), também individuais, como o próprio nome indica, para cada aluno. É por este conjunto de vicissitudes que os cursos profissionais são esgotantes. Por os alunos destes cursos não serem bons, nem razoáveis, nem assíduos, nem aplicados, acabam por precisar de todas estas fichas, criadas por cada docente. É mesmo muito o que se pede. Se vissemos efeitos positivos, andaríamos esgotados mas recompensados. A verdade é que não vemos.

Entre outros aspetos de igual importância há uma quantidade de princípios, de regras e de hábitos (maus hábitos) que concorrem para isto não dar certo.

Um exemplo: ontem e na terça tive alunos a cumprir planos de horas de formação na biblioteca. Pude confirmar algo de que já me

tinha apercebido e que constato que é uma prática das funcionárias que lá se encontram. Vejo que os alunos andam no exterior ou abandonam biblioteca e vão mesmo embora nas horas que estão calendarizadas para as atividades. Vou, então, consultar os documentos do dossiê de trabalho na biblioteca e vejo que estão assinados duas e três horas antes de a própria hora decorrer. Chego junto dos alunos e pergunto-lhes: «Então por aqui? Não deveriam estar na biblioteca?» Respondem-me: «A funcionária deixou-nos assinar e sair, dissemos que já tínhamos feito tudo o que estava nas fichas.» Depois de deparar com esta situação umas três ou quatro vezes, posso concluir que assim não é possível ter confiança nas pessoas. Quer seja na grelha de calendarização quer seja nas nossas fichas, pedimos a realização de atividades respeitando o tempo em que os alunos têm de estar ocupados. Se as funcionárias os deixam sair logo, haverá mais uma razão para que tudo aquilo que eles fazem ou deveriam fazer na biblioteca esteja paupérrimo.

Esta é uma das razões pelas quais nunca deixei um aluno em aula de teste sair antes do toque final; se o aluno sabe que sai logo que termina o teste, então vai terminar mais depressa para sair (só os bons alunos não o farão e esses são poucos e eu não os tenho tido). É verdade que já tive vários conflitos com alunos por esta razão. Mas não tenciono ceder. Até lhes digo: «Aqui na sala castigo-vos por não demorarem o tempo devido na realização do teste; em casa, os vossos pais aplicarão o castigo que entenderem. Não posso estar a premiar quem não estuda deixando-o sair da sala. Entendem?» Infelizmente já tive problemas muito feios relacionados com este tipo de indisciplina, e o pior deles aconteceu quando uma turma me vandalizou o carro exatamente por isto. Um dia descrevo esta triste cena, agora que já está tudo mais calmo e resolvido no meu íntimo.

DIÁRIO 4

29 de maio de 2012

Reflexão de alguém quase desesperado de ouvir certas verdades e conhecê-las, e ter de continuar a promover falsidades:

Fui fazer uma massagem, estou mesmo aflita com as zonas do pescoço e da omoplata. Acabo de entrar em casa triste, quase irritada. Vim para o computador escrever. A massagista diz-me que não percebe como eu consigo andar. Eu sei! Tenho dores horríveis, mas para o bem e para o mal tenho uma invulgar resistência à dor.

A massagista é uma moldava a viver em Portugal há dez anos, cuja filha foi minha aluna há quatro anos e que diz à mãe que eu sou a professora mais exigente. A menina é uma excelente aluna. A mãe disse-me: «Maria, como sabe isto não é nada consigo mas eu estou muito chateada com o ensino em Portugal. O meu menino [o filho está no 4.º ano] está a dar coisas em matemática que os primos deram talvez no primeiro ano, na Moldávia. Se os miúdos estão numa idade em que absorvem como uma esponja, porque não se ensina? Porque se brinca tanto? O que se passa aqui que o ensino está tão mau? Fui falar com o professor do meu filho e ele disse: «Estou a cumprir o programa, que quer?» Já viu isto? Portugal é um país lindo, com todas as possibilidades, mas com este ensino não. Se eu me for embora para a Moldávia, o meu filho vai regressar à escola. Vão pensar que eu estive com o menino onde, para ele estar tão atrasado?» E ainda prosseguiu, mas já a repetir-se.

Continuo a perguntar-me por que se descarrilou tanto. O que é que se pretende com uma sociedade de gente tola? Não entendo. Não imagino um pai ou uma mãe portuguesas questionarem a escola

sobre os meninos brincarem muito e aprenderem pouco, não dominarem as operações de divisão e de multiplicação, como me referia a massagista ser o caso do filho. Globalmente, aos pais com quem trabalho, não lhes reconheço esta postura.

Na verdade acho que todo o meu trabalho é de uma enorme pobreza, no sentido do que estamos a tratar: da exigência. Nos cursos profissionais nem se fala. Acontece que tenho, ano após ano, problemas com alguns encarregados de educação precisamente porque alegam que sou demasiado exigente. Não penso que seja o caso e sei que o que digo é verdade. Tanto assim que esses pais esboçam umas iniciativas frouxas para me falarem, depois nunca passam disso, porque não há nada que eu exija ou peça que não seja razoável ou mesmo fácil. Esta é que é a verdade. Preocupo-me, isso sim, com alguns colegas que me chegam com essa conversa: «Ó rapariga, não exijas assim dos alunos; estão em pânico com a tua disciplina ou com o teu teste.» Tenho de sorrir porque só pode ser uma brincadeira a história da minha enorme exigência.

Este ano a diretora de uma das minhas turmas (uma moça com muito pouco interesse, digamos) veio ter comigo e disse-me que os pais querem fazer alguma coisa porque eu exijo muito aos alunos, alegam que é um curso profissional, que os filhos não estão na universidade, etc. Se, como se diz na gíria, esta colega tivesses dois dedos de testa, nem me apresentava tal relato, resolvia tudo de imediato com os pais (o que, no meu entender, seria a atitude mais inteligente). Depois, pediu-me para falar com os alunos e explicar-lhes. E eu pergunto, falar do quê? Explicar o quê? Pedir-lhes desculpa, porque tento rasgar-lhes novos horizontes? É disso que vou falar?

Uma vez, numa outra escola em que eu estava, um grupo de pais reuniu-se e veio falar-me por causa de eu pedir TPC. Alegavam que

os filhos estavam demasiado ocupados e não tinham nada que fazer TPC, que já gastavam muito tempo na escola. Na altura tive a oportunidade de lhes explicar que o meu salário não tinha qualquer acréscimo por eu gastar duas horas por dia a corrigir os trabalhos dos alunos, que pedia apenas um TPC por semana, o que, com as minhas seis turmas, significava muito trabalho diário. Se o fazia, era porque sabia que se tratava de um mecanismo absolutamente insubstituível de concretização das aprendizagens. Ainda me aborreci para dizer que não iria alterar as minhas práticas, que um aluno do secundário tinha de trabalhar ao fim de semana se queria ter sucesso escolar, ideia que aqueles pais reprovaram totalmente.

Devo dizer que a Ana Benavente teve, na altura, responsabilidade na criação deste ambiente. Um jornal diário saiu com a notícia de capa de que os alunos não tinham de fazer TPC, segundo relato de uma conferência de imprensa da Secretária de Estado na noite anterior. Nós, nas escolas, apanhamos por tabela com estas cabeças pensantes. Não pude deixar de associar a visita dos pais a este episódio porque foram temporalmente muito próximos. Os pais não querem ter quaisquer chatices (esta é a nova geração do *Peace and Love*) e os miúdos em casa devem fazer, fazem de certeza, resistência aos TPC. Eu mandava aos pais informação pela diretora de cada turma de que este e aquele aluno não estavam a realizar os TPC e em casa havia conflitos. Os pais juntaram-se e resolveram cortar o mal pela raiz e vieram à escola «pôr a professora no sítio», como que a dizer «o problema é você passar TPC, se não o fizesse, a minha vida era o céu.» Haja paciência!

Contaram-me um episódio que pode ter sido construído com muita falsidade. Se o que passo a descrever foi o caso, está muito bem montado.

O episódio referido da Ana Benavente pode ter sido por volta de fevereiro e, por finais de junho, fui ao Porto fazer uma breve formação de interculturalidade. No nosso terceiro e último dia de formação uma colega contou-nos uma historiazinha (já passaram muitos anos mas não consigo contar isto sem me arrepiar). Começou por dizer que era amiga da Ana Benavente e que tinham os filhos no mesmo colégio, e que, no dia seguinte à conferência de imprensa na qual a Secretária de Estado fazia a apologia do NÃO aos TPC, a encontrou a chegar ao colégio e lhe disse: «Ó Ana, então tu andas a dizer que os miúdos não devem fazer TPC e os nossos filhos vão daqui todos os dias cheios deles?» E comentou, para todas as que ali estávamos a ouvir, que a Ana respondera «Isso são os nossos filhos, os filhos do povo têm é de brincar, as crianças têm é de ser felizes!» Ficámos atónitas. Ainda hoje me pergunto se terá sido verdade. O certo é que de mil e uma maneiras esta ideia foi passando na sociedade nos últimos 15 ou 20 anos. E com alegria e sem nada na cabeça chegamos ao estado em que nos encontramos. Lamentável.

Tenho uma fé imensa no Nuno Crato, noto (sou algo intuitiva, como que cheiro os ambientes) que há um pouco mais de atenção (neste momento transformada em receio, uma vez que andamos todos a tratar tudo com muita leviandade e agora parece que temos medo que seja a sério) para com a realidade EXAMES. No que se refere ao regulamento dos exames nacionais percebo (ainda não li tudo, tenho de o fazer urgentemente) que as coisas estão mais disciplinadas. E como acredito que o caminho é por aqui, alegro-me. Mas ao mesmo tempo não sei.

Acredito que com mais rigor e exigência nos conteúdos muitos dos problemas (de indisciplina na sala de aula, que gera muitas das doenças dos docentes, por exemplo) ficariam quase resolvidos, mas

não tenho certezas. Sei apenas que não lido bem com bandalhice. Que não gosto de enganar os alunos dizendo-lhes que são bons e que obtiveram este ou aquele resultado porque são mesmo bons. Nós temos andado a enganar muito estes jovens ao fazer uma avaliação por baixo, pelos mínimos.

Reparo que é triste uma situação tão simples quanto esta: num qualquer conselho de turma gastamos sempre 15, 20 ou mesmo 30 minutos com um mau ou um mediano aluno. Chegada a vez de um bom aluno passamos por ele em 30 segundos. É verdade, sobre estes alunos bons não se faz qualquer reflexão.

Quantos alunos teriam tido outro percurso, ou mesmo mais sucesso, se tivéssemos olhado melhor para os seus 16, 17 ou 18 valores e chegado à conclusão de que, por exemplo, uma daquelas classificações não estava correta e que também a deveríamos subir? Gostaria de assistir a isso, confesso. Creio que seria uma forma de valorizar o mérito. Mas nunca o vi fazer. Votamos para subir uma nota de 7 para 8 valores, a fim de que um aluno prossiga a disciplina no ano seguinte. Votamos (esta votação é feita em conselho de turma nas reuniões finais de período) para que o 9 passe para 10 a fim de o aluno ficar com a disciplina feita. Gastamos imenso tempo com os maus alunos e com os bons nada!

DIÁRIO 5

Os alunos dos cursos profissionais e as aulas até julho (são os únicos alunos que permanecem na escola atualmente)

Ontem depois das 17h00 fui trabalhar para a sala dos diretores de turma até às 19h00 porque tenho de fazer o relatório deste cargo até sexta-feira. Encontrámo-nos três colegas, todas desesperadas com os alunos dos cursos profissionais, com o seu comportamento e sua absoluta falta de empenho e de interesse. Eu, que terminei na quinta-feira, e elas, que ainda estão a dar-lhes aulas para cumprirem o cronograma para este ano letivo, partilhámos todas o mesmo desespero. Terminei de lecionar na passada semana e tenho andado a fazer as avaliações finais (de testes, de portefólios, de pequenos trabalhos – tudo muito mau), o que é simplesmente depressivo. Não querem fazer nada. Nada de nada. E depois tratam-nos mal. Por vezes muito mal. No teste da passada semana não houve uma única positiva: os resultados situaram-se entre 1 e 4 valores. Ainda houve dois 8, um 6 e um 7. E as respostas estavam nos textos do próprio enunciado. A questão é que eles não leem. E pouco escreveram (em sete questões responderam ou a três ou a quatro).

A conversa começou por aqui, perguntando às colegas: «Vocês não acham que os miúdos dos cursos profissionais estão bastante piores?» Em coro todas concordaram. O mais grave é que os miúdos não têm a mais pálida noção do que é o trabalho escolar. Uns não têm, outros não querem ter porque assim lhes convém.

Depois de ter analisado todos os elementos, fiz as avaliações, coloquei as notas na pauta e fui junto deles entregar-lhes a pauta para

que a assinassem. Levei logo o plano individual de recuperação do módulo para distribuir por cada aluno.

Eis como funciona o sistema: os alunos que não realizam o módulo em sala de aula têm de receber um plano de recuperação, para que em 15 dias, realizando as atividades que propomos, façam o módulo, uma vez que não o fizeram em sala de aula. E daí ter levado um conjunto de planos, que estive a construir de manhã, para cada um deles. Claro que ficaram furiosos comigo, o que é uma situação clássica. Entre a muita asneira que tive de ouvir, um deles chegou ao pé de mim e disse-me: «Então com tudo o que eu fiz não passei no módulo?» Respondi-lhe: «Analisa o que fizeste – um teste de 6 valores e um teste de 4 Valores. Depois, no portefólio tiveste insuficiente menos, e agora, qual é a tua dúvida?» Resposta: «Mas olhe, fiz, podia nem ter vindo cá.» Naturalmente nem lhe respondi, disse-lhe apenas: «Tens o plano de recuperação na mão, se quiseres fazes, se não quiseres ficas com o módulo em atraso e vais a exame.» Claro que disparatou um rol de asneiras inimaginável. No portefólio exijo que eles escrevam três breves relatórios (pode ser meia página, com meia página fico muito satisfeita) por cada quatro semanas de aulas, ou seja, um mês, que é o tempo que eu tenho para cada tema na disciplina de Área de Integração.

Nenhum fez isto neste último módulo e ao longo do ano creio que uns três alunos o fizeram. Argumentam que é muitíssimo. Quando peço para ver e avaliar o portefólio, colocam lá dentro a panóplia de fichas, de textos e de atividades de sala de aula que desenvolvi e dizem: «Está feito». Não está e esse modo de proceder não vale nada, é o que lhes explico: «Nada do está aqui foi criado ou construído por ti.»

Se agarrassem nos textos sobre um dos temas, sempre simples e atuais, se fizessem algo, muito bem. Não fazem e devolvem-me (os

que devolvem, outros perdem tudo) o que lhes entreguei tal como lhes entreguei. Por tudo isto nós, docentes, vamos baixando o nível de tal maneira que fica próxima a anulação de tudo. Faço com os cursos profissionais o que nunca pensei ter de ser obrigada a fazer, no que se refere a concessões, e ainda assim os alunos classificam-me como o «terror» dos cursos profissionais.

Este último módulo tinha três temas, como todos os módulos de Área de Integração.

O primeiro foi a sustentabilidade: levei os panfletos que a empresa que gere a água na cidade distribui alertando para a importância de termos comportamentos ecologicamente responsáveis, o que os alunos apreciaram nos primeiros três a cinco minutos. Depois, disseram-me que já tinham visto, lido e analisado tudo e não queriam fazer mais nada. Passei o documentário *A pegada humana* (já tínhamos visto o documentário *Home*). Não só não apreciaram como me disseram que, se eu queria que eles gostassem, teria de lhes levar um filme, porque documentários eram uma *seca!*

Entre outras atividades, pedi-lhes que fizessem uma lista de todo o lixo e desperdício que cada um produz em 24 horas. Não cumpriram. Para eles é tudo aborrecido, chato e difícil.

O segundo tema era os empreendedores: (as características do empreendedor, a importância do empreendedorismo como atitude). Quis fazer um debate mas logo verifiquei que não eram capazes. Por um lado, nada têm a dizer, por outro são incapazes de ouvir. Assim, criei cenários hipotéticos e pedi-lhes que identificassem onde e quem tinha sido ou não empreendedor e quais os resultados. Tão pouco se entusiasmaram.

E por fim, o terceiro tema era a obra de arte, a sua definição, intemporalidade, a noção de Arte ao longo dos tempos, a noção de fruição,

etc. Foi o descalabro. Era tudo aborrecido e sem interesse nenhum. Levei-os à biblioteca da escola e pedi-lhes que selecionassem uma imagem (dos livros ou da internet) e que explicassem por que razão consideravam a imagem bela. Escolheram uma imagem (alguns com gozo à mistura), mas não quiseram dizer porque a achavam bela.

Os temas em Área de Integração são absolutamente diversificados e na grande maioria com particular interesse, mas não há forma de cativar estes alunos, ou, para meu desgosto, ainda a não descobri.

Uma destas turmas foi com a professora de Português ver uma peça de teatro e correu pessimamente. Portaram-se mal, a professora ainda foi chamada à atenção. Enfim, uma tristeza. Por isso é que eu lhes digo sempre: «Se vocês não me derem provas de que se sabem comportar aqui na sala de aula não vos levo a lado nenhum. Primeiro mostrem-me que sabem estar, depois marcamos alguma atividade de interesse no exterior.» Resultado: tenho tido pouquíssimas saídas com estes alunos nestes tremendos e longuíssimos cinco anos dos cursos profissionais.

Eles portam-se mal e não me vou arriscar a ir com eles para espaços públicos onde a possibilidade de correr muita coisa mal é imensa. Um colega, que chegou aos cursos profissionais há três anos, vinha para junto de mim defender que isto era só ali connosco e que depois «lá fora», fosse no estágio (Formação em Contexto de Trabalho), fosse na vida profissional, nada disso se verificaria. O certo é que já tivemos tantos casos que não comprovam esta sua tese que ele agora anda muito menos confiante e diz de forma às vezes meio bruta que temos de ser duríssimos com os alunos, que eles não podem gozar com isto, etc., etc.

Gostava de saber o que temos de ser. Gostava mesmo. Porque o que eu sei é que, dentro das variadíssimas limitações, já tentei tudo e

não vejo resultados sequer satisfatórios, infelizmente. Era excelente para mim descobrir algo que resultasse, dava-me saúde e muita alegria. Estou disponível para aceitar sugestões, desde que não ponham em causa o meu papel de docente.

Ontem as minhas colegas defendiam uma afirmação que subscrevo, dizendo que estes são alunos que já nos chegam com um insucesso escolar insuperável. A grande maioria é assim, de facto; a lei geral indica que, em situação de reprovação, o aluno deve ser encaminhado para um curso profissional e que, se o curso profissional não for uma boa solução e se o aluno já tiver 18 anos, deve ser encaminhado para um curso EFA (Educação e Formação de Adultos). E assim tem sido feito, só de umas das minhas turmas, este ano letivo, foram três alunos para os cursos EFA.

Acrescento que também não concordo com isto, trabalhei dois anos letivos com os cursos EFA, à noite, e com os cursos profissionais, de dia, visto que estes cursos chegaram às escolas todos no mesmo ano, ou seja, há cinco anos, e sei bem que esses cursos, tal como o nome indica (Educação e Formação de Adultos), não são para miúdos – servem apenas para certificar um conjunto de competências (como as profissionais), mas falseando tudo, o que é por si só um mau princípio. Na altura já tinha numa das turmas muitos miúdos com 18 anos, que de forma desesperada me diziam: «Ó professora, se nunca trabalhei, como é que eu vou descrever situações profissionais?»

Confesso que até sentia que aquilo era quase violento para eles, mas como os trabalhos tinham de aparecer, definimos que imaginassem situações hipotéticas. Assim validávamos competências com base em pequenas histórias que eles me iam contando. Sempre me bati por isto nestas reuniões e conselhos de professores e todos me

achavam uma lunática. Até que um dia uma colega me disse: «Maria, a idade de 35 anos para ti está bem? Achas que já são adultos?» Isto porque eu tinha levado e apresentado a noção de adulto, retirada de várias fontes, para mostrar que aqueles alunos não eram adultos e que estavam num sistema de formação que não se lhes adequava. A resposta que obtive foi a que descrevi. Calei-me até ao final do processo (e continuei a assumir a falsidade de validar competências que nunca foram vivenciadas).

Voltando à ideia anterior, diziam as minhas colegas que os alunos que não têm apetência nem gosto pela escola ficam fechados em salas de aula das 8h25 até às 17 ou 18h00, e o que hão de eles fazer senão revoltarem-se com quem está à sua frente? É verdade, revoltam-se connosco, dizem-nos *tudo*, sou incapaz de repetir o que já ouvi destes alunos, apesar de eles não se portarem demasiadamente mal comigo, face ao que é o seu comportamento global. Mas aquilo que fazem nas minhas aulas é suficiente para avaliar a sua postura em sala de aula como muito medíocre. Porém, conheço outras aulas e sei bem do que eles são capazes.

Este ano letivo, a propósito de uma situação problemática com os 28 alunos de Informática, uma colega da direção disse-me: «Eles passam-se contigo porque tu os queres sentados, porque não deixas que se deitem nas secretárias e, como fazem isso noutras aulas, desesperam por o não poderem fazer na tua.» Respondi que no dia em que me encontrar numa sala de aula e os alunos estiverem dançando na sala, de boné, com óculos escuros na testa e fones nos ouvidos, assumo, em definitivo, que tenho de largar o ensino e resolver a minha vida noutro lugar. Ela disse-me que eu tinha toda a razão, que ficasse tranquila porque a direção estava comigo e que o mal residia em quem lhes permitia tudo. Que só me dizia aquilo para eu perceber

que tenho mais conflitos porque eles não estão habituados. E assim é de facto. A ideia de os alunos me verem como porreira jamais me atraiu. Mas tentar impor-lhes outro tipo de atitudes vai acabando comigo. De ano para ano vou ficando mais doente.

No outro dia houve uma aula em que os alunos queriam sair mais cedo e eu não deixei. Nunca deixei. Aprendi isso muito claramente no estágio e gostei do que aprendi. Nada tem a ver com esta ou com qualquer outra das onze escolas por onde passei. É uma questão que eu assumi: só o permito na última aula do ano e mesmo assim em circunstâncias específicas, o que acontece cada vez menos. Há dias, dizia um aluno destes, até muito bem-educado e um dos miúdos mais cumpridores: «Ó professora, todos os professores dizem que não podem deixar sair mais cedo, mas todos deixam menos a professora. Porquê?» Expliquei-lhe que a única atitude que me importa e sobre a qual respondo é a minha, aquela que escolho praticar. Ele já ouviu isto muitas vezes, compreende mas custa-lhe a aceitar, porque quer estar fora do portão da escola e reduzir o mais possível o tempo na sala de aula.

Ainda sobre os resultados vou descrever esta outra situação: estava a fazer a avaliação dos resultados numa turma destas (era a turma do curso de *Design*) e disse a um aluno: «Tens de fazer a recuperação.» Aborrecido e mal-educado, respondeu-me: «Então a minha média está em quanto?». Respondi-lhe: «Está nos 7 valores e isso não chega.» E ele: «Ouça lá, e no dia que a professora não estava a conseguir montar o computador e eu fui aí e montei-o e ficou a funcionar, isso não conta?» Disse-lhe: «Claro que conta, és um rapaz prestável, disponível, com boas competências relacionais, mas a avaliação do módulo é outra coisa. Entendes?» Ao que ele retorquiu: «Se é assim, nunca mais a ajudo, afinal não serve para nada.»

Creio que não há necessidade de fazer daqui grandes leituras. É isto que vamos, não sei como, passando aos nossos jovens: dá uma ajuda (neste caso foi a coisa mais simples possível, eu não acertava com as ligações para o computador funcionar, o que ele resolveu em segundos) que depois terás uma recompensa!

O que é ainda mais grave quando se trata de um aluno, dos poucos nesta turma, com uma família tradicional, de nível económico razoável (o pai é proprietário de dois restaurantes, a mãe é professora numa escola de 2.º e 3.º ciclos e numa universidade privada, e a irmã está a frequentar um curso superior) que se acha o menino mais privilegiado da turma. Tudo isto me espanta, como também me espanta a mãe deste aluno ter vindo à escola junto da diretora de turma dizer-lhe que a professora de Área de Intervenção (eu própria) tinha de rever as suas aulas e formas de trabalhar porque estes alunos não estavam na universidade, só eu é que pensava que aquilo era ensino universitário. A diretora de turma ainda me contou o sucedido e acrescentou: «Olha, a mãe dele é professora.» «Ai é? – pensei, ou disse – pois se está com essa conversa e é professora, não deveria ser. Ela que agarre nos materiais do filho e, caso tenha coragem, venha então falar comigo. Se eu estiver bem-disposta talvez a receba.» Haja paciência! Claro que neste contexto não é de estranhar que o filho se ache no direito de subir a nota de 7 para 9,5 valores (ou seja, 10 valores), porque me ajudou uma vez a ligar o computador!

O resultado da conversa com as minhas colegas é que os cursos profissionais, como nós os concebemos, nunca poderiam funcionar nestes termos, com alunos que têm muito mais aulas do que os outros dos cursos gerais; que ficam na escola até muito mais tarde e andam totalmente desorientados e nos desorientam (no ano passado terminei as minhas aulas a 8/9 de julho); e tem sido assim nos

anos anteriores. Este ano a direção determinou que todos os cursos profissionais terminassem até ao final de junho. Por esta razão andam colegas a fazer atividades ao sábado para cumprirem o plano de horas de formação. Eu também calendarizei uma atividade que felizmente não foi necessário fazer, uma vez que cumpri o cronograma no tempo previsto.

Por agora não vou escrever mais, está um calor imenso e tenho de ir à escola entregar à diretora a ata da minha direção de turma, do recurso à classificação de uma aluna a Educação Física, e ir depois para o secretariado de exames (ainda que esta tarde seja uma tarde calma no secretariado).

DIÁRIO 6

Cheguei mesmo agora a casa. Vim logo que me foi possível porque tenho até sexta-feira para fazer dois relatórios e estou muito ansiosa por o conseguir.

Entretanto li algumas palavras que me foram dirigidas e que muito me emocionaram porque as sinto profundamente e porque penso hoje e mais uma vez, a propósito dos alunos, que tenho uma vontade imensa de os ver crescer intelectualmente, de os ver um dia serem capazes de interpretar o mundo, de os ver em lugares de prestígio: sim, teria nisso uma imensa satisfação, mas com estes alunos parece-me quase impensável.

Por outro lado, estou a rebentar aos poucos com a minha saúde e para muitos, refiro-me a gente muito amiga, sou uma tola.

«O Ministério da Educação não agradece, não se preocupa, a escola muitas vezes faz o mesmo e és tu que queres pôr seriedade nisto?» Já ouvi esta ideia vezes sem conta. E acreditem que tudo isto tem contribuído para desde há cinco anos a esta parte eu colocar em causa a minha continuidade no ensino. Por um lado por não aguentar (talvez venha a não aguentar mesmo); por outro lado, por o rumo do ensino ter ultimamente seguido orientações que eu não subscrevo. E talvez em meu próprio prejuízo, por não conseguir viver uma farsa. Se há uma característica minha é a autenticidade, e, pelo menos na vida que vivi até ao presente, por nada posso deixar de a ter. Porque aí seria a minha morte. Até isto eu questiono imenso ultimamente: por que razão não sei viver uma qualquer pontual hipocrisia? Não sou melhor pessoa por não o conseguir, provavelmente sou uma péssima amiga de mim mesma, digamos. Não sei se é do peso da religião na minha família, se é porque o meu pai também é assim, transparente

e correto. No que se lhe refere, este exemplo breve que vou descrever, na nossa cultura, nos tempos que correm, faz que todos digam que ele é louco, e que pensa que endireitará as contas do país, mas que está muito enganado. Esta conversa não é agora dos tempos da troika, é o que lhe dizem há anos.

Nós temos um muito pequeno negócio, que é assim há quarenta e tal anos. Penso que nunca cresceu porque quando se cumpre não se salta de um patamar para outro – em termos económicos – com a velocidade a que se assiste por aí e o meu pai NUNCA fugiu com um cêntimo às Finanças. E já teve muitas discussões com diferentes pessoas por trabalhar assim. Eu, pelo meu lado, admiro-o na sua postura. Não podemos querer saúde, educação, justiça de qualidade quando a nossa única preocupação é como enganar o Estado para não tributar os lucros. Isto é contraditório. Então quem é que põe cá dinheiro para nos desenvolvermos? O Estado não somos nós? Porque é que isto é difícil de entender? Quem é que não entende isso? Quem é que não entende que, à sua maneira, a maioria dos portugueses, se governasse o país, acabaria por fazer o que muitos governantes têm feito? Se virmos bem, os portugueses têm comportamentos idênticos aos que criticam nos políticos! Então, o que é que nos pode levar a acreditar que, se tivessem poder, não fariam aquilo que muito políticos têm feito, isto é, governar-se a si e aos seus «até à quinta geração», como eu em tom de brincadeira costumo dizer. Enfim, nada de novo. A verdade é que estes comportamentos, demasiado enraizados, vão também incitando os jovens a repetirem a mesma atitude. Não tenho dedos nas mãos para contar as vezes que já ouvi nas aulas os alunos a dizerem: «Acha que os estudos, a certificação escolar, contam para alguma coisa? Acha? Ó professora, o que importa é uma boa cunha e o resto ninguém valoriza.» E isto, vindo de jovens, deprime-me.

Fui educada em certos valores e cresci com todos à minha volta a dizerem: «Sê empenhada, sê justa, sê trabalhadora e o futuro sorrir-te-á.» O facto de nem sempre ter conseguido viver inteiramente de acordo com este princípio não lhe retira qualquer valor e não consigo imaginar que os pais e os educadores em geral passem a mensagem contrária. Numa das primeiras escolas onde ensinei, tinha eu 24 anos, chegou um dia pela primeira vez ao atendimento um encarregado de educação que apenas me disse: «Professora, o meu filho tem de passar.» E logo de seguida tira um maço de notas que coloca em cima da mesa a que ambos estávamos sentados. Posso fazer uma viagem a Marte (he! he! he!), que o que senti naquele momento nunca me passará da memória. Creio no entanto que comportamentos como este serão mais típicos junto de setores em que se faz dinheiro de forma demasiado fácil, com a noção de que tudo tem um preço, que é possível comprar tudo.

O certo é que adoraria ter condições para montar uma escola de pais (poderia ser de frequência semanal e talvez voluntária), visto que, no estado a que isto chegou, ou começamos por cima ou nada vamos conseguir.

No meu caso, no ensino secundário, apanho os miúdos com, no mínimo, 15 anos, sei que ainda estão muito permeáveis. Mas sei também, porque o venho constatando (até fico perplexa), que estes adolescentes trazem na sua conduta mecanismos enviesados a um nível que assusta. Acreditem que isto existe. Por exemplo, quando em Filosofia lecionamos os valores éticos, a noção de pessoa, de justiça, de liberdade, ou a relação da pessoa com as instituições, parece que estamos a pregar no deserto porque os alunos recusam aceitar muitas destas conceções, argumentando que conhecem exemplo de casos que contrariam essas ideias, que na realidade as coisas

acontecem de outro modo (os tais mecanismos enviesados de conduta...). Por isso acredito que seria fundamental existir uma escola de pais. E, vistas as coisas numa outra perspectiva, por que não começar a aplicar multas em dinheiro em mais casos de incumprimento? Nunca pensei vir a defendê-lo, mas já percebi que só ficamos «inteligentes» quando nos mexem na carteira. Quando finalmente se diz (e falo muito especialmente dos pais dos nossos alunos) «olhe que se não for assim vai custar-lhe uma verba significativa», nesse caso as pessoas cumprem! É inacreditável, mas existe.

Um exemplo banal: avisei os alunos da minha direção de turma sobre o dia da matrícula e da obrigatoriedade de virem à escola fazer o pagamento (informando cada um da quantia exata, que pode diferir bastante de aluno para aluno), mandei-os registrar no caderno e informei a primeira vez com 15 dias de antecedência. Depois fui repetindo em cada aula. No dia das matrículas vieram todos os alunos e todos com o pagamento. A direção da escola, de forma leve (a questão não merecia mais), ainda me felicitou porque nenhuma turma tinha tido este sucesso. Nas outras turmas ou não vieram alguns alunos, ou vieram e não traziam o dinheiro, ou ambas as situações. Os colegas quiseram saber qual tinha sido o segredo e eu respondi que tinha dito aos alunos que se eles não fizessem naquele dia a matrícula e o pagamento, depois teriam de o fazer com uma multa pesada! Riram-se, disseram-me que não seria assim, mas não ralharam comigo. Ainda respondi que ninguém foi prejudicado, que o dinheiro que os alunos tinham de trazer era pouco e pelo menos ficou o assunto resolvido de uma vez e sem mais chatices. Na direção mencionaram que as senhoras da secretaria ficaram muito contentes, porque é menos uma turma a que têm de telefonar durante o verão. Eu contente fiquei por ter facilitado o trabalho a alguém e por tudo

ter corrido bem. É verdade que enganei os alunos (sem saber ao certo se estava a enganar ou não) mas percebi que o que ali estava a dizer-lhes não prejudicava ninguém e o trabalho avançou. Há turmas em que dois terços dos alunos pagaram. Outras em que poucos alunos apareceram. E eu pergunto: mas isto é o quê? Andamos todos a brincar com quem? Então o filho chega a casa, diz que tem a matrícula e o pagamento no dia tal, e não se respeita isto? Podemos também admitir que esse filho se tenha esquecido de avisar em casa.

Esta é a pior forma de educar, como mostram estes exemplos parentais.

A tarifa mais alta para a matrícula são 16 euros. Será que a maioria das pessoas que não deu dinheiro ao filho para se matricular está a aguardar o próximo salário? Apesar da situação atual do país, não acredito porque é um comportamento que se tem vindo a repetir muito nos últimos anos. São um problema as matrículas, as renovações de matrícula e os pagamentos. Estes são problemas que se arrastam o ano inteiro.

De tal maneira que depois de todas as tentativas esgotadas (infinitos telefonemas, cartas com aviso de receção, *emails*, etc.), a escola este ano fez algo que eu conhecia apenas no setor privado: começou a tapar as classificações dos incumpridores nas pautas finais de período. Há alunos, no terceiro período, com as suas classificações tapadas. Significa que ou vêm regularizar a matrícula do ano que está a acabar, ou não têm acesso às classificações. Os que já referi, com o receio de uma multa, conseguiram organizar-se no tempo e na carteira para virem cumprir algo que não é mais do que um simples dever parental. De outro modo temos o que se vê: alunos sem qualquer responsabilidade, relativizando tudo o que hipoteca uma sociedade que pretende crescer e evoluir. Não duvido.

Na próxima semana tenho os conselhos de turma finais dos cursos profissionais e continuo no secretariado dos exames mas, se não inventarem mais nada, ficarei um pouco mais liberta para fazer o que me proponho, abordar alguns outros temas, e que ainda não tive oportunidade de realizar.

DIÁRIO 7

Vou comprar o jornal *Público* ao hipermercado, fiquei curiosa com a notícia de que me falaram, o hipermercado é mesmo aqui ao lado da casa onde vivo, e a hora do jogo de futebol é um momento excelente para lá ir.

A propósito dos cursos profissionais, quando me dizem «ninguém fala deste universo», fico a pensar porque será. De facto, a forma como estes cursos foram implementados e a forma como decorrem não nos permite orgulharmo-nos deles. Mas será por isso? Foram um fator de grande dispêndio de dinheiro do POPH (Programa Operacional do Potencial Humano) e apesar de hoje já não se financiarem os alunos ainda são muito dispendiosos. Mas será por isto? Será que temos receio do impacto destes alunos no mercado de trabalho? Eu tenho, imenso. Por isso defendo, no que diz respeito a alguns alunos com certos comportamentos, que uma escola que se queira de prestígio não os deveria permitir. Não estou a defender que se impedisse o aluno de frequentar a escola, mas que se lhe apresentasse a questão com toda a clareza: «Rapaz, as regras desta instituição são estas, se as cumpres és muito bem-vindo: para ti e por ti trabalhamos; se não as cumpres esta casa não tem lugar para ti.» Já repeti isto «n» vezes, a resposta é sempre um enorme sorriso e, depois, tudo se vai permitindo.

Quando a ministra Maria de Lurdes Rodrigues implementou estes cursos, nas vezes que a ouvi na TV a este respeito, afirmou, primeiramente, que o objetivo era que as escolas tivessem em três anos 60% dos alunos nestes percursos e 40% no percurso de prosseguimento. Pouco tempo depois, veio dizer que o objetivo era dividido em partes iguais e é esta proporção que tem sido frequentemente divulgada

e promovida. E há escolas que já a conseguiram. Parece-me que o Nuno Crato não apoia estes números, mas não sei bem o que pensa. Sei apenas que limitou o número de cursos a abrir, em cada escola, no próximo ano letivo. Mas gostava que fosse muito além disto, ainda que considere que esta medida poderá ser um princípio. Deixando agora de tentar encontrar razões para entender por que motivo os cursos profissionais estão já há cinco anos nas escolas secundárias e no exterior do sistema não se conhece esta realidade, passo a relatar o que hoje de manhã sucedeu na minha reunião de grupo.

O coordenador que estava hoje excecionalmente a presidir à reunião por a subcoordenadora ter adoecido, formulou a questão sobre os cursos profissionais e o que sobre eles haveria a dizer e referiu que a questão me era essencialmente dirigida. Eu pronunciei-me primeiramente, depois falaram todos os outros que já começam a estar envolvidos nestes cursos.

Enquanto foram poucas as turmas, nos dois primeiros anos só eu, deste grupo, tive cursos profissionais. Depois, como todos os anos tem aumentado o número de cursos e de turmas, já há muitos outros professores a receberem turmas. Apenas eu tive horário inteiro só com cursos profissionais, apesar dos meus 17 anos de ensino e quase 39 de idade; sou, de facto, a mais nova do grupo, e esse é o único critério na ordem de escolha dos horários, das turmas e das disciplinas.

Assim, iniciei o meu comentário dizendo que já todos me ouviram infinitas vezes sobre a principal questão que, em meu entender, tem de ser bem atendida no âmbito dos cursos profissionais. Trata-se do que poderemos designar como exigência, seja na parte comportamental, seja na aquisição dos objetivos mínimos, questão que mereceu o acordo de todos os colegas. Um deles contou que recebeu este ano uma aluna que lhe disse que tinha estado num curso

profissional no ano anterior, que tinha passado em todos os módulos, e que estava espantado porque concluiu que ela não sabia escrever nada de nada. Isto é frequente. Muitos colegas com quem vou falando sobre este tema e que estão nos cursos profissionais comigo, defendem que não importa termos esse tipo de preocupação, que mais importante é ter os alunos pela escola por três anos, acrescentando de imediato «sem os reprovar», e que no final desta experiência eles vão para a sociedade um pouco menos maus, dado que, com o nosso exemplo, certamente melhoram. Sou capaz de entender que há muito de verdade nisto, que estes alunos nunca tiveram um bom modelo com o qual se identificassem; estar com professores dará a alguns, uma minoria, uma ajuda para dirimir problemas no futuro. Também concordo que para este tipo de trabalho não sou eu (professora de Filosofia) nem muitos outros colegas das mais diversas áreas que temos competências para o realizar.

Perdem-se recursos humanos (uma vez que é a área em que os professores mais adoecem) e na verdade o tempo não é capazmente aproveitado. Teríamos de pensar noutros programas, noutros espaços e talvez mesmo noutro tipo de técnicos para trabalhar com estes alunos. E, claro, volta-se ao mesmo: não é possível fazê-lo com 28 alunos deste calibre na sala. Este tipo de alunos exige, e exigir é o mínimo que eu posso dizer, outro tipo de atenção, ou estamos a enganar-nos a todos. Como aliás temos estado, passando certificados de técnicos de nível 4 numa ou noutra área profissional a alunos que são uma nulidade em tudo. Nem sabem falar nem são capazes de dar um simples recado, transmitir uma banal ideia. Para os ensinar é necessário tempo e precisamos de pensar como fazê-lo. Não é no meio do stresse de manter a disciplina que se conseguem transmitir ideias. Vou ser absolutamente sincera: até conhecer estes miúdos, pensava

que muitas coisas eram inatas. Daí perguntar agora aos meus colegas onde é que esta malta andava até há cinco anos. Nos doze anos anteriores que lecionei e não deparei com esta realidade, onde andavam estes miúdos? Parece que a resposta é que ficavam pelo 3.º ciclo. É importantíssimo, aliás de valor incalculável, que estes jovens após os 14 ou 15 anos ainda façam algum tipo de aprendizagem e de formação porque precisam muito mais do que os outros (os alunos dos cursos de prosseguimento de estudos). Mas temos de pensar esta realidade com os pés assentes na terra, com seriedade, fazendo algo que sirva de facto os alunos e que não seja apenas para resolver os problemas das estatísticas da OCDE.

De que nos serve termos uma boa percentagem de população com o 12.º ano, se os alunos não dominam qualquer competência, escolar ou outra? Já me sucedeu perguntar a um aluno de 18 anos se o seu nome era escrito com acento ou não. Voltou-se para mim e disse-me: «É como quiser.» Expliquei-lhe não poder ser assim: «Tens de saber como é, pois ficou no registo.» Disse-me que não fazia a menor ideia. Isto parece pouco significativo, mas não o é. Não sabem escrever nada do que dizem que têm na cabeça, repetem sempre: «Sei, mas não sei escrever» – ao que eu lhes digo que se aprende a escrever, escrevendo e a ler, lendo. E que eles não exercitam o suficiente nem uma nem outra das competências para adquirirem algum saber e que, por isso, a escola é fundamental porque na vida futura irão precisar de escrever ou de ler algo. Naturalmente que argumentam que não precisam, que se conetam, que falam pela net para o mundo inteiro, e que a necessidade de escrever faz parte do passado, que hoje já não é importante. Não se imagina as vezes que já ouvi isto; porque eu insisto muito para que escrevam (sem sucesso é certo, mas insisto muito).

Não sabem, por exemplo, o que significa hierarquia: quando lhes digo, a propósito de qualquer protesto deles, «Bem, para isso deves falar com a diretora porque ela aqui na escola está no topo da hierarquia e só ela poderá responder-te», geralmente ficam atónitos: «Hierarquia, o que é isso?» Depois o que é mais doloroso, com este e muitos outros exemplos neste domínio, é que assim que lhes explico, respondem de imediato: «Porque é que não disse logo que a diretora estava no cimo da pirâmide da organização escolar, assim era mais fácil, está sempre a dizer-nos coisas difíceis!» Dizem-me sempre isto. E eu respondo-lhes: «Não explico tudo? Não vos esclareço sempre? Sabem que o nosso mundo é “o mundo da nossa linguagem”, que algo que não conseguimos referenciar é como se não existisse para nós.» Mas quando chego a este ponto (ainda o faço muitas vezes) já os perdi a todos porque não querem saber. Logo que entenderam que a diretora está acima, desligaram. Se a seguir lhes pedir que organizem por hierarquia alguma realidade, são, regra geral, totalmente incapazes, porque nem conseguem acompanhar a explicação do conceito. A diretora, a professora Idalina, está no topo da hierarquia, isso acatam; tudo o resto se perde, ou melhor, nem chega a ganhar-se. É assim, de facto.

Voltando à minha intervenção, os colegas de pronto concordaram e repetiram o mesmo, já que creio firmemente que isto, por minha parte, não é uma questão de grupo, nem tinha de sê-lo.

Acredito que não é o pessoal de Filosofia que mais se distraia com estes aspetos, sejam da postura, sejam cognitivos. A verdade é que se vai permitindo de mais, exigindo de menos. Até não ficar praticamente nada de nada. E mais uma vez digo no que acredito: estes alunos têm muito menos hipóteses de aprenderem o que quer que seja fora da escola, há assim mais uma razão para não podermos

ceder, baixar os braços e deixar de nos preocupar. Sobretudo adotar um slôgane muito repetido por todos na atualidade, por isto ou por aquilo: «Eu não estou para me chatear».

Com estes alunos, do ponto de vista comportamental, bastava que se fizesse cumprir o regulamento, uma vez que está lá tudo o que é necessário. E o que não está é porque é tão elementar que nem vale a pena escrever. Como seja, deitarem-se sobre as secretárias, esticarem as pernas na cadeira do lado ou da frente, ou baloiçarem-se nas cadeiras. Há alunos que o fazem durante os 90 minutos da aula. Isto é, a aula toda. Tenho alguns que me esgotaram até ao limite (cheguei a pô-los fora da sala por duas vezes), depois continuei sempre a corrigir-lhes o comportamento, mas já não os mandava sair porque fazer participações disciplinares diárias é esgotante. Por outro lado, também não se lhes vê uma mudança na atitude. Uma intervenção do foro da disciplina tinha de ser algo muito mais exemplar para que eles sentissem verdadeiramente coagidos. De outra forma, insistem com os seus comportamentos incorretos.

A biblioteca, que está acabada e recebeu algumas cadeiras novas (com qualidade inferior às antigas) já tem umas quatro ou cinco descoladas pelo facto de os alunos estarem constantemente a baloiçar-se nelas. Um dia, enchi-me de coragem e disse, com cuidado, à senhora funcionária o que se passava, mas a minha observação não teve qualquer eco, porque não fomos educados a sentir o que é público como nosso. Em muitos casos, aqueles alunos decerto que nem se apercebem de que o dinheiro que se gastará para reparar o prejuízo é nosso. Creio que algumas pessoas acreditam que o dinheiro que os governantes gerem vem da lua e que a ninguém diz respeito. Por isso somos tão permissivos com tanta coisa! Se valorizássemos aquele dinheiro como nosso, talvez exigíssemos mais e estivéssemos mais

atentos. Não sei. Penso, penso mas não chego a conclusões. Ou melhor, a soluções de valor (esta é que é a verdade).

Concluindo, é necessário mais rigor e mais exigência nos cursos profissionais, como é certo terem de ser alterados muitos dos pressupostos destes cursos, incluindo o próprio espaço onde decorrem. Nestes cursos, mais do que em quaisquer outros percursos, tudo se exige ao docente. O aluno que não faz o módulo na aula tem sempre direito a um plano de recuperação individual para realizar o módulo posteriormente. E se não cumprir o plano de recuperação depois de o receber (e nada lhe acontece), vai a exame do módulo com toda a normalidade, como se tivesse tentado, como se tivesse mostrado alguma vontade. Tem direito a tudo, mesmo que nada cumpra.

Esta ideia que a seguir vou apresentar já a propus à diretora da escola.

Há alunos muito difíceis, e já tive bastantes. Apareceu agora um no módulo VI de Área de Integração e que nunca, mesmo nunca, trouxe uma folha nem uma esferográfica para a aula (em 48 aulas). Falei à diretora de turma para que informasse a mãe mas nada mudou. A diretora de turma até me disse algo que já não é novo. «Maria, acho que a mãe tem medo dele.» É verdade que temos alguns casos de agressões. Este aluno nunca realizou uma única questão por simples e banal que fosse. Nunca me quis dar uma resposta na sala quando o interpelava, nem apresentar um só exemplo sobre as questões que eu estava a abordar (solicitei-o sempre, até à última aula), a verdade é que nunca resultou.

No dia em que passei a pauta para assinarem foi o primeiro a dizer que queria plano de recuperação. Olhei para ele um instante e pensei em dizer-lhe que ele não tinha direito, que o plano de recuperação era para quem tinha tentado e feito um esforço. Mas pensei

que isso me iria criar mais um problema e quando apresentei esta realidade à diretora a resposta foi: «Podemos pensar nessa hipótese para o ano.» Então eu disse ao rapaz: «Está bem, eu trago-te o plano de recuperação.»

Este miúdo, como tantos outros (este é um caso mais grave porque foi meu aluno no ano letivo passado), não fez nada. Voltou para a escola, com módulos em atraso de Área de Integração e de Português, para acabar o curso, e passado um ano não fez rigorosamente nada.

Estes rapazes são sempre muito gozões, bastante mal-educados. Quando lhe pedi o endereço de *email* para o informar da hora e da sala onde decorreria o teste de recuperação escreveu cochch@hotmail... Sabendo que ele se chama Duarte, perguntei: «O que é isto? Preciso de saber que letras são estas para que o *email* não venha devolvido.» Resposta do aluno com o maior gozo possível: «cochch quer dizer conchichina, qual é a dúvida, diga lá?» E fartou-se de rir. Só pensei: que pena não te poder dar um estalo que aprendias logo a responder como deve ser às pessoas adultas, que não te são nada e a quem deves respeito. Mas neste caso, como em todos, eles só fazem isto connosco quando já o fazem em casa com os pais, porque um aluno que respeita os pais não vem desrespeitar os professores. Acredito nisto.

Ou seja, tentar socorrer-me dos pais ou dos encarregados de educação para melhorar questões como esta é uma impossibilidade, porque os pais já os perderam há muito e, muitas vezes, lá em casa quem põe os pontos nos is são eles, não os pais. Os pais, para muitos destes jovens, são máquinas de fazer o dinheiro que eles querem ter para gastar, e pouco mais veem nos pais. Nem respeito, nem admiração nem estima, o que é muito triste. Como é ainda mais triste que estes

pais acreditem (ou pareçam acreditar) que fazendo tudo o que os filhos querem estão a ser melhores pais e que os filhos serão melhores filhos. Está tudo trocado, ou melhor, tudo errado, diria mesmo.

Sobre assinarem as pautas: quando eram poucas as turmas era possível ter vitrinas para afixar as pautas. Presentemente são muitas as turmas, e como há pautas para cada módulo e por cada ano eles terão pelo menos umas trinta primeiras pautas; depois há as segundas, as das recuperações; mais tarde há as dos exames. O que não há é espaço físico para tanto papel. Assim encontrou-se a solução de os alunos assinarem as pautas e desta forma tomarem conhecimento. Agora já não se afixam pautas. Que, podemos dizer, eram um luxo de pautas (creio que já falei nisto) porque só se podem lançar classificações iguais ou superiores a 10 valores. Quando o aluno não tem pelo menos 10 valores, surge na pauta uma alínea que informa: «módulo em recuperação».

Além dos planos de recuperação das aprendizagens (módulos) temos outra preciosidade dos cursos profissionais que este ano (2.º e 3.º períodos) tem acabado comigo, que é o plano de recuperação de horas de formação.

Sucintamente é isto: estes alunos têm uma formação global de 3100 horas (ou serão 3200?); já trabalhei tanto com isto e agora estou confundida, mas qualquer formação profissional de nível 4 tem de ter as mesmas horas de formação, parece-me que é a primeira hipótese, que são distribuídas pelos três anos que dura o curso ou a formação.

Destas horas, os alunos têm direito a 10% de faltas. Mais do que 10% não podem ter. Assim, se virmos bem, esta percentagem transformada em aulas de 45 minutos significa um razoável número de horas, mas não para estes jovens que não têm hábitos de responsabilidade e de organização, e as gastam muito depressa. Faltam imenso.

Rapidamente esgotam os 10% e quando surgem questões imperativas que os obrigam a faltar já não têm hipótese de ter faltas sem terem plano de recuperação. Para mim foi um calvário este ano; fazer planos de recuperação de horas de formação para alunos durante três meses em que tive diariamente alunos com planos na biblioteca, ou seja, tinha de, em cada noite, inventar uma atividade diferente da que faria na aula. Em seguida, ir deixá-la num dossiê na biblioteca e, depois, no final do dia, recolher a atividade realizada (ou não, muitas vezes). Foi violentíssimo.

Mas imagine-se o trabalho que é para a diretora de turma, que faz a contagem frequentemente, que tem de a enviar para todos os colegas, que tem de marcar individualmente cada aluno, depois tem de receber os nossos relatórios (com o registo «cumpriu», «não cumpriu» em cada um dos dias) e trabalhar todos estes elementos, ir ao processo do aluno descontar as faltas, etc. Claro que é de ficar doente, e aos poucos vamos todos, os que estamos com os cursos profissionais, adoecendo.

Estes planos, como quase tudo o que nos pedem nestes cursos são coisas tão simples, tão simples que até aborrece porque não motivam, não constituem desafio. Mas aborrece ainda mais porque é tanta, tanta, mas tanta coisa, que ninguém aguenta. E cada coisa, por pouca que seja, ocupa tempo, e muitas delas ocupam muito tempo e, como eu digo frequentemente, o tempo dos professores não é mais extenso do que o tempo do comum dos mortais, ainda que pareça que alguém acredita nisso: nós temos sempre tempo, e pedem, e exigem, e pedem, e ligam, etc., etc.

Acontece com outros, e comigo, que, apesar de viver perto de tudo, já tenho estado quase uma semana sem leite porque chego a casa e o imperativo de ir trabalhar é tão premente, e é tudo para amanhã

(às vezes para ontem) que a pessoa não consegue, por muito que queira, gerir mais nada.

A verdade é que andamos em pontas, mas vamos suportando e resolvendo tudo. Ainda hoje no grupo falámos nisto mesmo: até nos contaram que há ali colegas que estão a lecionar 30 horas semanais sem qualquer pagamento adicional, só para terem a garantia do horário para o ano. Eu não posso ficar chocada, ainda que não tenha assumido um horário destes, porque também já tive de lecionar muitas vezes aulas a mais numa ou noutra semana a custo ZERO só para conseguir cumprir as horas definidas para os cursos profissionais. E como eu, qualquer pessoa que lecione estes cursos. Daí o nosso pânico em faltar porque quando voltamos à instituição temos uma quantidade insuportável de horas para repor. Vale mais ir de rastos, e é assim que vamos muitas vezes – eu já fui assim muitas, muitas vezes –, do que faltar e tornar o problema maior e a arrastar-se ainda mais. Com dores de vária ordem, com vômitos terríveis pelas seis ou sete da manhã, com enorme cansaço, próximo do esgotamento físico, já cerrei muitas e muitas vezes os dentes e fui dar aulas. Isto é mesmo, mesmo muito esgotante.

Creio que ninguém no exterior, na sociedade, nas outras profissões entenderá ou acreditará nisto. Já o tentei explicar a algumas pessoas que sempre, sempre relativizam e falam das férias do Natal, da Páscoa, etc., etc. Algumas das pouquíssimas pessoas que me são próximas sabem no estado em que eu ando, percebem que isto está a acabar comigo e me incitam a largar esta vida, para poder viver.

É verdade que eu só me dedico ao trabalho. E começo a ficar triste com isso, porque vejo que num fim de semana não posso ir aqui ou acolí, porque tenho trabalho, num outro feriado não vou a parte nenhuma porque estou a abarrotar de trabalho. E um dia destes faço 40 anos e o que tenho para contar é que trabalhei em

condições pouco humanas. O sábado é uma exceção, já que o passo com a minha mãe (por enquanto é assim, é um dia de cada vez) uma vez que ela tem demência vascular e está a piorar muito, o que tem sido particularmente dramático. Adiante.

O princípio que preside a esta lei (da compensação de horas) creio que é (penso mesmo que é assim que está na legislação) o de recuperar as aprendizagens perdidas e, por outro lado, garantir que todos, sem exceção, têm a mesma formação e o mesmo tempo dedicado à formação.

Podemos ainda assim pensar, como se trata de alunos que se estão a preparar para uma profissão, teoricamente, que o princípio é importante para introduzir hábitos de presença no local de trabalho. O princípio não está mal, mas passar dessas ideias brilhantes à prática com o mesmo nível de excecionalidade é pura ilusão. Isto no concreto resulta muito pouco, ou melhor, muito mal.

Isto é de loucos. E, às vezes, o meu medo é mesmo perder a lucidez neste oceano de loucura. Com a pressão, a insatisfação, a violência do trabalho (na aula de uma forma, em casa de outra), tenho esse receio, de facto.

Sinto que a fronteira entre estarmos bem e deixarmos de estar é muito ténue.

Maria Pala

DIÁRIO I

Introdução

Sou professora da disciplina de Física e Química e a minha atividade profissional teve início no ano letivo de 1990/91, ano em que decorreu o estágio integrado no curso de Química – Ramo Educacional.

Sou professora do quadro do agrupamento onde me encontro atualmente a lecionar, desde o ano letivo de 1999/2000. No entanto, efetivamente só aqui trabalho há oito anos, incluindo este ano letivo. No presente ano letivo estou a lecionar três turmas: duas do ensino básico (8.º ano) e uma do secundário (10.º ano). Esta última será a turma observada para este projeto.

15 de março de 2012

Aproveito para contar um episódio sucedido ontem que me impressionou: uma professora do 2.º ciclo, psicologicamente abalada,

tinha passado a noite no hospital com um braço partido por motivos estranhos que não cheguei a perceber.

Estava completamente descontrolada, sem condições para dar aulas. Vários colegas se ofereceram para dar as aulas dela. Simplesmente não quis. Suponho que por medo das consequências. Os pais dos alunos estão descontentes, a professora acha que está em condições, a escola sente-se impotente porque ela foi dada como apta (depois de uma baixa médica prolongada). E os miúdos?

Os professores de estudo acompanhado tentam compensar um pouco. A representante da disciplina apoia o que pode e o que a colega deixa, mas, e os miúdos? E a colega, quem a vai auxiliar? A escola devia poder fazer alguma coisa que não pusesse em causa as aprendizagens dos alunos, talvez ajudar a colega que tem boa vontade mas não está em condições. Que precisa do ordenado e tem medo. E nós, como vamos ficar?

5 de abril de 2012

O que vou contar deixa-me triste. O episódio não diz respeito a um dia em concreto mas culminou (por agora) com as avaliações finais do 2.º período. Não gosto do que vou relatar, espero que tudo não passe de um caso esporádico, localizado no tempo e num determinado contexto. Não quero acreditar que esta seja a «escola» que vou encontrar daqui para a frente.

Para se poder entender vou ter de recuar um pouco.

Pertenço ao quadro deste agrupamento há bastantes anos, trabalho cá efetivamente apenas há oito. Nesta escola, como em muitas outras, foram ocorrendo alterações organizacionais. A última

aconteceu no ano passado com a formação do mega-agrupamento. Ao agrupamento de escolas que já existia e ao qual eu pertencia, juntou-se, num processo complicado e que deixou algumas feridas abertas, a escola secundária da localidade. Não ponho em causa a pertinência da fusão. Pouco sentido tinha haver uma escola secundária com o 3.º ciclo com uma dimensão tão pequena a funcionar isoladamente, com a duplicação de serviços que isso acarretava. Ponho em causa, isso sim, se o processo foi bem conduzido pela tutela e, claro, pelos poderes locais.

No sentido de formar um renovado espírito de grupo e de pertença ao novo agrupamento, manifestei-me diversas vezes no sentido de que seria positivo que os alunos do antigo agrupamento sentissem que a nova escola também era deles. Que os professores continuavam a ser deles também. A transição para a escola secundária seria assim natural e poderíamos diminuir a probabilidade de perder alunos para as escolas da capital do distrito, ou para o colégio privado mais próximo, como vinha sendo frequente.

Com o início do presente ano letivo, por minha vontade e também da direção da escola, que foi sensível aos argumentos apresentados, fui uma das professoras que acompanharam os alunos nessa transição. Foi-me atribuída uma turma do 10.º ano, em continuidade pedagógica da disciplina que leciono e com continuidade do cargo de diretora de turma da maior parte dos alunos que formam a turma em questão. Daqui resultou que neste momento eu esteja a lecionar na escola básica n.º 2 (onde leciono o 3.º ciclo) e na escola secundária (onde leciono o 10.º ano e sou diretora de turma). A mobilidade entre escolas do quadro de docentes não agrada a todos e cria até algumas angústias para um futuro próximo, mas adiante.

Foquemo-nos agora no meu papel. Estando há vários anos a lecionar só o 3.º ciclo, retomar o secundário apresentava-se como um desafio estimulante, mas que sabia trabalhoso. Sempre trabalhei em equipa com partilha de saberes, de dúvidas e de materiais. Estar nas duas escolas não se mostrou facilitador da criação de novas parcerias de trabalho e ao longo do tempo fui-me apercebendo de que não havia muita disponibilidade, da parte da outra professora a lecionar o mesmo ano, para um verdadeiro trabalho de equipa. Se tentava a partilha de materiais, o processo cessava no momento; se pedia opinião sobre instrumentos de avaliação (testes, fichas de controlo da atividade laboratorial) as respostas eram esquivas e estava sempre tudo bem. Na transição para o secundário, por norma, os alunos necessitam de algum tempo para se adaptarem ao novo ciclo, ao novo grau de exigência, em resumo, à nova realidade. Como conhecia bem a maior parte dos alunos da turma, uma vez que dos 24 que a constituem só seis eram meus alunos pela primeira vez, pensava saber o que esperar deles. Nem sempre as coisas são como pensamos e apesar de ser uma turma muito interessante, era unânime, entre os professores do conselho de turma, que podia fazer melhor. A falta de maturidade, de persistência no trabalho e a pouca noção de esforço estariam a condicionar os resultados.

A disciplina que leciono é fundamental na área das ciências, e os resultados da turma, em paralelo com a disciplina de Matemática, são bastante heterogéneos e aquém das expectativas. A meio do segundo período, quando o argumento da adaptação se deveria estar a diluir, verifiquei que os resultados globais não estavam a melhorar. Apesar de registar um acréscimo de trabalho por parte de alguns alunos e a correspondente melhoria, globalmente ainda havia muito a trabalhar. Alguns alunos atribuíaam os resultados à dificuldade dos

testes, que por decisão do conselho pedagógico têm critérios de elaboração e de correção equivalentes aos dos exames. O que fez soar o alarme foi o facto de os alunos afirmarem que os meus testes tinham um grau de dificuldade superior aos da outra turma. Tal não deveria acontecer, pelo menos não de forma significativa.

Apesar dos meus esforços não consegui ter acesso a esses instrumentos de avaliação, embora no final de cada período nos seja solicitada a sua colocação no servidor, o que cumpro.

Pedi a outros professores opinião sobre os meus testes, que foram considerados bem elaborados mas não muito acessíveis, e que estariam a cumprir o objetivo da escola, que era a preparação para as provas de exame. No 2.º teste do período tentei utilizar uma linguagem mais acessível e reduzir o «excesso de contextualização» que os exames e testes intermédios utilizam e que na minha opinião dificulta a sua compreensão e conseqüente resolução. Dando um exemplo: mesmo os bons alunos falham bastante as perguntas de escolha múltipla, muitas vezes não porque ignorem o conteúdo mas porque falham na interpretação de pormenores. Diga-se em abono da verdade que não são provas fáceis e testam mais o pormenor e a interpretação do que um verdadeiro conhecimento. É de realçar que um teste pode ter entre oito a doze questões deste tipo e cada uma delas vale 8 pontos (em 200). Se um aluno falha este tipo de questão está a condicionar muito a sua classificação final.

Verifiquei alguma melhoria nos resultados, ainda assim aquém do pretendido. Solicitei o teste da colega e mais uma vez não me foi dado acesso a ele. Os resultados do final do período não eram famosos, embora concordantes com a disciplina de Matemática. Sendo a professora de Matemática comum às duas turmas, estranhei a situação pois considerava a turma que lecionávamos equivalente e com

melhores alunos do que a outra. No entanto na disciplina de Física e Química a situação não era análoga. Tentei discutir a aplicação dos critérios de avaliação e os resultados mas apenas obtive evasivas. Também conheço alguns alunos da outra turma, foram meus alunos no básico e, pelo meu conhecimento deles, não entendo esta discrepância, que nem a professora nas conversas de sala de professores sabe explicar.

Vamos agora à parte ficcional. O que está a acontecer?

Posso apenas supor. Na minha opinião, e depois de muito pensar (e de poder estar redondamente enganada), isto é uma consequência da avaliação de professores. A minha avaliação foi superior, a direção colocou-me a dar aulas ao secundário, feudo de alguns. Parece haver uma tentativa de provar quem é melhor. Será? Parece. Não gosto de pensar isto, mas não encontro outra justificação. Já pedi à coordenadora do departamento, novamente, acesso aos testes. Não será bom para os alunos do agrupamento que existam grandes diferenças e falta de coordenação entre as professoras que lecionam o mesmo ano de escolaridade. Não é fácil abordar este assunto na escola sem ferir suscetibilidades. A coordenadora conhece a situação mas não o que lhe possa estar a dar origem e também não vou ser eu a falar nos resultados da avaliação de professores. Está difícil.

9 de abril de 2012

Amanhã recomeçam as aulas. Não deu tempo para recarregar baterias. Só quem vive com professores pode perceber quão necessárias são estas interrupções letivas.

Primeira semana: reuniões de avaliação com toda a burocracia que lhes está associada. Como sou diretora de turma, além do trabalho de preparação e de presidir ao conselho de turma, ainda é necessário no período pós-reunião verificar todo o material produzido e começar a preparar o encontro com os encarregados de educação que irá decorrer na primeira semana de aulas em horário pós-laboral, claro.

Que sorte a minha! Sexta não foi necessário ir à escola.

Segunda semana: como coordenadora do programa Escola Promotora de Saúde (EPS) tive de ir acabar, com o outro coordenador, a avaliação daquele que estava em execução e a candidatura a um novo edital, que até há dois anos representava a candidatura a fundos para desenvolver as ações inerentes ao mesmo programa, que envolvem quatro temáticas. Claro que agora não há dinheiro para nada, mas os papéis continuam a ser pedidos. Além disso, desde o preparar aulas, fichas para colocar na plataforma Moodle e tentar acabar um relatório de uma ação de formação, a semana passou num instante. E cá estamos nós em véspera de regresso ao ritmo alucinante que têm as semanas de trabalho.

10 de abril de 2012

Hoje recomeçaram as aulas. Estamos no 3.º período e, principalmente para as turmas do secundário, esse tempo vai passar a correr.

O agrupamento faz parte das escolas onde está implementado o projeto de Escolas Promotoras de Saúde e nesse âmbito hoje decorreu uma sessão de medição, pesagem, avaliação do índice de massa corporal e de medição da tensão arterial dos alunos dos 7.º e 8.º anos.

Uma vez que sou uma das coordenadoras do projeto coube-me organizar o mapa da intervenção por turma, receber a equipa e acompanhar o grupo de enfermagem do Centro de Saúde da localidade na sua deslocação às turmas das quais também sou professora. A meio da manhã fui para a escola secundária onde iria dar a primeira aula do período ao 10.º B.

Na entrada da sala de aula o Raul diz-me: «Professora, venho outro homem, venho para recuperar, vou estudar, esta média é muito baixa». O Raul veio de um colégio particular e integrou a turma em setembro. É bom aluno, os pais têm formação superior e boa capacidade económica. O 1.º período correu bem e tudo apontava para que no 2.º período pudesse melhorar as médias conseguidas. A determinada altura começámos a notar que o Raul não «estava bem». Os pais iam separar-se e, para lá dos seus próprios sentimentos, estava a assumir o papel de protetor do irmão mais novo. A turma e os professores do conselho de turma tentaram apoiar o aluno mas as notas do Raul ressentiram-se. Espero que o desejo inicial do Raul se concretize. Ele é capaz. Iniciámos a aula com um balanço do que foram as avaliações do 2.º período, possibilitando assim, quando necessário, o esclarecimento de alguma dúvida existente.

Apesar de alguma insatisfação global com os resultados, uma vez que os alunos desta turma poderiam fazer muito melhor, nenhum aluno mostrou discordância da classificação que lhe tinha sido atribuída em pauta, revelando conhecimento dos critérios de avaliação utilizados e também consciência do seu próprio desempenho. Depois de escrever o sumário com a turma e registar a falta de uma aluna, fizemos uma revisão dos assuntos abordados no final do 2.º período estabelecendo assim a ponte para os conteúdos a abordar nesta aula. Como sempre, a turma revelou-se interventiva, no

entanto continua a ser notória a quebra de concentração quando se atingem aproximadamente os 60 minutos de aula.

Terminei a aula entregando um convite destinado aos encarregados de educação para a comemoração do dia do agrupamento da escola e lembrei a reunião de entrega de avaliações e análise da situação da turma que decorrerá daqui a dois dias, realçando a importância da presença dos respetivos encarregados de educação (a convocatória foi enviada antes do final do 2.º período).

10 de abril de 2012

Depois de uma manhã na escola básica rumei à escola secundária. Geograficamente as escolas não estão longe (cinco minutos de carro), no entanto o ambiente de sala de professores é completamente diferente. Não há dúvida de que um bom ambiente torna mais fácil o nosso dia.

Iniciei a tarde com a sessão de Formação Cívica (FC). Estive a analisar com os alunos os resultados da avaliação do 2.º período. A discutir o que iria apresentar na reunião com os encarregados de educação que irá decorrer hoje pelas 17 horas.

O Ministério iniciou a Formação Cívica no secundário apenas este ano. O novo Ministro da Educação optou por acabar com ela. Penso que não é uma boa opção. Desde que a função de diretor de turma seja atribuída a pessoas com perfil adequado, o cargo é, ou pode ser, muito proveitoso. Estes 45 minutos de FC permitem desenvolver projetos muito interessantes com os alunos e que sem esse tempo seriam difíceis de integrar nas horas das disciplinas; potenciam o conhecimento que o diretor de turma tem dos alunos em vertentes

distintas do conhecimento que possui do seu aluno de uma determinada disciplina; possibilitam um tempo e um espaço para debates, como sejam o cumprimento do projeto de educação sexual, o visionamento de filmes com a sua consequente discussão, e permitem ainda a rentabilização desse horário com muitas outras tarefas, não esquecendo as questões de ordem burocrática (justificação de faltas, chamadas de atenção para comportamentos inadequados, etc.). Como irão a escola e o diretor de turma dar resposta a todas as solicitações? Irá este usar o tempo da sua disciplina? Estamos, nesse ponto, a retroceder.

Na reunião com encarregados de educação estiveram presentes 19 num total de 24. Os pais desta turma são regulares no contacto que têm com a escola. Tentam, dentro do possível, acompanhar os seus educandos no percurso escolar. A reunião correu bem e pareceu-me atenuada a questão levantada no 1.º período relativa às notas de Educação Física. Sendo uma turma da área de Ciências, alguns encarregados de educação tinham manifestado a seu desacordo, ou preocupação, com a influência que esta nota poderia ter na média final dos seus educandos, principalmente no caso das meninas: alunas que estão a lutar por uma média que lhes permita acesso a determinados cursos e em que a nota de Educação Física se apresenta algo discrepante dos restantes resultados. Claro que o conselho de turma não é indiferente a esta preocupação, mas as opiniões não são unânimes. A linha mestra da escola é que se trata de uma disciplina como qualquer outra e que por isso os alunos têm de se esforçar tal como se esforçam em relação à Matemática, por exemplo. Mas penso que o bom senso deve moderar a questão. São alunos que trabalham muito para conseguir determinado patamar de resultados e cuja capacidade física nem sempre permite resultados compatíveis

com o necessário e até com as excelentes notas conseguidas nas disciplinas ditas mais teóricas. Como sempre, a escola parece preocupar-se menos com os bons alunos.

Mudando de assunto, começa a ser assustadora a falta de tempo que tenho na minha disciplina para desenvolver os conteúdos que irão estar a ser avaliados no teste intermédio. É uma autêntica luta contra o tempo. Os dias são contados várias vezes e cada vez mais parece que não vai haver tempo para trabalhar adequadamente todos os tópicos incluídos na matriz fornecida pelo Ministério. A pressão é grande sobre o professor e sobre os alunos. Não há tempo para consolidar matérias, não há tempo sequer para ficar doente. É aflitivo ver colegas a atingir os seus limites físico e psicológico e verificar que continua a ser a falta de tempo o maior fator de stresse.

O Ministério vai aumentar o número de alunos por turma. Não sabe o que é dar aulas e tentar que todos tenham as mesmas oportunidades para aprender. Não tenham dúvida de que o ensino e consequente aprendizagem vão ressentir-se. Uma visão unicamente economicista da educação vai contribuir para uma degradação acentuada do ensino e torná-lo mesmo mais elitista. Quem tiver capacidade económica vai pagar para frequentar turmas mais pequenas ou para ter o apoio individualizado que não vai conseguir em turmas de 26 a 30 alunos. Impossível? Não sei. Mas com certeza difícil.

18 de abril de 2012

Hoje estive numa reunião de trabalho colaborativo destinada a preparar as atividades de laboratório obrigatórias no programa do 10.º ano.

Finalmente houve alguma abertura, forçada é certo, para se poder falar das discrepâncias existentes entre os resultados das diferentes turmas. Apesar de por vezes se praticar a técnica da avestruz, pelo menos desta vez falou-se claro: não são os resultados que estão em causa, mas sim a possibilidade de os instrumentos de avaliação poderem não estar minimamente uniformizados, na mesma escola e para alunos do mesmo ano. Os testes, as fichas de controlo das atividades de laboratório, etc., não têm propriamente de ser iguais de turma para turma, uma vez que as próprias turmas são diferentes. O que se pede é que obedçam aos mesmos critérios de elaboração e obviamente de correção.

Passaram dois períodos letivos e só agora a escola atribuiu uma hora da componente não letiva dos professores envolvidos para trabalho conjunto. Ficou então definido que poderíamos elaborar, em conjunto, os referidos instrumentos de avaliação. Tendo presente que o teste intermédio a realizar em maio vem do Ministério, isso parece significar que, pelo menos neste período, os alunos do mesmo ano estarão sujeitos aos mesmos instrumentos de avaliação e consequentes critérios de classificação. É bom, talvez assim se consiga aferir se existem ou não discrepâncias significativas nas avaliações anteriores. O teste intermédio da minha disciplina será realizado no final de maio. Estamos numa aflição terrível para cumprir os conteúdos previstos na matriz fornecida pelo Ministério para o referido teste.

Nunca faltei a uma aula. Um ou dois tempos poderão ter sido utilizados na realização de alguns projetos em que os alunos da turma se envolveram, mas, como é possível? Andamos a contar os dias, as aulas de laboratório de que ainda dispomos para cumprirmos as atividades obrigatórias. Parece um contrarrelógio! Ensinar e aprender não devia ser assim. Agora já não interessa o ritmo do aluno, tudo é

regido pela batuta dos testes intermédios e/ou dos exames. A metodologia preconizada pelos programas é anulada pela avaliação pretendida nos exames.

Atenção, não sou contra os exames. Sou contra, isso sim, uma aprendizagem que seja totalmente espartilhada pelo exame. Os programas são extensos, têm alguma complexidade e não é dado tempo suficiente nem para desenvolver os conteúdos, nem para a utilização das metodologias defendidas. Há muito para se definir. É necessário clarificar o que se pretende do aluno e da escola no final de cada ciclo de ensino.

20 de abril de 2012

Estou assustada e preocupada.

Assustada porque o número de aulas previstas não é o necessário, apenas o suficiente, pelo que ainda tenho de trabalhar com os alunos até ao teste intermédio. Está tudo cronometrado ao minuto e com uma probabilidade ainda significativa de não ser possível cumprir. Vamos ver.

Preocupada porque os alunos estão desanimados. Os testes intermédios já efetuados (Matemática, Biologia e Geologia A) não correram muito bem. Foram considerados muito mais difíceis, mesmo pelos bons alunos, do que os do ano letivo transato. Os estudantes queixam-se de que não há coerência, nunca sabem com o que podem contar: num ano muito fácil, logo no ano seguinte muito difícil. O Ministério da Educação devia estabelecer o que se pretende que o aluno saiba e manter uma linha mais coerente no grau de dificuldade que coloca nos testes intermédios e/ou nos exames. Os alunos

estão desmotivados, falta mais de um mês para o exame da minha disciplina e eles já dizem que «vai ser mau», «vai ser ainda pior». Claro que tento contrariar esta ideia, claro que tento motivá-los, mas até eu estou preocupada. Vou fazer o melhor que posso e sei, confio no trabalho de um grupo significativo de alunos, mas há variáveis externas que podem pôr em causa o trabalho. Os alunos da área das ciências (as outras eu não conheço) trabalham muito para conseguir resultados, penso que trabalham mais agora do que eu trabalhei quando fui aluna do secundário. E não porque eu fosse preguiçosa, mas sim porque agora é mais difícil, com a agravante de as médias dos cursos a que aspiram serem também muito altas.

DIÁRIO 2

26 de abril de 2012

Hoje, no que diz respeito à minha turma do 10.º ano, o dia correu bem.

Comecei a tarde com uma sessão de Formação Cívica, na qual pretendia desenvolver o tema «Gravidez precoce e as suas consequências». Para o efeito convidei uma enfermeira que trabalha numa das maternidades da nossa cidade e que é mãe de uma das alunas da minha turma. Quando lhe dirigi o convite pela primeira vez manifestou algum desconforto em, segundo palavras dela, «fazer uma palestra». Esclareci que não era isso que pretendia, mas sim uma conversa sobre a sua atividade em que o foco fossem as adolescentes grávidas que se dirigem à maternidade onde trabalha, e toda a envolvência da temática. Aceceu ao convite e combinou comigo que também iria falar dos serviços existentes na maternidade de apoio a adolescentes e jovens. Assim foi: durante 45 minutos decorreu uma pequena exposição oral sobre o assunto combinado. A encarregada de educação/enfermeira foi ao encontro do solicitado. Os alunos mostraram interesse, mas estiveram um nadinha inibidos. Não foram capazes de questionar a mãe da colega, o que não é muito habitual neles.

Como diretora de turma, no início do ano faço o levantamento de dados que me possibilitem fazer a caracterização da turma, o que envolve várias vertentes, sendo uma delas as habilitações literárias dos pais (ou encarregados de educação) e as respetivas profissões. Neste campo posso talvez afirmar que esta turma se encontra acima da média do agrupamento. Da análise dos dados recolhidos, verifica-se que são maioritariamente as mães que acompanham a

vida escolar dos alunos; em relação às habilitações literárias delas vão desde o 4.º ano ao mestrado, sendo que maioritariamente (13 em 22) têm o 12.º ano ou mais, predominando as licenciaturas (9 das 13 referidas); no caso do elemento masculino também abrange o leque de todo o ensino, do primário ao mestrado, também maioritariamente (11 em 19) concluíram o 12.º ou mais, mas agora predomina como habilitação máxima o 12.º ano (6 em 11); em relação às profissões exercidas pelos encarregados de educação, quando estes são os pais, temos por exemplo pasteleiros, técnico de vendas, condutores de transportes públicos, oficiais de justiça e da PSP; já relativamente às mães que exercem a função de encarregadas de educação, e uma vez que são em maior número, também o leque de atividades é mais variado, predominando a profissão de enfermeira (5), e outras como professora, advogada, técnica superior, assistente operacional, auxiliar de ação educativa, funcionária comercial ou fabril, telefonista e empregadas domésticas. São também referidos dois casos de desemprego.

Se a turma é heterogénea quanto ao rendimento escolar, podemos dizer que também o é quanto ao meio socioeconómico do agregado familiar. É no entanto de realçar que são pais globalmente preocupados e que ainda consideram que o ensino-aprendizagem dos filhos é um bom investimento no futuro deles.

A parte menos positiva do dia verificou-se já na minha disciplina (Física e Química). Também os alunos estão a constatar que estamos numa corrida contra o tempo até ao teste intermédio e que, apesar de as aulas só acabarem duas semanas depois (o que corresponde a 885 minutos de aulas), a matéria terá de estar praticamente concluída até ao referido teste intermédio.

3 de maio de 2012

Não tem sido fácil encontrar disponibilidade para fazer estes registros. Entrámos na primeira ronda de testes, o que significa preparar matrizes (recomendações para a ficha de avaliação que inclui conteúdos a avaliar, o que estudar e por onde; recomendações de resolução de exercícios, estrutura da prova e tipo de questões incluídas), preparar os testes em função da turma que os vai realizar, estabelecer os critérios de correção e respetiva cotação a atribuir por questão. Quando este trabalho está terminado, o teste é passado à turma e para trabalho em casa ficam a respetiva correção e o correspondente registo.

Este ano letivo vai proceder-se a uma nova seleção do manuais a utilizar na minha disciplina, no 7.º ano de escolaridade, para os próximos seis anos (intervalo de tempo de vigência que pode ser questionado, em especial para as Ciências, dada a rápida evolução científica e tecnológica que vivemos nos nossos dias). O Ministério incumbe as escolas e respetivos professores de realizar essa tarefa, e bem, na minha perspetiva, uma vez que ninguém melhor do que eles conhece a realidade do meio em que esse manual irá ser utilizado. No entanto, os manuais que chegam às escolas e aos professores são em elevado número e de diferentes editoras. Para dar resposta aos critérios de seleção estabelecidos pelo próprio Ministério pressupõe-se o conhecimento adequado dos diferentes manuais a selecionar. Em princípio a qualidade científica é salvaguardada pela creditação exigida pelo próprio Ministério. Sobre como atingir o conhecimento adequado do manual que se pretende que dê resposta à realidade de cada escola, o Ministério não aponta caminhos nem disponibiliza tempo aos seus docentes

para que, de forma informada e consciente, possam realizar esta tarefa. Como é fácil entender as editoras são parte interessada na escolha do manual e nesta fase de escolha desdobram-se em contactos com as escolas e com os professores em apresentações, por grupo disciplinar, dos projetos que defendem. Assim, somos bombardeados com convites para as referidas sessões de apresentação dos projetos das diferentes editoras. Claro que o tempo para essa atividade terá de ser retirado ao nosso tempo pessoal. Mas então porque aceitámos esses convites? Simplesmente porque nos possibilita um primeiro contacto com os diferentes manuais facilitando assim a sua posterior análise, essa sim mais pormenorizada, e, talvez, uma escolha mais consciente e mais assertiva.

8 de maio de 2012

Os dias têm tido um ritmo assustador.

Queria refletir sobre a quantidade de projetos com que o diretor de turma é confrontado para apresentar à respetiva turma. Neste momento já é difícil dar resposta aos inúmeros pedidos de colaboração, mas no próximo ano, com o terminar da Formação Cívica tornar-se-á ainda mais difícil.

A minha turma do secundário tem estado a participar no projeto de empreendedorismo promovido pela Câmara Municipal do concelho. Foram escolhidos quatro projetos para a final intermunicipal a realizar no próximo dia 17. Não tenho dúvida de que a dinâmica promovida por estes projetos e as competências que desenvolvem terão impacto nas vivências, presentes e futuras, destes alunos. No entanto, os mesmos alunos ficam divididos entre a vontade de participar e a

preocupação que têm com os resultados escolares e o tempo de que necessitam para realizar devidamente as duas tarefas. Mais, ainda este projeto está a decorrer e eu, como diretora de turma, já estou a ser confrontada com a solicitação de, no próximo ano letivo, envolver a turma num projeto semelhante mas territorialmente mais alargado. Não sei se o empreendedorismo nas escolas é apenas uma moda ou se fundamentadamente se sabe que a médio prazo pode dar frutos ao nível da alteração da postura e da responsabilidade de os futuros cidadãos gerarem o seu próprio posto de trabalho. Será que não estaremos perante mais uma iniciativa sem resultados comprovados que serve, quem sabe, apenas para «alimentar» algumas empresas que se dedicam a estas formações?

E os professores? Para lá do nosso horário, somos convocados para reuniões e apresentações que decorrem fora do horário letivo e por vezes à noite. Ninguém nos paga estas horas. Nem sei mesmo se nos reconhecem o esforço ou o tempo que por vezes «roubámos» à família para dar resposta a estas solicitações e não deixar «mal» a escola que representamos. E poderíamos dizer «Não»? Penso que não. A hierarquia que está montada numa escola condiciona muito a liberdade de opção, mesmo que o que esteja em causa pouco tenha a ver com as funções restritas de docente. Os moldes em que a avaliação de professores estava a funcionar valorizavam, e penso que assim irá continuar, a relação com a comunidade. Não é que não seja importante, claro que é. A escola não pode estar fechada sobre si mesma, no entanto não podemos cair na secundarização da função de ensinar. O bom professor deve ser, principalmente, aquele que sabe ensinar, no sentido mais amplo da palavra.

10 de maio de 2012

Estou preocupada com o Raul. É o primeiro ano que está na escola. O seu processo individual fazia antever um ótimo aluno, o que foi confirmado com o seu desempenho no 1.º período. À medida que o fui conhecendo melhor, revelava um bom raciocínio, bom poder de compreensão, uma cultura acima da média e uma educação cuidada.

No 2.º período, com o desencadear da separação dos pais o seu rendimento decresceu, apesar de, nas conversas que fui tendo, ele se mostrar bastante maduro. Aparentemente estava a aceitar bem a decisão dos progenitores mas muito preocupado com o irmão mais novo.

No início do 3.º período, o Raul manifestou-me, de forma muito efusiva, a sua intenção de modificar o que não tinha corrido bem. Estava consciente de que as notas que tinha não refletiam as suas capacidades. Confidenciou-me ainda que não teve necessidade de escolher com quem ia ficar (pai ou mãe), uma vez que estes tinham optado, em semanas intercaladas, por entrar e sair da casa da família, onde ele e o irmão se mantinham. Como sempre, fica a dúvida se esta decisão é a melhor para a estabilidade dos filhos. Não sei. Provavelmente todas as soluções apresentam problemas.

Como professora e diretora de turma fui-me apercebendo de que alguma coisa não estava a correr bem. O Raul estava de novo des-concentrado, os professores das diferentes disciplinas constatavam o mesmo, chegando até a ocorrer uma situação em que o aluno foi mandado sair da sala por comportamento incorreto e perturbação do funcionamento da aula, tendo sido marcada falta disciplinar com a respetiva participação para a diretora de turma. A este conjunto de situações já de si preocupantes, juntava-se o facto de o aluno

continuar a faltar à disciplina de EMRC (Educação Moral Religiosa Católica, opcional), culminando com a falta ocorrida hoje a Formação Cívica. Quando perguntei aos colegas pelo Raul, responderam que tinha ficado na praça a ver passar um cortejo.

Na hora seguinte a turma tinha aula de Física e Química, novamente comigo, e constatei que o Raul já estava na sala. Justificou-me a falta com toda a sinceridade: «Não me apetecia.» Resposta que só veio agravar a minha preocupação. Tentei apelar ao seu bom senso, relembrando-lhe as suas próprias palavras do início do período. Deu-me razão, mas considerava que até estava a estudar mais.

Estava decidido, no dia seguinte eu iria telefonar ao encarregado de educação (a mãe).

Telefonei logo a seguir ao almoço e já com uma preocupação acrescida, uma vez que o aluno tinha estado toda a manhã cheio de sono, tinha ido para a Queima das Fitas, mesmo sabendo que ia ter uma avaliação a Biologia (não era teste, mas outro instrumento de avaliação que ele desvalorizou). A mãe não sabia das faltas, da existência da falta disciplinar nem que o aluno tinha uma prova de avaliação, tendo acedido a quele saísse excepcionalmente durante a semana por ser o seu aniversário. Tivemos uma conversa os três, penso que foi útil. Alertei para o que eu considero ser apenas um aparente controlo do aluno. A mãe agradeceu a preocupação e manifestou a sua satisfação com a escola. O aluno vinha de uma escola privada e ela estava contente por ter encontrado uma escola pública «organizada», em que a diretora de turma segue e conhece bem os seus alunos porque os acompanha do 3.º ciclo para o secundário. Estava satisfeita com a turma em que o Raul tinha sido inserido e por sentir que a escola, na pessoa da diretora de turma, se preocupava com os alunos em geral e com o Raul em particular. Claro que fiquei satisfeita

com estas palavras, sobretudo vindas de uma pessoa com formação superior e conhecedora tanto da escola privada como da pública, que eu preconizo e defendo.

Espero que o Raul se encontre! Com a nossa ajuda se for necessário e que venha a ser o aluno que potencialmente pode ser.

11 de maio de 2012

Como é do conhecimento geral, as escolas são avaliadas pelos resultados a Português e a Matemática e os professores dessas disciplinas há muito que se queixam da pressão a que são sujeitos. Todos os anos os resultados internos são comparados com os externos. Compara-se o que não é comparável. Um teste intermédio ou um exame é isso mesmo, «um». Um momento de tensão para os miúdos, um dia único e um teste único com grau de dificuldade e critérios de correção totalmente imprevisíveis que oscilam entre o acessível e um grau de dificuldade exagerado consoante o ano e, quem sabe, o interesse político do momento que justifique opções tomadas ou a tomar.

No presente contexto, em que os testes intermédios das diferentes disciplinas, do secundário ou do básico, apresentam um grau de dificuldade totalmente diferenciado do aplicado em anos anteriores, fui chamada para uma reunião com a diretora da escola onde eu estava na função de diretora de turma de uma turma do 10.º ano. A reunião tinha como objetivo fazer o ponto de situação do aproveitamento na disciplina de Matemática dos alunos das duas turmas e analisar as apreensões manifestadas por alguns encarregados de educação.

Como já anteriormente referi a professora de Matemática é comum às duas turmas.

Como diretora de turma informei que no 2.º período não tinha havido nenhuma reação especial à disciplina de Matemática, embora os encarregados de educação se manifestem preocupados com o rendimento escolar dos alunos, que consideram, em alguns casos, aquém das suas expectativas e das dos respetivos educandos. Relatei as diferentes diligências tomadas junto dos encarregados de educação, em especial no que à disciplina de Matemática diz respeito.

Foi uma reunião difícil. Parecia haver contradições. Por um lado afirmava-se que não se estava a pedir para baixar o grau de exigência, mas para recolher o máximo de informações sobre o desempenho dos alunos (concordo!), a fim de que seja possível informar e responsabilizar pais e alunos em todo o processo de avaliação para que a escola não possa ser acusada de não ter feito tudo o que devia para melhorar o rendimento escolar destes alunos (certo!). Por outro lado, parecia que os resultados tinham mesmo de ser melhorados, desse por onde desse. Muita coisa está em jogo: a rede escolar que obriga a ter mais alunos por turma, o que para um concelho pequeno e no limite geográfico de um grande centro urbano vai dificultar o abrir de turmas nos diferentes cursos, em especial nos menos procurados pelos alunos (de notar que neste 2011/12 no 10.º ano da escola só há duas turmas de Ciências, não houve alunos suficientes para abrir a turma de Humanidades); alunos pouco satisfeitos com os resultados podem sair da escola procurando outra onde supostamente poderiam obter melhores resultados tornando ainda mais difícil a formação das turmas do ano seguinte... Coitada da professora de Matemática! Ia argumentando que estava a cumprir o estabelecido nos critérios de avaliação da escola, que cumpria com o estipulado em relação aos instrumentos de avaliação, que os resultados do teste intermédio (nada famosos) estavam em consonância com os

resultados dos testes dados pela professora, etc. Que mais poderia fazer? Era-lhe pedido que fizesse ainda mais, Matemática é uma disciplina com muitas horas, estamos a dar razão ao ministro quando diz que trabalhamos mal, etc.

Tentei chamar atenção para o facto de os resultados não serem maus só a Matemática. Na minha disciplina, apesar de globalmente os alunos terem obtido melhores resultados, também há muitas negativas, também passo muitas horas com os alunos, não falto, não estou a brincar nas aulas, trabalho em casa para apoiar o trabalho deles e nem sempre os resultados aparecem, ando numa corrida contra o tempo para cumprir o programa para o malfadado teste intermédio, não há tempo para consolidar aprendizagens nem respeitar o ritmo dos alunos, em particular dos que têm mais dificuldades.

As expetativas não são animadoras; se somos exigentes podemos perder alunos, se não somos também... Todos sentimos que o nosso posto de trabalho pode estar em causa, mas a existência desse risco não significa que ele corresponda ao resultado de um objetivo de melhorar o ensino, mas sim ao propósito de poupar uns tostões.

DIÁRIO 3

15 de maio de 2012

Hoje o que tenho para contar é muito pouco, mas queria referir que estou muito zangada com a turma.

Neste período, que para o 10.º ano é muito curto, estes alunos têm como instrumentos de avaliação, além do domínio social (que inclui: responsabilidade, empenho nas tarefas da aula e nas de casa), o teste intermédio (feito pelo Ministério, logo, é uma incógnita quanto ao grau de dificuldade que irá apresentar), uma ficha de controlo das atividades laboratoriais e uma APSA (atividade prática de sala de aula), que mais não é do que uma ficha de trabalho com avaliação.

Quando quis marcar a ficha de controlo pretendia a data de hoje, dia 15, para a sua realização. Como os alunos me informaram de que iriam ter teste a Matemática encontrámos em conjunto uma data viável e a mais próxima possível, tendo ficado marcada para a próxima quinta-feira dia 17.

Hoje, quando estava quase a acabar a aula fui informada, por alguns alunos, de que tinham adiado o teste de Matemática para quinta-feira. Não gostei, mostrei o meu desagrado e questionei-os sobre se seria muito produtivo realizar os dois testes no mesmo dia. Alegaram que iriam ter mais tempo para Matemática e poderiam conciliar com o estudo para a ficha de controlo.

Claro que não é assim, sobretudo numa altura em que todos estamos tão preocupados com os resultados às duas disciplinas em causa. Apesar de algumas divisões de opinião no grupo, os alunos mantiveram a convicção de que assim seria melhor. Diga-se de passagem

que também não gostei da atuação da professora de Matemática que, sabendo da existência de outra avaliação para o referido dia, permitiu o adiamento.

Vamos esperar, não antevejo grandes resultados. A ficha, apesar de não ser muito difícil, exige que os alunos tenham estudado as atividades em causa e que consigam um elevado grau de concentração, já por si dificultado pelo facto de a avaliação se realizar aos últimos tempos da tarde. Essa exigência encontra-se agora agravada pela circunstância de nessa altura já terem passado pelo teste de Matemática, com todo o desgaste físico e até emocional que isso representa. Estando ciente de todo este conjunto de contingências, não posso deixar de me preocupar.

17 de maio de 2012

Não me enganei, só ainda não sei os resultados. Hoje, durante a realização da ficha de controlo, foi notório o cansaço dos alunos e a consequente dificuldade de concentração.

Claro que a Matemática os preocupa, um teste tem um peso maior na avaliação do que uma ficha de controlo, isso eu entendo. No entanto, pensando na disciplina que eu leciono e que não vai ter este período nenhum teste realizado por mim (em princípio), este instrumento é muito relevante para a avaliação que terei de fazer no final do ano. Vamos aguardar.

Esta turma tem estado envolvida no projeto de empreendedorismo patrocinado pelo Município. Hoje foi o desfecho e estavam três grupos da turma selecionados para a final do escalão do secundário. Um desses grupos ganhou e agora vai defender (com o Município)

o seu projeto na final intermunicipal que se realizará no início de junho. Estão todos de parabéns: os projetos estavam bem estruturados e além disso o vencedor tinha uma ideia bastante inovadora, exequível e com preocupações sociais. Todo o projeto proporcionou aprendizagens muito ricas que culminaram com a apresentação e defesa em público da sua ideia. Só teve um senão, a hora. Realizou-se à noite, durante a semana e num período de muito trabalho para os alunos e, claro, para nós também. Mas valeu a pena e na final lá estarei a apoiar o grupo vencedor.

Todas estas são atividades que requerem a nossa disponibilidade e a nossa dedicação, que nos retiram tempo para as nossas famílias e são um esforço que, socialmente, raramente nos é reconhecido. É pena!

18 de maio de 2012

Hoje recebi, na hora destinada ao atendimento aos encarregados de educação, o pai da Rosa. A Rosa é diabética, insulino-dependente desde muito pequenina. Os pais da Rosa estão divorciados e as coisas não são pacíficas. Não conheço a mãe, sempre foi o pai que veio à escola, pelo menos desde que sou diretora de turma da Rosa. O pai aparece com bastante regularidade e mostra-se sempre muito preocupado com a filha quer no que diz respeito à saúde quer no que se refere à escolaridade. No entanto, o que quero salientar é que estas vindas à escola parecem também servir para ele desabafar, fazer as queixas da mãe da Rosa, de como ela desestabiliza as filhas, etc. Mais uma vez foi o que aconteceu. Fico sem saber o que dizer. Tento apelar à necessidade de preservar a Rosa, de fazer o que é melhor para

ela, mas sinto que pouco posso fazer para a ajudar. Não sei mesmo se esse deve ser o meu papel, e no entanto nós, professores, estamos lá, somos confrontados com as situações, e a escola, como instituição, não está munida de técnicos especializados que possam auxiliar a nossa função de diretores de turma.

Então e a psicóloga escolar? Neste momento está de baixa. Mas mesmo que estivesse ao serviço a diferença não seria grande. O agrupamento tem quase 1700 alunos e a psicóloga é só uma. Se pensarmos que tem de fazer a orientação vocacional, dar pareceres e acompanhar os alunos com necessidades educativas especiais, entre outras funções que eu própria desconheço, facilmente reconhecemos que pouco tempo terá para prestar auxílio aos diretores de turma neste tipo de situação. Os problemas são então deixados ao nosso «bom senso». Mas será que os diretores de turma estão todos preparados e têm o tal bom senso para dar resposta a esta e a outras situações com que são confrontados? Cada vez mais somos chamados a intervir nas mais diversas áreas, somos nós os interlocutores entre a escola e a comunidade, damos muitas vezes a cara por coisas com que por vezes não concordamos, mas não nos é dada nenhuma formação para o desempenho do cargo. Se, por um lado, reconheço algum cuidado na escolha das pessoas que vão desempenhar esta função, também não é menos verdade que por vezes o cargo é atribuído em função da necessidade de completar o horário de determinado docente. Não devia ser assim. É um cargo demasiado importante para o bom funcionamento da turma, do conselho de turma e do relacionamento com os encarregados de educação para que possa ser deixado ao acaso de um qualquer horário que tem de ser preenchido.

22 de maio de 2012

No fim de semana comecei a corrigir as fichas e já vi muitas asneiras. O que falta corrigir só poderá ser feito depois de acertar os critérios de correção com a outra professora que leciona o mesmo ano.

As aulas já estão a render pouco. Todos estamos muito cansados: professores e alunos. É já frequente ver colegas a desesperar e a chorar por este ou por aquele motivo. Já toda a gente tem pouca paciência e coisas sem importância tomam proporções que não deviam. Na sala de professores ouvimos frequentemente dizer «não dormi bem», «ando muito cansado», «não estou a aguentar»...

E os alunos? Manifestam-se de outras maneiras. Na sala de aula riem-se, estão pouco concentrados, parece que nada é com eles. De casa deles chegam notícias de crises de asma mais frequentes, dores de cabeça, cansaço acentuado, etc.

Os alunos estão pouco confiantes para o teste intermédio que se aproxima. Claro, nos testes já realizados os resultados arrasaram. O grau de dificuldade foi acima da média e os critérios de correção de um pormenor excessivo. Concordo com mais exigência, mas é preciso ponderação e critério a fazer as coisas. Não podemos arrasar estes miúdos para depois as coisas funcionarem com os seguintes. Estes não têm culpa se o sistema não estava a funcionar como deveria.

DIÁRIO 4

23 de maio de 2012

Hoje foi dia de reunião do conselho de diretores de turma dos 2.º e 3.º ciclos e também do secundário. A principal função destas reuniões é preparar as dos conselhos de turma de final do ano letivo. Nada fora do previsto.

O que causou admiração e mesmo indignação foi o ponto 1 da ordem de trabalhos: Ação de formação: «Disciplina e instrução de procedimentos disciplinares», dinamizada por um elemento de Direção Regional de Educação do Centro.

1.º - O momento não é o mais adequado. Ninguém garante que os diretores de turma presentes serão os do próximo ano letivo;

2.º - O tempo previsto para este ponto era de uma hora e meia e acabou por ser de duas horas e cinquenta minutos. É evidente que a legislação sobre os procedimentos disciplinares está feita para advogados, no entanto é trabalhada por docentes que, quando necessário, continuam a exercer todas as suas funções e ainda mais essa (instaurar um processo disciplinar). A legislação tem prazos tão apertados e procedimentos tão complexos que está adequada para um recurso por parte dos encarregados de educação que será ganho por existência de um qualquer vício de forma no processo.

3.º - Os pontos realmente prioritários para trabalhar neste momento a fim de preparar as reuniões de final do ano foram também trabalhados e como é óbvio a reunião (de extensão variável para cada ciclo) durou imenso tempo.

Alguns professores estiveram na escola das 8h30 às 20h00. Estes docentes estão em condições de no dia seguinte ter o rendimento desejável? E se nos lembrarmos de que estamos em época de avaliações e que a maioria de nós tem testes para preparar ou para corrigir? Quando o vamos fazer? E as matrizes e os prazos que nos são exigidos quer para a apresentação da matriz orientadora da preparação do teste, quer para a própria entrega do teste? Vamos conseguindo cumprir? Vamos. Mas à custa dos nossos tempos de família e de descanso.

Quem planeou esta ação para esta altura do ano revela pouca consideração pelo trabalho dos professores. E então, a ação valeu a pena apesar de tudo? Sim, valeu. Realmente a legislação sobre o assunto é muito complicada e tudo tem de ser cumprido em prazos muito curtos e, como já referi, foi feita para advogados poderem ganhar recursos. É lamentável mas é assim. Um procedimento disciplinar deveria ter primordialmente um objetivo pedagógico, pelo que seria sempre o bem da criança e do jovem que deveria estar em causa. Escola e país deveriam estar sempre de acordo nas medidas a tomar, mas nem sempre é assim. Paciência. Provavelmente quem fica a perder é a formação «como pessoa» do jovem em causa.

24 de maio de 2012

Mesmo com o grau de ansiedade a aumentar com a aproximação do teste intermédio, as aulas vão decorrendo dentro da normalidade. Os alunos querem trabalhar menos do que necessitam e o professor tenta, de todas as maneiras, envolvê-los e responsabilizá-los pelo seu trabalho e pelo seu estudo.

Vou por isso falar um pouco dos mega-agrupamentos.

No caso do agrupamento a que pertenço, ele já estava concretizado, apenas se juntou a escola secundária com 3.º ciclo, o que fez aumentar o número de alunos de aproximadamente 1200 para os tais 1700. Na minha opinião, pior do que o número excessivo de alunos (haverá alguns bem maiores), é o que daí está a resultar.

A identidade de cada escola está a perder-se. A escola escolhida para escola-sede não sente muito esse efeito, apenas nota o acréscimo de movimento oficial e burocrático, uma vez que lá se centram os serviços administrativos.

Sente-se a dificuldade em fazer chegar a comunicação a todos os intervenientes e, claro, as escolas vão lentamente modificando a sua maneira de atuar. Falta-lhes autonomia para decidir. A representante da direção nessas escolas está quase totalmente dependente do que a sede decidir. Está-se a perder o sentimento de «pertença», de «vestir a camisola». Não são as melhores práticas que prevalecem, mesmo que avaliadas externamente. Prevalecem as práticas da escola de origem da nova direção. Claro que há um processo que tem de ser feito. Caminho que ainda está a ser percorrido, mas até atingir um ponto de equilíbrio receio que se perca o que de bom essas escolas faziam, anuladas por um poder institucional.

29 de maio de 2012

Última aula antes do teste intermédio. Fizemos revisões tentando abranger a matéria toda. É imensa! Com a matriz que o Ministério fornece é impossível focar um pouco o estudo em algum conteúdo em especial. Teremos de considerar que qualquer pormenor pode

ser alvo de uma questão. E o mesmo acontece em relação às atividades laboratoriais. Não é fácil, numa altura do ano em que as aulas decorrem – os miúdos estão a ser avaliados a todas as disciplinas e já se faz sentir o cansaço do final do ano –, organizar o tempo para estudar para uma disciplina, com componente teórica e prática.

Durante a aula fiquei com a sensação de que ainda havia pouco estudo e de que muita coisa estava esquecida. Acho que quem está em pânico sou eu. Os alunos vão ter a nota, mas eu vou também ser avaliada tendo em conta muitos domínios que eu não controlo.

Hoje tive reunião para escolha do manual a adotar para os próximos seis anos para a disciplina de Física e Química do 7.º ano. Seis anos é muito tempo, o que acarreta ainda mais responsabilidade a esta escolha. Em princípio todos os professores deveriam ter analisado os manuais antes da reunião (oito manuais para selecionar um). Não é uma tarefa fácil. Em teoria todos os manuais deveriam estar cientificamente corretos uma vez que são certificados por uma entidade credenciada pelo Ministério para tal. Mas mesmo assim foi possível detetar erros em quase todos eles, uns mais graves do que outros, mas existiam.

Queremos o melhor manual, nos aspetos científicos e pedagógicos, mas a ideia de melhor deveria estar aliada à sua funcionalidade, como por exemplo o peso ou a resistência. Parece uma piada, mas os manuais que nos agradaram mais, tendo em conta os dois primeiros critérios (subdivididos em vários na análise efetuada), nem sempre são os mais cotados nos outros critérios, principalmente no que diz respeito ao peso. E se pensarmos no tamanho dos miúdos do 7.º ano em proporção ao das suas mochilas concluiremos que o peso delas não estará a contribuir para um crescimento saudável da coluna dos miúdos.

Resumindo, a escolha foi difícil. Foram ponderados todos os fatores legais e as diferentes opiniões dos docentes do grupo e chegámos a um consenso. Espero que tenhamos acertado na melhor escolha, vale por seis anos e a verdade é que realmente só se conhece o manual depois de o utilizar. Devia ser possível o primeiro ano de utilização ser «probatório», que confirmaria ou não a escolha efetuada, e caso não se confirmasse a avaliação inicial devia ser possível alterar a escolha do manual, mas muita coisa está em jogo, inclusive na indústria livreira, para não falar dos custos agravados que isso poderia acarretar para as famílias.

30 de maio de 2012

O teste intermédio não correu bem aos alunos.

A primeira impressão que eu tive sobre o teste é que ele não envolvia conceitos muito difíceis, mas ia a pormenores e a formas de colocar as questões que pareciam estar a avaliar a concentração e a resistência ao stress mais do que propriamente os conhecimentos da disciplina.

Depois de ver os critérios do GAVE (Gabinete de Avaliação Educacional) ainda fiquei mais indignada. E não fui só eu. Vou transcrever alguns comentários que os meus alunos colocaram sobre o assunto no facebook da turma:

«Caros colegas do 10.º B: vou-vos transmitir o meu sentimento de revolta. Pois, passo dias seguidos a estudar para um teste intermédio e estudei dois manuais. E só aparece um quarto de cada manual, ainda por cima coisas que na minha opinião nunca vi na vida. Não sei como pode existir tanto exercício para uma só matéria. Acho que

é por isto que muitos alunos estão a recorrer aos cursos profissionais. Matamo-nos a estudar e depois tiramos uma miséria de nota. Ora, meus caros amigos, na minha opinião “eles” fazem tão bem os testes como governam o país por isso é que estamos na crise. Deixovos aqui, então, o testemunho da minha revolta, do teste de hoje :)»

«O quanto eu detesto os testes intermédios!!!»

«Correção do teste intermédio Grupo I Pergunta 3 – Caros Senhores do GAVE, se os UV-B são absorvidos pelo O_2 e pelo O_3 na estratosfera é NATURAL que não atravessem a mesma! Segunda parte completamente desnecessária, metade da cotação – adeus!»

«Gostava que a professora [...] (nome da professora) aplicasse o “eles fazem os critérios mas a professora sou eu”...»

31 de maio de 2012

Nas conversas de sala de professores ia-se comentando a injustiça destes testes. Os pais manifestavam a sua preocupação com o efeito que iriam ter na nota final da disciplina. Em relação à minha disciplina, e dadas as características da mesma, o teste foi marcado quase para o final do ano (30 de maio) para poder incluir toda a matéria das duas componentes da disciplina. Com a perspetiva de maus resultados, o grupo disciplinar rapidamente decidiu fazer mais um teste que pudesse atenuar um pouco os efeitos dos resultados do teste intermédio, mas isso, aliado aos outros instrumentos de avaliação já marcados, está a tornar estas últimas semanas caóticas, quer para o professor que tem de preparar os instrumentos e corrigir as provas, quer para os alunos que num intervalo de tempo de duas semanas vão prestar prova escrita à disciplina pelo menos três

vezes: teste intermédio – 30 de maio; atividade prática de sala de aula (ficha baseada em atividades práticas) – 5 de junho; teste extra – 12 de junho).

Podemos ser levados a pensar que é para o bem dos alunos, que assim têm mais oportunidades, etc., mas nem sempre a realidade confirma a teoria. Seja por cansaço, seja por desinteresse, a verdade é que os resultados não melhoram tanto quanto desejaríamos.

Surpresa. No meio da aula vem uma funcionária pedir para ler aos alunos um comunicado da direção com uma decisão do conselho pedagógico relacionada com os testes intermédios, que transcrevo:

«INFORMAÇÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

Por solicitação de docentes e de representantes dos encarregados de educação, o conselho pedagógico foi solicitado a pronunciar-se sobre as implicações dos baixos resultados atingidos pelos alunos da escola. Nesta análise o conselho pedagógico constatou que, na generalidade:

- Os resultados médios da escola não se distanciam significativamente dos resultados médios nacionais;
- Os resultados médios nacionais são, de um modo geral, baixos, bastante insatisfatórios, pelo que não devem ser considerados uma referência desejável em termos de níveis de desempenho;
- A decisão tomada pelo conselho pedagógico, sob proposta dos departamentos curriculares, no início do ano letivo, tem implicações nas classificações médias dos resultados dos alunos que resultam em seu prejuízo, intenção que nunca subjazeu à decisão tomada;

- Os encarregados de educação apresentaram as suas preocupações pelo facto de uma atuação eventualmente díspar nesta matéria, entre as várias escolas, colocar em desvantagem os seus educandos.

Assim, e não obstante a contabilização já feita no 2.º período que se assume como definitiva, o conselho pedagógico, em reunião ordinária de 30/05/2012, deliberou:

que os resultados obtidos nos testes intermédios realizados neste 3.º período sejam ponderados com um peso de 10% (peso de uma questão-aula nas disciplinas que usam este instrumento de avaliação) na avaliação sumativa do 3.º período.»

Esta informação fez suspirar de alívio os alunos e em abono da verdade também os professores. A decisão e a sua aplicação prática nos critérios de avaliação ainda criaram a necessidade de esclarecimentos que foram transmitidos na reunião de departamento de 5 de junho.

1 de junho de 2012

Hoje o dia de trabalho começou às 8h30 e acabou depois das 24h00.

Como é possível? Assim: de manhã, aulas; de tarde, direção de turma com atendimento a encarregados de educação; à noite, acompanhar alunos ao concurso de ideias. Por partes.

Hoje foi dia de aula prática, a turma está dividida ao meio e, cada turno tem uma aula de 90+45 minutos (ou vice-versa) de laboratório em alternância com a disciplina de Biologia. O rendimento já está a ser pouco; apesar de os alunos saberem que ainda vão fazer uma

prova em que necessitam de aplicar as aprendizagens que efetuaram nesta aula, nem isso parece ser suficiente para lhes aumentar o empenho. Passei a aula a tentar manter o ritmo de trabalho dos alunos, acabo a manhã (135 + 135 minutos) completamente estourada e preocupada.

Nota-se, pelo cansaço de todos, que as aulas estão na reta final, mas ainda há tanto para fazer, mesmo quanto a avaliações. Rico fim de semana que me espera: corrigir os testes intermédios, preparar outro instrumento de avaliação diferenciado (APSA – avaliação prática de sala de aula) e, tendo em conta os testes intermédios e o resultado que se teme, preparar ainda um outro teste para a turma.

Quanto aos encarregados de educação, alguns vão manifestando o seu descontentamento com o que consideram a excessiva preocupação com os números, os resultados. Acham a nota de frequência mais condicionante do futuro dos seus filhos e não estão totalmente de acordo com a preocupação da escola em reduzir o mais possível as discrepâncias entre as notas internas e as notas externas.

Situação difícil de gerir:

– Por um lado é verdade que a nota interna condiciona muito mais a nota final do secundário (logo de ingresso ao ensino superior) do que a nota de exame. Assim, a preocupação dos pais é legítima e eu sou da opinião de que um professor conhece melhor os seus alunos e tem dados mais variados e concretos que lhe permitem avaliar mais corretamente os alunos do que «um» exame que, por ser apenas «um», pode, pelos mais variados motivos, não avaliar corretamente o aluno: ou porque é demasiado fácil ou demasiado difícil; ou porque tem critérios de correção desajustados, ou porque foi gerador de stresse naquele aluno, etc.

- Por outro lado todos os anos as escolas são confrontadas, e até avaliadas, pela concordância ou discrepância existente entre as notas atribuídas pelos docentes e a nota externa (do exame).

Por mais que os professores digam que não se podem comparar coisas que são diferentes esta é a realidade e é dessa comparação que resulta a atribuição de crédito horário à escola que possibilita a manutenção de apoios educativos aos alunos com mais dificuldades.

Sendo verdade que a decisão do conselho pedagógico alivia um pouco a pressão dos resultados, se os alunos não estudarem para as provas que falta realizar de nada servirá essa decisão.

Podemos perguntar se é correto mudar os critérios a meio do jogo. Mas podemos perguntar porque é que só irá beneficiar as disciplinas que realizaram teste intermédio no 3.º período.

Quanto à primeira pergunta, a minha primeira tentativa seria responder: «Não é correto.» Mas pensado globalmente a resposta já não é a mesma. Porque sei que nem todas as escolas realizam os testes intermédios. Porque sei que cada escola faz do resultado o que bem entende (pode ser equivalente a um teste, a uma questão-aula, ou mesmo a nada). Porque consta que entre o público e o privado a importância dada aos critérios de classificação fornecidos pelo GAVE não é equivalente. Com esta «mixórdia», por que não acautelar os resultados dos alunos da escola, quando, ademais, considero que é o professor que tem a obrigação de conhecer os alunos e possuir os melhores elementos que permitam uma avaliação justa. Quer isto dizer que sou contra exames e provas vindas do Ministério? Não, mas então temos de estar todos em pé de igualdade: que todas as escolas apliquem, sejam públicas ou privadas, o mesmo peso na avaliação

final do aluno e que haja forma de garantir que os critérios de classificação são justos e que são realmente utilizados de forma igual por esse universo das escolas. Tanto quanto eu sei a nossa Constituição garante igualdade de direitos e de oportunidades a todos.

Quanto à segunda pergunta a resposta é mais difícil, pois tendo o teste intermédio sido realizado no 2.º período já teve reflexos na nota saída em pauta nessa altura. Penso no entanto que o grupo de professores da disciplina em causa (Matemática) já tomou as medidas que considerou corretas para alterar a situação.

Hoje o dia acabou tarde, fui com os alunos vencedores do concurso de ideias à fase final que se iniciou pelas 21h. O projeto dos meus alunos estava bem estruturado e foi bem apresentado mas, infelizmente, até a este nível se verifica «jogo político» e «alguns» têm mesmo de ganhar. Política e dinheiros... Confusão e injustiças!

Ficou a experiência, que foi muito enriquecedora e me deu a garantia de que estes alunos têm um conjunto de competências que vai para além dos conteúdos das diferentes disciplinas e para as quais a escola tem contribuído, potenciando o seu desenvolvimento.

5 de junho de 2012

Os resultados dos testes intermédios foram realmente catastróficos: oito notas superiores a 10 em 24 alunos. A média da turma ficou em 7,6 valores (de 0 a 20). Muito mau.

E o teste como era? No que se refere aos conteúdos não era difícil. Tinha perguntas feitas de forma a apanhar o aluno distraído e pelo menos uma pergunta que considero pouco ética, porque nada nessa questão levava a sugerir que a resolução passasse por «adivinhar»

que o valor necessário se conseguiria apurar por divisão da escala que nem sequer está marcada. Mas parece que é assim, até agora ainda nenhum professor conseguiu outra forma de o resolver e até nos custa acreditar que é aquilo que se pretende. Num exercício que a maioria dos alunos resolveria corretamente, a existência deste pequeno-grande pormenor fez que nenhum aluno conseguisse resolver completamente a questão. A maioria ficou a olhar para o problema e não conseguiu sequer abordá-lo.

Se o que pretendemos testar é a grau de concentração, a resistência ao stress ou outra coisa qualquer que não sei classificar, então está bem...

DIÁRIO 5

12 de junho de 2012

Os alunos já realizaram a APSA e o teste entretanto marcado na tentativa de melhorar os resultados obtidos no teste intermédio, situação que se tornou imprescindível após a decisão do conselho pedagógico de desvalorizar o teste intermédio. O meu grupo disciplinar tinha mesmo de realizar um novo teste senão seria mesmo o teste intermédio a valer por 100% da componente da avaliação relativa à aquisição de conhecimentos. Claro que os resultados destes instrumentos elaborados pelo próprio professor são sempre melhores do que o que resulta de testes vindos do Ministério, mas ainda assim ficaram aquém do esperado.

Penso que temos todos de refletir no excesso de instrumentos de avaliação (opção da escola) a que estamos a sujeitar os nossos alunos. Tive alunos a cometer asneiras básicas e que depois em conversa dizem que já não conseguem ter rendimento, que estão a pagar pelas poucas horas de sono dos últimos tempos (os alunos admitem que estavam a dormir em média quatro horas por noite).

13 de junho de 2012

Dei ontem o último teste, fiz uma maratona a corrigir, mas a determinada hora da noite já não aguentava mais, tive de acabar de manhã. Mas porquê esta pressa? Hoje é o dia limite para introduzir as notas no sistema informático; apesar de as aulas só terminarem daqui a dois dias parece que tudo tem de estar decidido. Claro que não é

bem assim porque até à reunião de conselho de turma posso analisar quantas vezes for necessário e alterar o que quiser. Mas acaba por criar alguma pressão.

Que sorte, houve um problema no sistema informático no programa de alunos (perderam-se dados que os colegas vão ter de introduzir novamente) e alargaram o prazo de introdução dos resultados. Posso ponderar um pouco mais. Temos critérios de avaliação quantificados, temos grelhas de *Excell* que, se quisermos, colocam logo a nota final a atribuir. No entanto e apesar de estes meios informáticos serem uma preciosa ajuda, continua a ser difícil atribuir as notas. São dias de muitas dúvidas. Atribui-se, compara-se, pensa-se na justiça relativa da nota atribuída, altera-se, volta a alterar-se e tudo corre bem se no dia da reunião já conseguirmos decidir, por nós, todas as situações.

Claro que podemos colocar a situação a todo o conselho de turma que, em face da lei, é o responsável pelas notas atribuídas, mas qualquer professor prefere chegar à reunião do conselho com tudo decidido, mesmo que tenha de pedir a ajuda ou a opinião de outros professores da área disciplinar ou mesmo do conselho de turma. É que nem sempre as dúvidas do professor são devidamente entendidas ou ponderadas pelos restantes docentes, que por qualquer motivo as desvalorizam (por ser uma disciplina de cariz muito diferente, ou porque acham que não se devem preocupar com isso, etc.), nem sempre contribuindo de forma positiva para a clarificação da situação. Hoje houve reunião geral para todos os professores por causa do serviço de exames. Eu pertenço ao secretariado, o que significa que vou fazer parte da organização do sistema (somos uma equipa de seis com o apoio de um membro da direção). Esta reunião serve para alertar os vigilantes e os coadjuvantes do exame sobre as

regras que devem seguir. Está tudo na norma 2 que rege o funcionamento dos exames, mas o secretariado tem de garantir que todos os professores possuem a informação necessária para que tudo corra bem. Uma falha nesse serviço pode pôr em causa um exame nacional.

Depois foi a reunião do próprio secretariado para nos organizarmos entre nós.

Não fazia parte do secretariado há pelo menos dois anos e, como então estava numa escola básica, era diferente, tínhamos muito menos exames. Sinto-me por isso caloura no grupo. Mas nos primeiros dias vou estar sempre acompanhada por um dos professores que já faz este serviço há muito tempo.

15 de junho de 2012

Feitas todas as autoavaliações, eis que chega o dia do final das aulas.

No que me diz respeito, intensifica-se a preocupação com a preparação do conselho de turma de que sou a diretora de turma. A reunião é logo na segunda às 8h30 pelo que hoje tem de ficar tudo no sistema informático: faltas dos alunos e avaliações atribuídas. Vou aproveitar a tarde para fazer o apanhado de todos os contactos estabelecidos com os encarregados de educação para referir em ata. Tenho ainda de fazer o balanço da Formação Cívica assim como o do projeto de educação sexual da turma. Este último, além de ficar em ata, terá também de fazer parte do relatório da responsável do projeto Escola Promotora de Saúde (EPS), que por acaso sou eu também. Na função de coordenadora da EPS vou ter de receber informação de todos os conselhos de turma desde o 5.º ano até ao 12.º ano, para

poder fazer o balanço final. Pedi a todos os diretores de turma que me informassem, assim que possível, sobre que tipo de atividades realizaram, quais as disciplinas envolvidas e qual o balanço que o próprio conselho de turma fez deste projeto da turma.

Este fim de semana vai servir para ponderar mais uma vez as avaliações atribuídas nas diferentes turmas, enviar para os diretores de turma a avaliação da visita de estudo realizada com as turmas do 8.º anos e preparar o meu conselho de turma.

18 de junho de 2012

Hoje começam os exames e em simultâneo os conselhos de turma.

A reunião de avaliação da minha direção de turma foi logo às 8h30.

Dos 24 alunos que terminaram o ano transitaram 21 que apresentavam insucesso a três ou mais disciplinas. Seis dos alunos que transitaram têm nota inferior a 10 a uma ou a duas disciplinas. Não têm a vida facilitada para o próximo ano, que vai ser ano de exames às disciplinas bianuais em que se inclui a minha própria. Como diretora de turma e em nome do conselho de turma alertei os pais para essa situação. Nem todos os pais têm condições económicas para proporcionar explicações aos filhos a várias disciplinas. Muitos dos miúdos já têm algum tipo de apoio extra e isso começa a pesar no orçamento familiar. As disciplinas com mais insucesso nesta turma do 10.º ano (é assim na maioria) são Matemática, Física e Química A e Inglês.

Então e a escola não pode fazer nada?

À imagem dos últimos anos, este ano letivo funcionava uma sala de estudo com horário bastante alargado que tinha como objetivo tirar dúvidas com professores de diferentes disciplinas,

principalmente daquelas em que os alunos revelam mais dificuldades. Vários alunos foram aconselhados a frequentar esta sala, mas muito raramente apareciam. A escola fez o estudo da frequência desta sala e chegou à conclusão de que era muito baixa e não justificava o investimento em horas dos professores, que em muitos casos estavam lá sem alunos. Eu própria tinha uma hora à sexta-feira à tarde (tarde livre dos meus alunos), mas eles não apareciam. Tive apenas uma aluna, até que a escola, por sugestão minha e de uma colega, trocou essa hora por um outro serviço que estava a ser necessário e que seria mais produtivo e mais compensador.

Será que então vamos desistir e não dar nenhum tipo de apoio aos alunos, quando uma das críticas que fazem à escola pública face à privada é a falta destes apoios na escola pública? (Crítica por vezes injusta e de quem não sabe o que se passa dentro das escolas). A proposta do meu grupo disciplinar é que estes apoios sejam mais direcionados. Como? Criando uma hora no horário do professor e da turma para que esta possa ter apoio (tirar dúvidas, fazer exercícios, trabalhar o método de estudo, etc.) à respetiva disciplina. Terá de ser em regime voluntário e autorizado pelo encarregado de educação. A escola tentará envolver e responsabilizar os alunos e os respetivos pais para a frequência dessa hora letiva, principalmente por parte dos alunos com mais dificuldades, não excluindo a possibilidade de também os alunos com mais potencialidades aí poderem desenvolver as suas competências e investir na melhoria dos resultados. Explicações na escola? Porque não? Pode no entanto colidir com a necessidade de gastar menos. Vamos ver como a escola se consegue organizar com os professores que tem.

DIÁRIO 6

19 de junho a 5 de julho de 2012

As rotinas mudaram muito. O trabalho que cada um de nós vai desenvolver depende muito dos cargos que exercia e da marcação de serviço da direção. Noto que, em relação à vigilância de exames, a direção tenta que o serviço seja distribuído de modo que ninguém fique sobrecarregado. Mas claro que alguns de nós têm mais trabalho do que outros, ou que um certo trabalho dá mais «dores de cabeça» do que outro. Mas penso que é inevitável.

Muita reunião se faz nesta altura: conselhos de turma; preparação do serviço disto ou daquilo (no meu caso foi reunião do secretariado); reuniões de departamento (já vamos para a segunda desde que as aulas acabaram); reuniões com encarregados de educação; reuniões de avaliação de projetos; reuniões de diretores de turma. Estas foram aquelas em que eu participei mas há mais: do conselho pedagógico, de avaliadores de pessoal docente, etc.

Depois, cada uma destas reuniões, ou dos cargos que lhe estão associados, implica um relatório que pode ser trimestral ou mesmo anual.

Hoje, dia 6, já está marcado o serviço de constituição de turmas (sim, somos nós professores que o fazemos) e está prestes a sair o serviço de exames da 2.^a fase. Entretanto vai chegando, a ritmo acelerado, nova legislação que irá reger o próximo ano letivo. Grandes alterações se avizinham. Nova alteração da constituição dos departamentos, nova alteração da constituição do conselho pedagógico, nova alteração na maneira de encontrar os coordenadores de departamento. E mais o

que eu ainda não sei porque ainda não tive tempo de ler os dois despachos. Sei apenas o que vai sendo referido nas reuniões onde tenho estado presente. Vou ler e depois comento, parece-me que com algumas coisas eu concordo, pena é que estejamos sempre em mudanças.

E quanto aos exames?

No agrupamento estiveram a decorrer exames nacionais dos 6.º e 9.º anos de Português e de Matemática, exames de equivalência a frequência dos 9.º e 11.º anos, exames nacionais dos 11.º e 12.º anos de diferentes disciplinas. Estive no secretariado da escola secundária pelo que não acompanhei os exames do 6.º ano. Em relação aos exames nacionais, uns foram considerados acessíveis, outros bem elaborados, e, outros ainda, difíceis. Podendo considerar que deveria haver coerência na elaboração e nos critérios de classificação destes exames, uma coisa é certa, são iguais para todos.

Gostaria de comentar os exames de equivalência à frequência, em especial os do 9.º ano em que a transição não é por disciplina mas sim por ano.

Quem vai fazer estes exames? Qualquer aluno, que chumbe e que tenha ou faça 15 anos. A que disciplinas? A todas a que não tenha obtido sucesso, ou seja, as que tenham na pauta nível 2. Quem faz estes exames? Os professores da escola que, por norma, estiveram a lecionar o 9.º ano, ou seja, os que quase sempre foram professores dos referidos alunos. Então podem inscrever-se alunos que não obtiveram sucesso durante o ano e que podem ter três, quatro, cinco ou mais disciplinas para recuperar. Será possível? Quase nunca, ou muito raramente, um aluno consegue recuperar o que quer que seja. É mobilizado um batalhão de professores para elaborar o exame, para preparar a logística, para vigiar, para corrigir e no fim o resultado é quase sempre a continuação da não transição destes alunos. Sejamos

realistas; como poderia um aluno recuperar em dez dias o que não foi capaz de fazer num ano inteiro?

Mais um pormenor: estes mesmos alunos (na minha escola foram oito inscritos) podem voltar em setembro e a experiência mostra que o resultado não é muito diferente.

6 de julho de 2012

Depois de umas horas à espera da polícia lá chegaram os exames corrigidos. Esperavam-nos umas horas de trabalho a tirar os anonimatos e a confirmar as notas das pautas e dos ficheiros provisórios com a nota da prova.

Notava-se ansiedade nas pessoas. O grupo do secretariado é constituído maioritariamente por professores de Matemática, de Física e Química e de Biologia, ou seja, de disciplinas cujos resultados de exames preocupam quer alunos quer professores.

Claro que sendo eu de Física e Química peguei logo no envelope desta disciplina. Apesar de não ter sido a professora do 11.º ano estava curiosa em saber os resultados porque disso também dependem, por vezes, as opções dos alunos para as disciplinas do 12.º ano, logo, as horas disponíveis para os docentes do meu grupo disciplinar. Os resultados não foram famosos. Numa primeira abordagem, e ainda sem conhecermos as médias nacionais, a Matemática do 12.º ano e as Ciências Físico-Químicas do 11.º ano pareciam ter sido as disciplinas com piores resultados do secundário (situação que se viria a confirmar ao nível nacional).

Estávamos neste serviço quando apareceu a diretora do agrupamento para se inteirar dos resultados de Português e de Matemática,

em especial dos do 9.º ano. Não ficou satisfeita, a ponto de ter ficado com os olhos marejados de lágrimas. Exagero? Talvez não. As horas atribuídas às escolas para apoios irão depender destes resultados e da comparação entre as notas internas e as notas externas. Será justa esta comparação? Não. As notas internas resultam de muitos instrumentos de avaliação, que não só os testes, e têm em conta o domínio social que, na minha escola no 9.º ano, equivale a 20 por cento da nota. Não poderá esta situação criar um círculo vicioso em que as escolas com piores resultados têm menos crédito horário para possibilitar apoio aos alunos e, como consequência, os seus resultados têm menos hipóteses de melhorar? Uma escola como aquela a que eu pertença, que se situa a 12 km de uma grande cidade com muitas outras e bem posicionadas no famoso *ranking* das escolas, poderá estar em pé de igualdade nesta competição por crédito horário? Tenho dúvidas sobre se não estaremos a esvaziar estas escolas dos melhores alunos ou daqueles cujas famílias têm mais possibilidades de escolha e transformá-las em escolas de recurso se não mesmo marginais face às escolas do centro das cidades. Veremos. De uma coisa tenho a certeza, os professores destas escolas não são nem melhores nem piores do que os das do centro da cidade. Muitos dos professores que estão agora nas escolas de topo do *ranking* já passaram pelas escolas de periferia e os futuros professores dessas escolas estão agora na periferia. Não é o ar da cidade que os torna melhores professores. Eu estive durante cinco anos nas escolas básicas de (...) e não são melhores do que aquela onde estou, antes pelo contrário. Quando cheguei a esta escola aprendi muito, considerei mesmo que estava mais organizada e que se trabalhava melhor aqui do que nas escolas por onde tinha passado na cidade.

13 de julho de 2012

Depois de conhecidos os resultados dos exames, das matrículas dos alunos e da conclusão da constituição das turmas associada ao que a rede escolar atribui à escola, vem ao de cima a realidade que espera os professores nestes próximos anos, ou seja, a redução do número de horas disponíveis. E lamento, senhor ministro, mas não sei como vai confirmar a sua afirmação de que não haverá professores do quadro sem horário. Professores contratados e do quadro de zona pedagógica (estes têm vínculo a uma zona, não a uma escola) não têm hipótese de ter horário na minha escola e possivelmente em muitas outras. Muitos professores do quadro ficaram com horário-zero.

Ontem recebi uma mensagem de um colega de EVT que foi chamado à escola para ser informado dessa situação e só no grupo dele vão ser três professores sem horário. Resulta de quê? Da reorganização curricular e do aumento do número de alunos por turma. É verdade, quando todos os estudos apontam para a redução do número de alunos por turma como sendo fator facilitador das aprendizagens, o nosso Ministério vai fazer o contrário. Será que ele imagina o que é ter 28 alunos, de hoje, não do antigamente, dentro de uma sala de aula? Não há pedagogia que resista e não vai ser o novo Estatuto do Aluno que vai mudar a situação, porque mentalidades não se mudam por decreto e levam anos a transformar-se. Pois é, vamos ter um ano difícil pela frente. Triste é notar que as pessoas têm medo. Medo de falar e de ser dispensadas, medo de não ter emprego. Aceitam muita coisa porque «pelo menos têm emprego».

E agora um desabafo pessoal. O meu horário de trabalho é dividido em duas componentes: componente letiva (CL), de 22 horas, e

não letiva (CNL), de 13 horas. Na componente letiva nada a comentar: 10 horas de FQ - A; três horas de trabalho de direção de turma; uma hora de Formação Cívica ao 10.º B; duas + uma horas de FQ ao 8.º B (turma sem desdobramento) e quatro + uma horas de FQ ao 8.º C (o + uma foi opção da escola). A componente não letiva integra, no meu caso, dois tempos de trabalho de escola (para mim era a coordenação da Escola Promotora de Saúde); nove tempos de trabalho individual (preparar aulas, fazer testes, etc.) e dois tempos de reuniões e outros em que eu tinha uma hora na sala de estudo para apoio aos alunos e uma hora de direção de instalações dos laboratórios de Química. Como é fácil de contabilizar, não chega para tudo, muitas coisas do que faço «parecem» não estar previstas no meu horário e nas minhas funções: reuniões de departamento, reuniões de diretores de turma. A Escola Promotora de Saúde não se desenvolve só com duas horas e em muitos casos o trabalho individual necessita de muito mais do que nove horas. Como o dia só tem 24 horas, alguma coisa fica para trás e tem sido, em muitos casos, a família a ser penalizada. Semanas seguidas em que o fim de semana é dedicado, em grande parte, a trabalhar para a escola. Venham as 35 horas na escola e a pasta não vai para casa. Temos de ter condições de trabalho, mas venham elas. Fazemos o que conseguirmos e o resto passa para o dia seguinte. Uma coisa posso garantir: o ano letivo ainda não teria terminado, por não conseguirmos cumprir os prazos que nos são impostos, se, por vezes, não tirássemos horas à família e ao sono.

Em tom de brincadeira, e quando nos estamos a queixar, digo que «seria bom que estourássemos todos ao mesmo tempo, um a um não tem piada», e claro que as pessoas em geral não se dão conta da situação que se está a viver nas escolas.

A sensação que eu tenho é de que não ganho para tudo o que faço, com gosto naquilo que faço. Mas o gosto não chega. Dou aulas desde 1990 (ano de estágio), trago para casa 1400 € (aproximadamente), não tenho direito a subsídios. Quase nem acredito que 280 contos é um mau ordenado, não era, mas agora 1400 € é realmente um ordenado sofrível. Claro que sei qual é o salário mínimo nacional e que muita gente «sobrevive» com muito menos, mas será que ganho muito? Será que paga o que tirei à família e ao descanso? Duvido.

Maria Queirós

DIÁRIO 1

11 de abril de 2012

Vou falar um pouco sobre a minha direção de turma. É hábito, aqui na escola, um diretor de turma pegar numa turma do 7.º ano e acompanhá-la até ao 9.º. Chamamos a essas turmas «as nossas fornadas». Escusado será dizer que há fornadas ótimas (como a de 2002/05, que ainda guardo no coração apesar de ela estar já a concluir a faculdade) e outras que deixam tão poucas marcas que delas nos esquecemos rapidamente. Este ano comecei uma nova fornada, 7.º 2 de seu nome.

Começou por ser uma turma de 26 alunos. Agora já são 28. Conheci-os em setembro, quando as aulas começaram e se fez a apresentação do espaço e do diretor de turma a alunos e a encarregados de educação.

A sala 2, onde iriam ter lugar quase todas as aulas teóricas, foi pequena para pais e alunos. Muitos dos alunos foram só com a mãe (nestas coisas as mães ainda são as mais presentes), mas alguns apareceram com toda a família. Já aprendi há muito que a primeira impressão sobre os meninos e os progenitores não é importante.

Nem sempre o que parece é, para o bem e para o mal. Apercebi-me no entanto de algumas coisas que o tempo veio confirmar. Primeiro, uma certa heterogeneidade, que é uma característica fundamental das turmas de uma escola pública. Alguns pais, pela postura, pelo aspeto e pela linguagem, pareceram-me pertencer a um estrato social mais elevado, contrastando com outros claramente menos «afortunados» no que se refere ao nível de educação e de posição social. Percebi também que existia na turma um grupo de alunos que já se conheciam há muito tempo (vêm juntos desde os jardins de infância) e cujos pais criaram entre si laços de amizade. Isso serviu para quebrar algum embaraço inicial e proporcionou tema de conversa imediata. Também o facto de duas alunas terem irmãos que já frequentaram esta escola e dos quais fui professora serviu para criar alguma empatia entre todos nós.

Quanto aos meninos, achei-os pequenos (à exceção da Sabrina, enorme e robusta apesar dos seus 13 anos) e com um ar simpático. Seguiram atentamente as minhas informações, percorreram as instalações da escola entrando obedientemente em todos os locais para que eram solicitados, ouviram a professora bibliotecária tecer os habituais louvores aos livros e a outros recursos a que teriam acesso, e olharam embasbacados para as experiências da professora de Física e Química. No final, quando voltaram à sala 2 para comerem um pequeno lanche, já pareciam familiarizados com a escola (que acharam enorme e cheia de árvores, como me confidenciaram). As apresentações estavam feitas. A vida normal de escola ia começar.

DIÁRIO 2

18 de abril de 2012

Processos e inquéritos

Hoje em dia, os professores vivem imersos em papéis. Não os nossos papéis, as planificações, as fichas formativas, os testes e esquemas que são próprios de quem prepara aulas e outras atividades letivas (esses sempre os teremos). Falo dos outros, dos milhares de planos de recuperação, de PIT (plano individual de trabalho para os alunos que ultrapassam o limite de faltas), de relatórios (de direção de turma, de coordenação, de aproveitamento escolar, de avaliação), etc., etc. Desengane-se quem pense que a informática nos facilitou a vida. Nunca tive tanto tempo perdido em burocracia como hoje, nunca roubei tantas horas àquilo que gosto de fazer (preparar aulas de História tão giras que apeteça aos alunos e a mim dar um salto para os séculos estudados) como agora que estou (estarei?) a chegar ao topo da carreira.

Mas de entre todos os papéis há duas categorias que são francamente úteis, sobretudo para este trabalho de escrever um diário. Falo de processos e de inquéritos.

Comecemos pelos primeiros. Nos tempos de hoje, para cada aluno que entra no 1.º ano do 1.º ciclo a escola adquire uma pasta, na qual, em jeito de álbum, vai arquivando tudo o que diz respeito à vida escolar da criança. Não matrículas e outros papéis «sem interesse» (outra vez os papéis), mas as avaliações e as fichas com a opinião dos professores, os planos de recuperação (se os houver), os relatórios psicológicos (se for caso disso), as questões disciplinares etc.,

etc. Este álbum escolar passa de escola para escola. Assim, quando a minha nova fornada chegou a esta escola trazia consigo a sua história. Enquanto diretora de turma, confesso que não corro para ver os processos dos alunos. Não gosto de rotular miúdos. Prefiro descobrir por mim. Afinal eles mudam tanto! Mas quando detetamos alguma coisa fora do comum sabe bem mergulhar nos processos e tentar encontrar pistas que nos facilitam a vida.

A segunda categoria de papéis úteis é a dos inquéritos que habitualmente se fazem na minha escola aos alunos que entram nos 7.º e 10.º anos. Com um vasto leque de questões que vão desde a caracterização social ao retrato psicológico do aluno, dos seus gostos às suas impressões sobre a nova escola, os inquéritos são fundamentais para os membros do conselho de turma conhecerem um pouco melhor os adolescentes e os jovens com quem partilharão as salas de aula.

Na posse destes dois auxiliares importantes e com a experiência de conviver durante sete meses com aqueles 28 adolescentes e os seus pais posso já fazer um retrato mais ou menos fiel do 7.º 2.

20 de abril de 2012

O 7.º 2 (e não só...)

O 7.º 2 é uma turma grande. Tem 28 adolescentes, 17 raparigas e 11 rapazes, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos. Como já referi, muitos deles conhecem-se desde a pré-primária. Vêm de escolas das redondezas e moram perto da nova escola. Quatro são mestiços, sendo os pais originários das antigas colónias.

Apesar de serem muitos é bastante fácil dar aulas ao 7.º 2. Aliás, no primeiro período todo o conselho de turma estava espantado

perante o equilíbrio das notas, o silêncio atento quando se expunha a matéria, a qualidade das participações e a capacidade de trabalho que os alunos evidenciavam. O primeiro teste que fiz, igual para as duas turmas deste nível que leciono, serviu de imediato para ver a diferença entre o 7.º 2 e o 7.º 4. Naturalmente que, ao longo do ano, este estado de graça foi-se esbatendo e agora que o terceiro período começou, a realidade da minha turma é um pouco diferente. Cinco alunos estão em risco de retenção com quatro ou mais negativas e duas alunas serão excluídas por faltas (falarei delas numa outra página). Um grupo de dez alunos está acima da média, pautando-se a sua prestação pelos quatros e cincos a todas as disciplinas (exceto a Educação Física, normalmente o calcanhar de Aquiles de alguns destes pequenos «intelectuais»). Os outros onze são alunos típicos de três (suficiente), que vão fazendo a sua caminhada, sem grandes sobressaltos mas também sem grandes ambições.

Se olharmos para a pauta do final do segundo período podemos dizer que é uma boa turma, apesar de os que estão em perigo de retenção serem mais do que no início seria de esperar.

Esta heterogeneidade social, típica das escolas públicas, fez-me pensar nas propostas do Ministério quanto à constituição de turmas. Hoje, enquanto os alunos faziam teste, ia observando a sala, espaçosa, e mesmo assim cheia de carteiras e de miúdos. Imaginei que eram 30 e lembrei-me do meu jovem colega contratado que tem oito turmas: 240 alunos! Quase fiquei agoniada ao pensar na montanha de testes e de trabalhos que isso implica. Como a História só tem 90 minutos por semana, divididos em dois segmentos de 45 minutos, calculei que ele só conseguiria conhecer todos os seus alunos lá para maio! Penso na contradição imensa desta proposta.

Por um lado, um frenesim imenso para que haja sucesso, aumentos de horas a Português e a Matemática, dezasseis mil seiscentas e noventa e duas novas publicações e congressos a apelar a aulas-oficina, a perspectivas construtivistas do saber, ao fim das aulas expositivas, às aprendizagens significativas, às metas para 2015 etc., etc., e depois: tomem lá 30 alunos numa sala (ou 28, que a diferença não é muita) e façam o favor de lhes lecionar um programa imenso¹ em 90 minutos semanais. E nesses 90 minutos (na minha escola divididos em dois segmentos para os alunos não terem História só uma vez por semana e poderem assim lembrar-se minimamente da cara da professora) façam pedagogia diferenciada atendendo às etapas e às características de cada aluno. Será que as pessoas sabem o que são trinta pré-adolescentes dentro duma sala de aula? A maioria das turmas não tem as características do 7.º ²! Um professor sozinho dificilmente conseguirá gerir uma turma dividida em grupos de características diferentes, prestar atenção a todas as solicitações, fazer progredir os que são mais fracos, estimular os que são mais fortes, manter aquela criançada minimamente silenciosa e a trabalhar mesmo quando se viram de costas e, finalmente, corrigir 240 fichas por cada aula (sim, porque uma gestão deste género implicará inevitavelmente trabalhos, escritos ou de outro tipo, mas sempre trabalhos, já que os alunos têm de estar ocupados enquanto o professor se esfalfa a tentar chegar a todos os grupos). Eu percebo o momento difícil que vivemos. Percebo que se reduzam muitas despesas mas não percebo que isso se faça à custa da educação das gerações futuras do país. O número excessivo de alunos por turma cria a confusão, fomenta a desumanização do ensino, sobrecarrega

1 O programa de História não sofreu alterações apesar de termos perdido horas de leção da disciplina.

os professores, não melhora as práticas letivas, propaga o desânimo e aumenta o desemprego entre a classe docente.

Por outro lado, a ideia de criar turmas de elite faz-me impressão, porque me lembra o tempo em que eu andava na então chamada escola primária. Como frequentava uma escola particular (não um colégio mas a cave de uma mercearia onde uma regente escolar, D. Clementina, de seu nome, dava aulas da 1.^a à 4.^a classes a rapazes e raparigas misturados) tinha ainda de ir à escola oficial, às quartas-feiras, para as atividades da Mocidade Portuguesa. Isto passou-se por volta de 1967/68. Como se pode calcular, por aqui a Mocidade não tinha muitos adeptos. A professora da escola oficial punha-me a fazer croché enquanto continuava tranquilamente a dar aula às suas alunas. E onde me sentava eu? Na fila das *burras*. Nem mais! A sala estava dividida em três filas. A das *boas* (para ser totalmente franca tenho de dizer que era a fila mais preenchida), a das *assim-assim* e a das *burras*. Como esta tinha menos gente, era para lá que eu ia com o meu croché, maldizendo a hora que ali tinha de passar.

Quando ouvi a proposta da criação de turmas de elite lembrei-me logo desta situação. Já que teremos as turmas dos *bons* também teremos, inevitavelmente, as turmas dos *assim-assim* e as turmas dos *burros*. Claro que no mundo do politicamente correto isto não será dito desta forma, mas a verdade será esta. Sei que, para os professores, dar aulas a alunos com dificuldades é sempre uma tarefa desafiante apesar de árdua, mas também não abusemos! Uma turma inteira de alunos com dificuldades, sem nenhum que perceba à primeira aquilo que estamos a ensinar, que seja perspicaz e saiba tirar conclusões das situações que apresentamos, que nos faça sorrir ao ler as respostas do teste, parece-me ser muitíssimo desmotivante. E os alunos? Já conheci turmas, consideradas boas, que geraram uma

série de meninos arrogantes, convencidos e competitivos. Já lecionei o refugio das escolas que se acharam sempre isso mesmo, refugio. Presa às linhas do croché, entrando muda e saindo calada, nunca tive oportunidade de perguntar às minhas colegas como se sentiam por estarem na fila das *burras*. Eu, apesar de ser só por uma questão do espaço ocupado, não me sentia lá muito bem. Até porque a D. Clementina me tinha em conta de uma aluna aplicada, empenhada e que até sabia fazer croché.

DIÁRIO 3

5 de maio de 2012

As reuniões de pais

Em outubro deste ano farei 30 anos de carreira. Nestes 30 anos o mundo e a escola sofreram avanços e recuos, adotaram modas, foram reflexo de alterações profundas. As referências dos alunos foram mudando, as novas tecnologias transformaram a vida escolar. As escolas alargaram o seu papel. Hoje temos de providenciar uma infinita quantidade de serviços e de suprir carências, que vão desde atendimento psicológico a jovens e a pais até assegurar o bochecho mensal do flúor para proteger os dentes de futuras cáries. Mas estas e outras questões ficarão para outra altura. Hoje gostava de falar acerca das reuniões de pais. Muitas têm sido as transformações neste domínio. Quando comecei a ser diretora de turma (há muitos, muitos anos), lembro-me de salas vazias onde normalmente aparecia a mãe de um ou outro adolescente amoroso (sim, porque as mães que vinham às reuniões eram, invariavelmente, as dos melhores alunos). Depois, na sala de professores lá nos lastimávamos que era sempre o mesmo, quem devia vir nunca vinha, as reuniões eram uma perda de tempo e de energia, etc., etc.

Ora este quadro, aos poucos, foi-se alterando. Não sei se fruto de um investimento das escolas desde o 1.º ciclo se de uma mudança de mentalidade dos pais, a verdade é que, de há alguns anos para cá, as salas das reuniões com os encarregados de educação foram progressivamente ficando mais cheias. Se é certo que esta tendência é mais evidente no ensino básico, é certo também que a aproximação dos

pais à escola e à vida escolar dos seus filhos se tornou um hábito salutar. Creio que finalmente se percebeu que estamos todos no mesmo barco e que o nosso objetivo comum é contribuir para uma educação e uma instrução sólidas e para um crescimento harmonioso dos adolescentes e jovens que atravessam os portões das nossas escolas. Poderá perguntar-se se os pais dos mais problemáticos se mantêm afastados. Responderei que nem sempre. Às vezes vêm desesperados pedir ajuda porque não encontram soluções. Na minha direção de turma tenho dois casos destes. Deles falarei em breve.

Mas voltemos ao assunto escolhido para hoje. Conhecido que vai sendo, aos poucos, o meu 7.º 2, gostava de apresentar os progenitores dos meninos.

Enchem sempre as salas onde nos reunimos porque a turma é grande e para cada aluno vêm, muitas vezes, o pai e a mãe (o que é outra inovação dos últimos anos). Nas primeiras vezes que nos encontrámos foi engraçado (é sempre) tentar perceber quais os pais que correspondiam a cada aluno. Nalguns foi muito fácil. Reconheci os mesmos traços fisionómicos, a mesma cor de olhos, a mesma forma de falar ou de sorrir. Noutros parecia não haver parentesco e lá fiquei na dúvida, sem saber se seriam pais ou padrastos/madras-tas (outra realidade recorrente no tempo presente). Hoje, já quase no final do ano letivo, conheço todos os encarregados de educação dos meus 28 alunos. E, tal e qual como os filhos, também os pais formam um grupo muito heterogéneo. De uma maneira geral são jovens (um ou outro será mais velho porque alguns destes meninos são fruto de segundos casamentos) e de educações e profissões muito variadas. Normalmente os primeiros a chegar são os pais da Sílvia, que são os representantes dos encarregados de educação da turma. Ele é arquiteto e ela é decoradora (são ambos licenciados). Pertencem a uma

família conhecida da cidade e estão satisfeitiíssimos com a vinda da filha de um colégio para a escola pública. Achem que a Sílvia se tornou muito mais autónoma e desenvolta. É essa também a opinião dos professores que a viram ficar ao longo do ano mais solta e bem-disposta. Logo de seguida costumam entrar uma série de casais animados que, com os pais da Sílvia, formam o tal grupo que já se conhece há vários anos. São eles os pais da Ana Maria, ambos professores numa escola do concelho, os pais da Branca (ele chefe de obras, possuindo o ensino secundário, e ela auditora com mestrado concluído no início do ano) e os pais do Hugo – a mãe é vendedora imobiliária com o secundário completo e o marido (padrasto do Hugo) que não sei o que faz. A Ana Maria, o Hugo, a Branca e a Sílvia são um grupo de meninos com belíssimas notas, amorosos, bem comportados, responsáveis e muito simpáticos. Um luxo de meninos. Felizmente não são os únicos. Mas voltemos às apresentações dos encarregados de educação.

Chegou entretanto a vez de entrarem na sala de reuniões as mães. Estas senhoras raramente vêm acompanhadas. Ou porque vivem sozinhas com os filhos ou porque os maridos delegaram nelas estas coisas dos miúdos, ou porque o emprego dos parceiros não permite que eles estejam disponíveis às 19h00. Uma das mais fiéis e participativas (e aqui para nós que ninguém nos ouve, mais ansiosa) é a mãe do Duarte, auxiliar de ação educativa e que, tal como o marido (motorista), tem o 2.º ciclo. Vem normalmente com a mãe do Rogério que é licenciada e chefe de cobranças. A família do Rogério é monoparental mas sei pelos registos que o pai é contabilista e também licenciado. Outro grupo de mães é composto pelas encarregadas de educação dos dois Paulos da turma, uma jurista e outra inspetora, ambas licenciadas e casadas, respetivamente, com um

jurista e com um advogado (conheço este último por uma questão que houve entre o filho e a professora disciplina de Francês no final do primeiro período), pela mãe do Gabriel (professora, assim como o marido, numa escola da zona), pela mãe da Felícia, secretária, licenciada e casada com um engenheiro informático e pela encarregada de educação do Nataniel que é bancária (outra família monoparental com antigos problemas de violência doméstica que muito afetaram o meu aluno e a sua irmã). O Duarte, o Rogério, um dos Paulos e o Gabriel são alunos de muitos 4 e 5. O outro Paulo, o Nataniel e a Felícia são alunos mais fracos mas sem problemas de aprendizagem. Uns e outros são miúdos encantadores com quem dá gosto trabalhar não se justificando de forma nenhuma a ansiedade da mãe do Duarte, que é um gorducho esportíssimo.

O último grupo de mães é composto pela mãe da Natacha (auxiliar de ação médica e com frequência do ensino secundário, assim como o marido, que é empregado de armazém), a mãe da Camila (agente da PSP, com o 2.º ciclo e que vive sozinha com as filhas), a mãe da Vera, que é uma das meninas repetentes da turma e que não preencheu na sua ficha os dados referentes nem à mãe nem ao pai, a mãe da Sabrina (a tal menina muito grande apesar dos seus 13 anos) que é empregada de limpeza (outra família monoparental), a mãe do Tomé que é bancária e que frequentou o ensino secundário tal como o marido que é agente de viagens, a mãe da Judite, técnica de análises (mais uma família monoparental) e a mãe da Diana de quem não tenho quaisquer dados. Estes meninos e meninas já não são tão bons alunos nem tão bem comportados como os outros. Excetuando a Natacha e a Camila, que são alunas de 4 e de atitudes irrepreensíveis, os outros têm notas francamente mais fracas e são menos exemplares. Não é que sejam mal-educados,

no sentido de responderem de forma desadequada a um professor, mas são tagarelas, distraídos, e acabam por formar à sua volta focos de desatenção. A Judite e a Sabrina fazem parte do grupo de alunos que podem vir a ficar retidos pelo elevado número de negativas que têm. A Diana e o Tomé, por mais que os mudemos de lugar, arranjam sempre forma de conversar com alguém. São do tipo de «disparar em todas as frentes» e concentração não é uma palavra que lhes caracterize a atitude.

Já se percebeu certamente como o 7.º 2 é mesmo uma grande turma. É que já falei de imensa gente e ainda falta o grupo dos pais, dos homens. São aqueles que aparecem sempre e cujas mulheres raramente vejo. Estão neste lote o pai da Ana Lara, que também é motorista com o ensino secundário (não tenho registos da mãe), o pai da Sónia (desempregado, assim como a mãe e ambos com o 1.º ciclo), o pai do Nelson (de quem não tenho registos) e o pai da Lúcia (que é professor e marido de uma ex-colega da minha escola). Os meninos destes pais formam um grupo apagado nas aulas, pouco participativo (apesar de a Lúcia ter notas bastante boas), mas só o Nelson está em riscos de retenção.

Está apresentado o conjunto de encarregados de educação do 7.º 2 que nunca falta às reuniões. De entre eles, uns são afoitos e participativos, outros envergonhados e quase pedindo desculpa por fazerem perguntas sobre os filhos. Já reparei que, como o número de gente instruída e com um poder de compra elevado (que se nota na roupa) é significativo, alguns pais, nomeadamente a mãe da Sabrina, não se sentem muito à vontade para colocar em voz alta as suas dúvidas. Para contornar esta e outras questões tenho por hábito passar por cada mesa e conversar individualmente com os encarregados de educação, aproveitando o momento em que as fichas com informações

das várias disciplinas são postas a circular. É que há coisas que não precisam de ser ditas em voz alta, e contar uma gracinha, chamar a atenção para determinado comportamento ou apenas tentar saber por que razão o miúdo ou a miúda estão mais tristes ou mais cansados é uma forma simples de me aproximar dos pais e ganhar para o meu lado esses companheiros de luta.

Faltam: a mãe do Emílio, que é educadora de infância com uma filha pequena de um segundo casamento e que nunca consegue vir às reuniões mas que aparece muitas vezes na hora de atendimento, a mãe e o padrasto da Cristina, ambos com o 2.º ciclo e empregados num hipermercado, a mãe da Marília, da qual não tenho dados mas que sei que se inscreveu no Centro de Emprego para fazer um curso que lhe dará equivalência ao 9.º ano e os pais da Ana Catarina (carpinteiro ele, auxiliar de ação médica ela) que só vieram à primeira reunião e de quem não tenho mais referências.

Este último grupo de alunos é muito distinto entre si. Eu apresento-os. O Emílio é um menino muito sério e um estudante mediano, assaz preocupado com a roupa de marca (a mãe fica furiosa e tem desabafado comigo várias vezes porque, segundo ela, os investimentos monetários do pai vão sobretudo para essa área em vez de ajudarem a pagar a sala de estudo e as aulas de guitarra); a Ana Catarina, já com pretensões a ser crescida, não tem negativas mas tem-se progressivamente isolado dos colegas (veio-me pedir para mudar de turma no próximo ano porque não se dá com ninguém nesta); o João está em riscos de chumbar e é tão desconcentrado, tão aéreo, que o conselho de turma achou por bem enviá-lo para a psicóloga da escola. Do relatório por ela elaborado percebemos que o que lhe falta é alguém que lhe «puxe as orelhas» e lhe imponha regras. Finalmente, a Cristina e a Maria. Destas falarei

numa página própria. São os casos mais complicados da turma. Aliás são «os casos» da turma.

A meio do segundo período ainda apareceu mais uma aluna (uma segunda Cristina) vinda de uma escola de um outro concelho. Pela postura apagadíssima, pelos maus resultados que trazia e pelos maus resultados que continuou a ter, foi sinalizada para os Serviços de Apoio e Psicologia da escola. A mãe já foi chamada e brevemente teremos alguma informação.

Estes são os pais dos meninos com quem lido três vezes por semana, 45 minutos de cada vez (90 minutos em História, 45 em Formação Cívica). Até agora as reuniões têm sido muito cordiais, os encarregados de educação parecem satisfeitos com o que a escola e os professores proporcionam aos seus filhos (exceção para os problemas - insignificantes, convenhamos - da mãe do compincha Duarte) e eu saio sempre com a agradável sensação de que podemos contar uns com os outros. Afinal, como disse antes, estamos todos no mesmo barco e o nosso objetivo é criar rapazes e raparigas aptos a enfrentar o mundo e a vida num século XXI que vai ser mais difícil do que foi o século XX para a maioria dos seus pais.

DIÁRIO 4

12 de maio de 2012

A Cristina e a Maria

Já falei na Cristina e na Maria apontando-as como os casos mais difíceis do 7.º 2 e são-no de facto. Começo por contar a história da primeira, que está aliás intimamente ligada à da segunda.

Quando recebi a turma em setembro, constatei que havia duas alunas repetentes, a Vera, que tinha neste ano a sua primeira repetência, e a Cristina, que ia frequentar o 7.º ano pela terceira vez. Nem ela nem o encarregado de educação apareceram no tal primeiro encontro para conhecer a escola (o que é natural porque farta de conhecer a escola estava a Cristina). Quando as aulas começaram e finalmente a conheci, estranhei. Parecia-me uma menina (tinha 14 anos na altura) dócil e meiga, que se sentava na carteira da frente e fazia todos os trabalhos que lhe pediam. No primeiro teste de História teve 62 por cento. Nas aulas, mostrava-se tão atenta e interessada que, com o passar do tempo, até me esqueci de que estava ali uma bi-repetente. Ao chegarem as primeiras intercalares, o professor de Educação Tecnológica, que já a conhecia desde o seu primeiro 7.º ano, alertou-nos para o facto de, em geral, a Cristina começar a faltar às aulas no início do segundo período. As duas vezes que reprovava fora por excesso de faltas. Informados dos antecedentes da aluna combinámos esperar até ao Natal (naquela altura estava tudo bem) e depois, se fosse necessário, pedir tutoria (as tutorias são um dos serviços que os professores prestam para alunos que precisam de orientações mais individualizadas no que refere a organização de estudo e de trabalho).

Logo de seguida marquei uma reunião de pais. A mãe da aluna esteve presente. Era simpática e com bom aspeto. Disse-me ser empregada no Jumbo assim como o marido (que não é pai da Cristina mas que vive com ela desde os seus três anos). Garantiu-me que este ano as coisas iam ser diferentes, que estaria sempre «em cima» dela (uma expressão muito utilizada pelos encarregados de educação nestes casos) para que não «descarrilasse» como já tinha acontecido. Sabia que a Cristina faltara a Educação Tecnológica por ter ido ao médico e essas faltas seriam prontamente justificadas. Acreditei e pensei que tudo correria dentro da normalidade. Como me enganei!

A meio do mês de novembro a direção da escola avisou-me de que iria entrar no 7.º 2 uma nova aluna. A Maria (assim se chamava) estivera até então no 7.º 6, mas, por fazer parte de um grupo de três alunos que impediam sistematicamente o funcionamento das aulas, a direção tinha resolvido separá-los e espalhá-los por três turmas diferentes. A Rita ficaria no 7.º 1 (neste momento foi enviada pela família para Braga numa tentativa desesperada de a separar das péssimas companhias com quem andava), o Toni no 7.º 4 (é também meu aluno e tem acumulado dias de suspensão atrás de dias de suspensão) e a Maria que se integraria na minha turma. Confesso que não achei grande graça à novidade. Iria a minha doce turma sofrer a influência da nova aluna? Preparei-me para o pior e esperei. Esperei muito porque a Maria, aproveitando os trâmites legais da passagem de uma diretora de turma para outra, não apareceu às aulas durante uns tempos. Quando finalmente se dignou aparecer achei-a com um ar de rapariga vivida, com uns olhos pequenos e de expressão desafiadora (apesar de nunca ter sido incorreta comigo). Percebi que fumava mas não cheguei a saber

se era só tabaco. Como a mãe não contactava comigo convoquei-a por telefone para uma reunião com caráter de urgência. Veio. Fisicamente era parecida com a filha. Tratava-se de uma mãe solteira, com mais duas crianças em casa, tendo em tribunal um processo porque o pai das miúdas não lhe pagava a pensão de alimentos. Pareceu-me nervosa, pouco educada, achando que a culpa do mau comportamento da Maria era dos professores, ou da escola, ou dos colegas (não cheguei a perceber bem!). Fomos ambas ao gabinete do elemento da direção que trata das questões disciplinares porque a Maria ia ter dois dias de suspensão. O conflito prontamente estalou entre o professor e a senhora.

Os diferentes pontos de vista sobre o que a escola deve fazer nos casos de absentismo foi o mote. Sanada a questão, combinei com a encarregada de educação que todos os dias iria à sala da turma ver se a Maria estava a assistir às aulas e que assim que ela faltasse lhe enviaria uma SMS.

Nos primeiros dias a Maria esteve realmente nas aulas mas rapidamente recomeçou a faltar e dessa vez não o fez sozinha. A Cristina começou a faltar com ela. Por vezes, nos dias em que a Maria vinha, quem não aparecia era a Cristina. Não sei quantas SMS mandei para a mãe da Maria. A certa altura enviei uma carta a dizer que não usaria mais aquele meio de informação (não se justificava o trabalho, o tempo e o dinheiro gastos). Agora seria por carta, e semanalmente como é normal. Não obtive resposta. Quanto à Cristina, como os pais têm *mail*, quase todos os dias lhes escrevia a dar conta da situação. Sinalizei-a para o projeto Liga-te (fiz o mesmo com a Maria). Recebi a mãe e o padrasto fora das minhas horas de atendimento para tentarmos encontrar uma solução para a Cristina. Cada um desses encontros foi muitíssimo constrangedor, sobretudo

aqueles a que compareceu só a mãe. A senhora sentia-se completamente perdida sem saber como lidar com a situação. Nos primeiros encontros dizia-me sempre que tivera uma conversa séria com a filha e que estava convencida de que as coisas iam mudar. Falei eu com a Cristina vezes sem conta (na rua, quando a apanhava, porque agora raramente aparecia nas aulas) e ela dizia sempre que ia mas nunca aparecia. A direção da escola, na pessoa do professor Matos, fez a estas duas alunas uma vigilância cerrada. Mandava saber se tinham entrado na escola (pelo sistema de cartão que possuímos sabemos sempre quem está no recinto escolar). Se fosse confirmada a entrada e não estivessem nas aulas, os funcionários, se as vissem, tinham indicações para as mandarem para a sala onde estavam os colegas. Nada funcionou. Nos últimos encontros com a mãe da Cristina percebi que a esperança na resolução do problema estava também perdida. A chorar, dizia-me que não sabia o que havia de fazer. Tentava ser uma mãe presente mas a miúda pregava-lhe sucessivas mentiras. Sabia – toda a escola o sabia – que a Cristina namorava um rapaz que estava longe de constituir um exemplo de virtude (tal como o Toni, acumula suspensões). «Em vez de se juntar aos colegas da turma que são tão amorosos só se junta com este tipo de gente», lamentava-se, e eu pensava que os amorosos colegas da turma são umas crianças ao pé da Cristina, que nesta altura já se acha muito crescida.

A história da Maria e da Cristina ainda não acabou. Neste momento, pelo elevadíssimo número de faltas (já vão nas 65 a Português), foram ambas sinalizadas para a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) que trabalha com menores em situações de risco. Na última reunião que tive com a mãe da Cristina e em que a aluna também estava presente, assim como o professor Matos,

tinha-lhes sido dito: «Se deres mais uma falta comunicaremos o teu caso à CPCJ com tudo o que isso acarreta de mal-estar para os teus pais, que ficam claramente na situação de serem incapazes de te educar.» No dia seguinte a primeira aula era a de História. A Cristina e a Maria estavam lá. A seguir era Educação Física. Faltaram.

DIÁRIO 5

28 de maio de 2012

As Marias e as Cristinas

Na passada quarta-feira, andando eu feliz pela escola a participar nas atividades da Semana do Patrono, reparei num pequeno carro vermelho cuja proprietária me cumprimentou. Para falar verdade não percebi bem quem era mas quando a vi entrar pelo portão reconheci-a, era a mãe da Cristina. Vinha saber se a filha estava na escola. Não estava, apesar de ter mandado à mãe uma mensagem a dizer que saíra da aula naquele momento. Ao longo da conversa fomos percebendo uma teia de mentiras urdida pela aluna (que tem uma imaginação prodigiosa!) e que foram sendo desmascaradas pelas pessoas junto de quem íamos indagando. Enquanto esperávamos pela aluna (que a mãe mandou que viesse imediatamente para a escola através de um telefonema) a senhora, desfeita em lágrimas, ia-me contando a vida de mentiras e de preocupações que a Cristina protagoniza. Enquanto a ouvia, pensei na pergunta que alguém me fez no outro dia: «Na sua opinião, se é que sabe, o que se passa no fundo destas miúdas?» Há tantas Marias e Cristinas! E estas, sendo dois casos distintos, acabam por ser quase protótipos dos absentistas do ensino básico. Conheço mal a Maria mas parece-me ser o exemplo mais comum. Proveniente de uma família desestruturada e sem grandes rendimentos, foi criada por uma mãe que se me afigura também pouco educada. Por outro lado, a sua história escolar não é brilhante. Não me parece que seja uma miúda especialmente inteligente, lê mal, escreve com muitos erros, é pouco trabalhadora.

Como também é indisciplinada (na minha turma nunca o foi mas não esqueçamos que foi para o 7.º 2 pelas muitas faltas disciplinares que tinha no 7.º 6) não aprende nas aulas e como não estuda, perde rapidamente o «comboio» do sucesso. Daí ao absentismo é um instante. Os alunos com este perfil vão perdendo anos a fio e, quanto mais reprovam, maiores vão ficando em relação aos outros das turmas em que se integram em cada novo ano. Outros interesses, outras experiências, às vezes companhias indesejáveis vão afastando estes jovens da escola. Escola que acaba por não ter grandes respostas para estas situações. É verdade que existem os CEF (Cursos de Educação e Formação) que são, para o aluno, segundo o nosso Ministério, «uma oportunidade para poder concluir a escolaridade obrigatória, através de um percurso flexível e ajustado aos seus interesses, ou para poder prosseguir estudos ou formação que lhe permita uma entrada qualificada no mundo do trabalho», mas que na prática são muitas vezes autênticas bombas pelo tipo de alunos que se juntam numa só turma. Por outro lado a «entrada qualificada no mundo do trabalho» é, naturalmente, uma utopia. De qualquer forma os pais deste tipo de alunos veem os CEF como a última esperança para que os seus filhos tirem pelo menos o 9.º ano já que «nos dias que correm até para se tirar a carta de condução é preciso ter o 9.º ano» (é isto que dizemos a todos os absentistas como «cenoura» para concluírem o ensino obrigatório, que passou entretanto para 12 anos de escolaridade). Quanto à Cristina a situação é diferente. A mãe e o padrasto são pessoas educadas, ambos trabalham e não me parece que tenham grandes problemas económicos. A zona onde habitam é tranquila. A Cristina vive com o padrasto desde os três anos e tem um irmão deste novo casamento da mãe. É uma miúda engraçada, com um ar dócil, que, infelizmente, foi perdendo ao longo do ano. Quanto à sua escolaridade anterior

parece-me ter sido uma aluna bem preparada no 1.º ciclo. Não dá erros, tem uma boa caligrafia e, como já referi, no início do ano tinha notas positivas nos testes das diversas disciplinas. Estes são os absentistas mais difíceis de compreender. Parece que têm tudo para ser bons alunos ou pelo menos para fazerem um percurso escolar normal e sem aflições, e depois falham.

Que se passa nas suas cabeças? Não faço ideia. Rebeldia, idade de afirmação, prazer em contrariar os pais e os professores, desinteresse, preguiça, falta de perspetivas de vida, paixonetas por gente errada, falta de valores sólidos nas famílias, falta de gosto pelo estudo, sei lá... Para as Marias e as Cristinas a escola é uma «seca», um dever que só traz «chatices». Acham que estudar é para os «marrões» e por isso a doce e trabalhadora turma do 7.º 2 parecia-lhes certamente uma aberração.

Não entendem, por mais que eu lhes tenha dito, que a escola não é apenas um dever mas é também um direito, direito a que têm acesso e que desperdiçam displicentemente. Quando olho para estas miúdas lembro-me de tantas e tantas pessoas que, ao longo dos séculos, nunca tiveram a hipótese de aprender sequer a ler. Lembro o sonho da escola obrigatória e gratuita dos primeiros republicanos. Lembro o esforço de tantos e tantos professores. Lembro a angústia de tantos pais. Lembro, prosaicamente, os impostos que todos pagamos para a sua educação. E, para ser totalmente franca, apetece-me bater-lhes!

DIÁRIO 6

26 de junho de 2012

Os exames de História

Em páginas anteriores referi o quanto as pedagogias, os parâmetros de avaliação, a documentação requisitada, etc., mudaram ao longo dos últimos 30 anos. Outra das mudanças registadas foi o nível dos programas que se lecionam em cada disciplina. A História é disso exemplo. Enquanto no ensino básico a disciplina tem mantido invariavelmente os mesmos conteúdos (começa na Pré-História, passa pelo Egito, pela Grécia, por Roma, atravessa séculos – e anos letivos – até ao século XX e ao 9.º ano), no secundário já teve vários modelos. Há uns anos dava-se História de Portugal nos 10.º e 11.º anos. Era interessante, era produtivo e permitia fazer ligações muito interessantes com o Português. Quantas visitas de estudo fiz com uma colega e amiga da escola, porque estava ela a dar Fernão Lopes e as suas *Crónicas* e eu a crise de 1383-85! E quantos passeios ao vale de Santarém e à «menina dos rouxinóis» que davam imenso jeito quando estava a lecionar a Revolução Liberal e a Guerra Civil! Nessa altura o 12.º ano tinha só três disciplinas, o nosso programa começava com a Teoria da História e o resto era dado em três grandes temas. Os conteúdos para o exame eram só do 12.º ano.

Depois tudo mudou. O programa do secundário passou a ser muito semelhante ao do básico. Começa na Grécia (no 10.º ano) e vai até à tarde de ontem (no 12.º)! É uma disciplina trienal, com três blocos semanais, três livros para lecionar (um em cada ano) e inicialmente dizia-se que o exame seria feito tendo em conta a matéria

dos três anos, mas nunca o chegou a ser. Apenas o 12.º ano é testado. Ora, um dos problemas dos conteúdos lecionados no 12.º ano é que o último módulo começa com o fim da União Soviética e vai até «ontem à tarde». Nós, os de História, costumamos dizer que aquilo é Sociologia. Não temos distanciamento no tempo para fazer uma abordagem histórica que seja isenta, podendo levar, por vezes, a leituras subjetivas. Este ano dei explicações a uma miúda muçulmana. Enquanto falava no terrorismo, nos extremismos islâmicos ou nos problemas do Médio Oriente, pensava: «Deus queira que não saia isto no exame senão a rapariga ainda se põe a defender o Corão e esquece-se dos factos.» As respostas não são mais ideológicas do que históricas porque os nossos alunos já não têm, na sua maioria, referências ideológicas ligadas a questões políticas (ou, na verdade, a outras quaisquer). É muito difícil explicar o marxismo hoje porque se perderam as referências revolucionárias que a seguir ao 25 de Abril todos tínhamos. Invariavelmente, os alunos dizem nas aulas que não vão votar quando tiverem idade porque a política não lhes interessa e os partidos são todos a mesma coisa. Para eles a Campanha do Trigo dos anos 30, o 25 de Abril de 74 ou a Guerra dos Cem Anos são coisas igualmente longínquas. Por estas e outras questões acho preciosas todas as horas que têm para aprender História. Não para decorar coisas mas para aprenderem a olhar realidades, a perspetivá-las, a pensá-las, a percebê-las, a questioná-las e terem argumentos e conhecimentos para as mudar. Tirando este aparte olhemos para o exame deste ano.

É na sua globalidade um exame acessível e até relativamente curto. Muito baseado em documentos, como é usual, acaba por pedir coisas tão específicas (por exemplo nas perguntas 1 e 2 do Grupo I) que não dá azo a respostas elaboradas, o que às vezes é perigoso porque

os alunos têm a tendência para fazer paráfrases dos documentos ou então «listas de supermercado», como lhes chamo, sem construírem um texto coerente e lógico. O grupo II, todo ele ligado a Portugal, tem documentos interessantes. A questão 3, que é por excelência a questão de desenvolvimento (os miúdos estão habituados a este esquema de resposta porque, desde o 10.º ano, nele são treinados em aula), envolve um período normalmente bem trabalhado em classe. Abarca quase todos os aspetos da sociedade portuguesa do após Segunda Guerra Mundial e permite, assim os alunos o consigam, dar boas respostas. O Grupo III é o tal que tanto podia sair num exame de História como no de outra disciplina qualquer. O tema é interessante, não digo que não fosse abordado nas aulas, mas parece-me que seria ideal para debates e trabalhos de pesquisa, não para exames. Como não me quero repetir em relação à subjetividade fico-me por aqui. Os critérios de avaliação desta vez são generosos (costumam ser muito rígidos e, às vezes, até injustos por demasiado espartilhados), permitindo um leque de respostas amplo. Talvez o objetivo seja não haver descalabros nas notas, como sucedeu no ano passado a Português ou às tradicionais Física e Matemática. Como não tenho alunos a fazer exame e não corrigirei provas, conservo um distanciamento emocional em relação à prova. Creio, no entanto, que de uma maneira geral os alunos da minha escola estarão preparados para a fazer.

Mas, se repararmos, este é o exame de História A. Ainda há outro, de História B, que é próprio das turmas de Economia, e que aparece em opção juntamente com a Geografia. É bienal e o seu programa começa nas economias-mundo do século XVI e acaba também na «tarde de ontem», tem três livros para serem lecionados em dois anos e o exame contempla as matérias desses dois anos. Tenho uma turma de 10.º ano desta História B. São 9 alunos numa turma de 26.

Os outros escolheram Geografia porque dá muito menos trabalho. Resta-me a consolação de que todos os miúdos que foram da minha fornada anterior e que ingressaram nesta turma escolheram História.

Se compararmos os dois exames podemos constatar que têm estruturas muito semelhantes: ambos têm um discurso do Obama. Os documentos são variados e abordam temas bastante trabalhados. Só a questão de desenvolvimento é muito americanizada (talvez para contrastar com a que incide sobre a União Soviética, da História A). O Grupo I, por ser uma matéria de que os miúdos gostam, é francamente acessível. Só não pontuará aí quem não tiver ouvido nada das aulas.

Concluindo: neste mundo «tenebroso» dos exames, este ano, do de História ninguém se poderá queixar. Assim correspondam os alunos.

DIÁRIO 7

29 de junho de 2012

Desânimo

Sou por natureza uma pessoa pacífica que se adapta com alguma facilidade a diferentes situações. Como aluna e como filha fui obediente (e isso nunca me custou nada porque tive, graças a Deus, bons pais e bons professores). Por outro lado, tendo 15 anos quando aconteceu o 25 de Abril, habituei-me a fazer comparações entre o que estava antes de Abril e as coisas que depois fomos conquistando. Atravessei o Verão Quente de 75, o 25 de novembro e todo o processo de *democratizar, desenvolver e descolonizar* com fervor. Na minha cabeça formou-se a máxima de que «nunca se perde um direito adquirido». Esta conversa serve para se perceber que é preciso que muito tenha acontecido para chegar ao desânimo em que estou agora.

No dia em que, há uns três anos, analisámos em conselho pedagógico a nova legislação que instituía o reinado dos diretores, até chorei. A escola que eu conhecia acabou nesse dia. As eleições democráticas em que os professores votavam nos colegas a quem reconheciam competências para dirigir a escola, o grupo ou o departamento, acabaram. Nomeado pela tutela, o diretor foi-se tornando progressivamente todo-poderoso. Depois veio toda a questão da avaliação dos professores. Reconheço que tem de haver avaliação. Não sei qual será a forma mais justa e tranquila de a fazer, mas sei que do modo como foi realizada criou uma situação altamente conflagradora nas escolas. As quotas, diminutas sobretudo para uma escola grande (apesar

de, graças à nossa boa classificação na avaliação externa, podermos ter um maior número de notas *excelente* e de *muito bom*), lançaram colegas contra colegas e azedaram relações que eram cordiais. Dentro do meu próprio grupo (do qual sou coordenadora) os professores contratados digladiaram-se de uma forma que me deixou o coração partido. Percebi que para eles a escola é um mundo cão e que se for preciso pisar alguém para manterem o emprego o fazem sem escrúpulo ou arrependimento.

Este despacho normativo 13-A/2012 que organiza o futuro das escolas foi a machadada final. É um documento arrasador. Nem quero imaginar o número de colegas que vão ficar no desemprego!

As turmas com um mínimo de 26 alunos e o fim da Formação Cívica roubam naturalmente horas para a constituição de horários tal como a extinção da Área de Projeto e do Estudo Acompanhado já o tinham feito. Abrir as turmas de opção com 20 alunos (até aqui era com 10) vai acabar com várias opções e reduzir mais uma vez os horários. O fim da Educação Tecnológica vai excluir da escola colegas que nela lecionam há mais de 20 anos. Os horários-zero – aplicáveis a pessoas do quadro que por circunstâncias várias não tinham horas letivas para perfazer um horário completo – para professores a quem bastava que tivessem duas horas para se manterem na escola, têm agora de ter seis (seis horas para algumas disciplinas são três turmas: onde as há?). Os vice-diretores passam a ter de lecionar pelo menos oito horas, o que acho bem para não se tornarem criaturas de gabinete, longe da sala de aula e portanto falando do que não sabem, mas o certo é que sobram menos tempos letivos para os outros. Brevemente todas as escolas estarão agrupadas. Os agrupamentos, enquanto tais, não são maus. É reconfortante para os pais e os alunos serem acompanhados pela mesma rede de escolas desde o infantário

até ao fim do secundário, mas por outro lado o agrupamento implica redução de pessoal, tem um só diretor para variadas escolas e a gestão de tudo isto às vezes é pouco operacional. Tenho colegas, cujas escolas já estão agrupadas, que me confidenciaram que nos primeiros conselhos pedagógicos em conjunto ficaram estupefactas com o terem de tratar do leitinho dos meninos e das horas da sesta. São realidades totalmente diferentes misturadas para suportar medidas economicistas. O rol podia continuar mas para não correr o risco de me tornar maçadora, termino com uma situação que me deixou particularmente desgostosa. Em março, a tutela apresentou uma proposta de revisão curricular em que as Ciências Sociais e Humanas do 3.º ciclo (História e Geografia juntas) ficariam com cinco blocos. Rejubilámos. Finalmente dava-se mais uma migalhinha à História. Cheios de esperança pensámos que talvez alguém do Olimpo se tivesse, por fim, apercebido da importância da nossa disciplina. Enviámos para o Ministério o nosso documento de sugestões congratulando-nos com tal decisão. Enfim, éramos um grupo de gente feliz. Eis que o famigerado 13-A transforma tempos (atualmente segmentos de 45 minutos) em minutos e a História e a Geografia ficam com 200 minutos no 7.º, 200 no 8.º e 250 no 9.º para dividirem entre si. Íamos todos morrendo. Então, perguntávamo-nos, onde está o aumento anunciado? Não só não ganháramos nada como ainda ficávamos com a questão de como dividir 250 minutos por duas disciplinas! Foi a revolta total. Foi como se nos tivessem mostrado um rebuçado e depois, quando já antecipávamos prová-lo, nos dissessem: «Temos pena mas afinal o rebuçado não é para vós!» Uma desilusão! Penso muitas vezes que ainda havemos de pagar caro a displicência com que se tratam as Humanidades e a submissão às Ciências Exatas. Lembro-me sempre de uma das cenas do filme de Steven Spielberg, *A Lista de Schindler*:

quando os soldados nazis separam os habitantes do gueto de Varsóvia em duas categorias – trabalhadores úteis e trabalhadores dispensáveis (leia-se destinados aos campos de morte) – consideram inútil um professor de Literatura e de Filosofia e encaminham-no para a fila destinada ao extermínio. Como se o ensino nobilíssimo das ideias e das letras fosse sem serventia e até subversivo. Felizmente que a barbárie nazi faz parte da história, mas olhando com mais atenção para o nosso mundo apercebemo-nos de que os princípios humanistas estão, cada vez mais, relegados para segundo plano. Que lugar têm as Humanidades no nosso tempo? Que importância na vida do país? Que relevo nas nossas escolas? E nas Humanidades, onde fica a História? Onde fica concretamente a História de Portugal? Como se podem criar memória e identidade nas gerações mais jovens se não se lhes mostra o passado para que possam compreender o presente? Será que quem pensa superiormente estas coisas já percebeu que um país sem história é um país sem identidade? E que a História é uma ciência social com uma dimensão tão global e tão abrangente que não exclui nada do que é humano? E que quando ensino História estou a promover valores como a tolerância, a abertura de espírito face a outras visões da realidade, a perceber a relatividade de todas as coisas, a desenvolver a capacidade de olhar os factos e os acontecimentos segundo uma perspectiva crítica, a ajudar a pensar historicamente?

Não quero parecer corporativista. Recordo a minha mãe que morreu há quatro anos com Alzheimer e conforme as memórias se iam apagando da sua cabeça vi-a deixar de ser um ser humano para passar a ser apenas um corpo. E, se já não o soubesse, percebo que a nossa vida é feita da nossa história porque o presente é breve e o futuro a Deus pertence.

DIÁRIO 8

6 de julho de 2012

O último conselho de turma

Ao longo do ano letivo há vários conselhos de turma. Há o do início do ano em que os professores se reúnem para aferir atitudes e regras para a turma (que ainda não conhecem, mas enfim!), há o intercalar e de final do 1.º período, o intercalar e de final do 2.º período e finalmente o de conclusão do ano letivo. É sobre este que hoje vou falar. É o mais importante e o mais longo de todos os conselhos de turma. Nele se decide a progressão ou a retenção dos alunos a partir das propostas de notas que os professores apresentam. Nele se faz o balanço de um ano de trabalho, se preenchem milhares de papéis (fichas de avaliação global, relatórios de retenção, planos de acompanhamento, etc.) e se traçam linhas para a vida da turma no ano seguinte. Nele se ponderam aprendizagens, se perspetivam futuros, se propõem métodos para os que, não tendo atingido as competências necessárias, ficarão novamente no mesmo nível escolar. É um conselho de turma pensado, preparado e organizado com mais cuidado do que qualquer outro. Reter um aluno é algo que nenhum professor gosta de fazer. Creio que ficamos sempre com pena de não termos conseguido cativar o miúdo para a nossa disciplina. Por mim falo, já que o insucesso de um aluno me deixa sempre com um leve amargo na boca. Por isso as notas, bem pensadas, de cada um de nós, são apenas propostas que em conselho de turma analisamos e às vezes até alteramos se em conjunto assim o decidirmos.

Falo agora, brevemente, do último conselho de turma do 7.º 2.

É um bom conselho de turma. Os professores, maioritariamente do quadro de escola, conhecem-se há muitos anos, têm passado por muita coisa juntos, alguns são até amigos pessoais. Este percurso comum criou laços entre a maioria e por isso o clima era de tranquilidade quando começou o conselho de turma. Além do mais, nós, os professores, tínhamos razões para estarmos descontraídos e felizes. O ano correu bem com o 7.º 2. Além da Cristina e da Maria, já conhecidas (que naturalmente chumbaram por faltas), só três alunos ficaram retidos. E esses três foram, durante o ano, encaminhados pelo conselho de turma para os serviços de psicologia da escola. Algo nos parecia errado com eles, o que se confirmou depois da avaliação feita pelas psicólogas. São portanto dois meninos e uma menina que necessitam de uma ajuda especial para superar as dificuldades emocionais e cognitivas que possuem. Não conseguiram passar este ano mas, pelo menos, ficam com um plano de acompanhamento feito para o próximo ano e podem ser ajudados desde setembro. Todos os outros transitaram, alguns deles com notas brilhantes. Nove alunos estão no Quadro de Mérito e receberão, em setembro, o reconhecimento do seu trabalho na festa de entrega dos diplomas. Quando eu era miúda havia nas escolas o Quadro de Honra. Fui aluna de Quadro de Honra e tive sempre algum orgulho nisso. Depois, caiu em desuso por ser tido coisa como que ligada ao fascismo. A reforma educativa anterior reabilitou essa prática chamando-lhe Quadro de Mérito. Na nossa escola, resolvemos fazer do dia da entrega desses diplomas uma festa. São tão poucas as oportunidades de enaltecer os que têm bons desempenhos! Levamos a maior parte do tempo preocupados com os que não estudam, não cumprem, não se portam bem, não adquirem competências, não atingem objetivos, não vêm às aulas. Multiplicamo-nos em garantir fichas, apoios, estratégias,

cartas, encaminhamento para instituições, em atenção de alunos que, às vezes, nos apetecia pôr a trabalhar para aprenderam a rudeza da vida. E aqueles que se esforçam, que são capazes de renunciar à folia e à preguiça para terem as matérias em dia, que estão atentos, que participam, que atingem notas altas, que valorizam a escola, que respeitam os professores e dão bom nome a uma instituição como a nossa, às vezes são esquecidos! Baseada nesta convicção de que é preciso valorizar aqueles que ajudam a promover uma escola de excelência é que fazemos a festa. Festa que é rija, cuidada e que já se converteu num momento de grande importância para alunos, professores e famílias. Isto percebe-se até pela maneira como as pessoas se apresentam. As alunas fazem questão de vir com os seus melhores atavios (os alunos nem tanto), as professoras nunca deixam de ir ao cabeleireiro e até os professores que têm de entregar os diplomas à sua direção de turma fazem das tripas coração e vestem um *blazer*. Como estou sempre na organização da festa, sei como tudo é pensado ao pormenor, com que carinho se decora a sala, se procuram talentos entre os alunos para elaborar um pequeno espetáculo, se imprimem bonitos diplomas, se mandam fazer os *pins* com o emblema da escola e se acolhem pais e alunos. Como diretora de turma tive há umas fornadas uma turma com um único aluno no Quadro de Mérito. Apesar de ter o bonito nome de Afonso Henriques a alcunha dele era *Homero*. Eu dizia-lhe sempre quando lhe entregava o diploma: «Anda cá *Homero* que és o meu orgulho!» Riamos os dois mas a verdade é que para um professor é um orgulho entregar um diploma de mérito a um aluno. Imagine como me sinto feliz por ir entregar nove!

Por tudo o que acabei de contar espero que se perceba como é gratificante ter uma turma como o 7.º 2. Por isso foi um bom conselho

de turma de final de ano. E como gosto de mimar os meus colegas e a reunião foi às 11h00 (e dura normalmente três horas) acabámos a comer um belo pão alentejano com paio de porco preto e queijo fresco (tudo belíssimo e comprado na pastelaria da minha rua) acompanhados por umas cerejas da Gardunha que a Susana, de Matemática, trouxe da propriedade que lá tem. Foi, posso dizê-lo, um final feliz para um ano feliz.